

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

GIOVANNA DE SOUZA CORBUCCI

Mário de Andrade, 1938: correspondência como testemunho da ruptura

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

Mário de Andrade, 1938: correspondência como testemunho da ruptura

GIOVANNA DE SOUZA CORBUCCI

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Culturas e Identidades brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros.

A versão original encontra-se disponível no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

São Paulo

2023

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

C792

Corbucci, Giovanna de Souza

Mário de Andrade, 1938: correspondência como testemunho da ruptura / Giovanna de Souza Corbucci ; Marcos Antonio de Moraes, orientador -- São Paulo, 2023.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade. Versão corrigida.

Título em inglês: Mário de Andrade, 1938: correspondence as a testimony of rupture – São Paulo, SP.

Descritores: 1. Andrade, Mário de, 1893-1945 2. Epistolografia 3. Ruptura I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Moraes, Marcos Antonio de, orient. III. Título.

IEB/SBD125/2023
869.965

CDD 22.ed.

Nome: CORBUCCI, Giovanna de Souza

Título: Mário de Andrade, 1938: correspondência como testemunho da ruptura.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Culturas e Identidades brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros.

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Profª. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profª. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Sumário

Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	8
Introdução	9
1. Mário de Andrade, 1938: fragmentos de um ano	18
1.1 Introdução	18
1.2 Janeiro	19
1.2 Fevereiro	22
1.4 Março	23
1.5 Abril	25
1.6 Maio	28
1.7 Junho	33
1.8 Julho	37
1.9 Agosto	38
1.10 Setembro	40
1.11 Outubro	41
1.12 Novembro	42
1.13 Dezembro	43
2. Impressões, figurações	46
2. 1. “Por enquanto não passo de um funcionário subalterno”	46
2. 2 “Alguma coisa é preciso sacrificar... eu me sacrifico”	50
2.3 “Irei pro Rio sem a menor saudade do terroir”	52
2.3.1 A construção da figura do exilado	57
2.3.2 Exílios no Estado Novo	62
2.3.3 Prenúncios da Guerra	65
2.4 “Estamos comentando suas aulas. Essas últimas então estiveram desacatantes”.	69
2.4.1 O “orgulho de jamais aconselhar”	73
2.5 “Minha alma sem resistências / a Guanabara te entregas / Sem Deus nem teorias poéticas”	76
3. Sentidos da ruptura	84
3.1 Heterotopia e ruptura: Mário na Guanabara	85
3.2 “Nunca mais me alegrarei”	87
3.3 “Eu tenho medo, Moacir!”	90
3.4 Críticas ao modernismo	93
3.5 Sociabilidades paulistanas e cariocas	95
3.6 Quatro pessoas e uma cidade entre luz e sombra	100
Considerações finais	106
Referências bibliográficas	109

Anexo A – Cronologia das cartas	114
Anexo B – Transcrição das cartas enviadas por Mário de Andrade em 1938	116
1. Telegrama a Carlos Drummond de Andrade, 11 jan. 1938	116
2. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 12 jan. 1938	116
3. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 16 jan. 1938	117
4. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 21 jan. 1938	117
5. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 22 jan. 1938	118
6. Carta a Luís Camillo de Oliveira Netto, 24 jan. 1938	119
7. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 22 jan. 1938	120
8. Carta a Murilo Miranda, 31 jan. 1938	120
9. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, sem data	121
10. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 4 fev. 1938	122
11. Carta a Gustavo Capanema, 10 fev. 1938	122
12. Carta a Gustavo Capanema, 18 fev. 1938	123
13. Carta a Paulo Duarte, 22 mar. 1938	124
14. Carta a Sérgio Milliet, 24 mar. 1938	125
15. Carta a Sérgio Milliet, 28 mar. 1938	125
16. Carta a Paulo Duarte, 3 abr. 1938	126
17. Carta a Oneyda Alvarenga, 22 abr. 1938	128
18. Carta a Cândido Portinari, 3 maio 1938	129
19. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 5 maio 1938	130
20. Carta a Renato de Almeida, 7 maio 1938	130
21. Carta a Francisco Curt Lange, 8 mai. 1938	132
22. Carta a Gustavo Capanema, 10 maio 1938	132
23. Carta a Murilo Miranda, 16 maio 1938	133
24. Carta a Renato de Almeida, 18 maio 1938	134
24. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 23 maio 1938	135
25. Carta a Cândido Portinari, 23 maio 1938	136
26. Carta a Augusto Meyer, 26 maio 1938	137
27. Carta a Francisco Curt Lange, 31 maio 1938	138
28. Carta a Renato de Almeida, 23 maio 1938	138
29. Carta a Cândido Portinari, 8 jun. 1938	140
30. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 9 jun. 1938	140
31. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 14 jun. 1938	141
32. Carta a Carlos Drummond de Andrade, 15 jun. 1938	141
33. Telegrama a Carlos Drummond de Andrade, 17 jun. 1938	142
34. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 20 jun. 1938	142
35. Carta a Ênio de Freitas e Castro, 20 jun. 1938	142
36. Carta a Alberto Lamego, 20 jun. 1938	143
37. Carta a Gustavo Capanema, 22 jun. 1938	144
38. Telegrama a Alceu Amoroso Lima, 26 jun. 1938	145

39. Carta a Maria Aparecida Duarte, 27 jun. 1938	145
40. Carta a Carlos Drummond de Andrade, sem data	145
41. Carta a Oneyda Alvarenga, 23 jul. 1938	146
42. Carta a Oneyda Alvarenga, 25 jul. 1938	146
43. Carta a Paulo Magalhães, 4 ago. 1938	147
44. Carta a Paulo Duarte, 19 ago. 1938	147
45. Carta a Oneyda Alvarenga, 28 ago. 1938	148
46. Carta a Cândido Portinari, 30 ago. 1938	149
47. Carta a Oneyda Alvarenga, sem data	150
48. Carta a Oneyda Alvarenga, 5 set. 1938	151
49. Carta a Oneyda Alvarenga, 6 out. 1938	151
50. Carta a Paulo Duarte, 6 out. 1938	152
51. Carta a Paulo Duarte, 27 out. 1938	153
52. Carta a Sergio Milliet, 3 nov. 1938	154
53. Carta a Paulo Duarte, 15 nov. 1938	158
54. Carta a Oneyda Alvarenga, 19 nov. 1938	158
55. Carta a Paulo Duarte, 21 nov. 1938	159
56. Carta a Oneyda Alvarenga, 2 dez. 1938	159
57. Carta a Sergio Milliet, 14 dez. 1938	162
58. Carta a Rubens Borba de Moraes, 23 dez. 1938	164
59. Carta a Oneyda Alvarenga, 31 dez. 1938	165
60. Bilhete a Oneyda Alvarenga, sem data	165

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos, todas e todes que me ajudaram no processo de pesquisa durante o mestrado. No Instituto de Estudos Brasileiros, aos arquivistas, tão atenciosos desde o primeiro dia em que cheguei, encantada com o acervo imenso de cartas e com a profundidade do pensamento de Mário de Andrade, e aos demais funcionários da Instituição, sempre muito cordiais e solícitos.

Aos professores das disciplinas – todas cursadas virtualmente durante a pandemia, em 2020 e 2021 – que me abriram portas para navegar muito além do campo da literatura, explorando debates do meio musical, sociológico, geográfico e educacional. Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, pelo acolhimento, pelo diálogo profícuo, pelas leituras generosas e pelas sugestões certeiras. A Telê Ancona Lopez, professora Emérita do IEB-USP, que conheci por meio dos livros. Aos professores da banca da qualificação, que tanto contribuíram com suas detalhadas análises: Profa. Dra. Silvana Moreli Vicente Dias e Prof. Dr. Rodrigo Jorge Ribeiro Neves.

Aos meus amigos, em especial àqueles que puderam dedicar algum tempo para a leitura e a colaboração na modelagem do projeto de mestrado, desde quando ele ainda era uma ideia trocada em mesas de bar no final da graduação em Letras. Antes disso, aos colegas com quem ensaiei os primeiros gestos de pesquisa, na PUC-Rio, que são também amigos de vida: Carlos Junior, Fernanda Carvalho, Mariana Perelló, Matheus Lima, Samyres Amaral, Thauany Vigar, Seiji Watanabe. Aos queridíssimos Andrei Ferreira, Bruna Freitas, Henrique Lopes, Guilherme Coelho, Jady Louise Melquiades e Vitor Tovil, pelos encontros cheios de leveza e sorrisos – como Mário escreveu em uma das cartas lidas neste trabalho: “vamos nos abraçando na pureza irreal das amizades”.

Aos meus pais, Mônica e Dante, que sempre me incentivaram a persistir na carreira acadêmica e me incentivaram para continuar os estudos após a graduação. Mais do que isso, sempre se interessaram pelo meu percurso. A todas as nossas conversas. À minha mãe, pela troca de ideias e experiências de pesquisa, enquanto escrevia para as disciplinas do mestrado, e por ser colo em todos os momentos. À minha avó, Maria Lúcia, e à Fátima, por serem alicerce. Aos meus tios Eduardo e Jeane, pelos bons momentos juntos. Aos meus sogros, Sueli e Renato, pelo apoio e acolhimento. Ao Renato, pela generosidade em me ajudar com a edição do trabalho e por me tirar de diversos impasses na escrita e na vida.

Sem vocês, este trabalho não seria possível.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo investigar a relação do escritor paulistano Mário de Andrade (1893-1945) com a cidade do Rio de Janeiro, considerando os impactos da sua mudança para a então capital federal, ocorrida em 1938. A partir da análise de 60 cartas enviadas por ele a dezenove correspondentes durante este ano, reunidas pela pesquisa, bem como de outros de seus escritos, acompanhamos um momento de crise na vida do escritor, desencadeado pela sua saída da direção do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, posto que ocupou desde sua fundação, em 1935. Buscamos, assim, compreender a maneira como ele se relaciona com as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo e com as mudanças no cenário político após a instauração da ditadura do Estado Novo. Colocamos em pauta aspectos biográficos, apreendendo o imaginário criado pelo autor de *Macunaíma* em relação aos cariocas e às semelhanças ou diferenças entre as sociabilidades dos intelectuais nessas duas cidades brasileiras.

Palavras-chave: epistolografia; ruptura; Mário de Andrade

Abstract

This dissertation aims to investigate the relationship of São Paulo's writer Mário de Andrade (1893-1945) with the city of Rio de Janeiro, considering the impacts of his move to the then federal capital in 1938. Through the analysis of 60 letters he sent to nineteen correspondents during this year, gathered by the research, as well as other writings, we follow a moment of crisis in the writer's life, triggered by his departure from the leadership of the Department of Culture of the Municipality of São Paulo, role he held since its foundation in 1935. Thus, we seek to understand how he relates to the cities of Rio de Janeiro and São Paulo and the changes in the political landscape following the establishment of the Estado Novo dictatorship. We bring into focus biographical aspects, capturing the imagery created by the author of *Macunaíma* in relation to the cariocas and the similarities or differences between the sociabilities of intellectuals in these two Brazilian cities.

Key-words: epistolography; rupture; Mario de Andrade.

Introdução

Esta dissertação parte do desejo de investigar a relação de Mário de Andrade com o Rio de Janeiro, sobretudo nos anos em que residiu na então capital federal (1938-1941). Com a finalidade de operar um recorte adequado para o escopo de uma dissertação de mestrado, priorizamos a investigação sobre o ano em que o polígrafo chegou com a finalidade de morar na Guanabara, observando quais foram as temáticas sobre as quais conversou com seus dezenove interlocutores neste período.

Dessa forma, partimos do estudo da epistolografia do autor, considerando a leitura de um conjunto de 60 cartas enviadas por Mário de Andrade em 1938 a diversos correspondentes: Alberto Lamago, Alceu de Amoroso Lima, Augusto Meyer, Athos D. Ferreira, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Ênio de Freitas Castro, Francisco Curt Lange, Gustavo Capanema, Luís Camillo de Oliveira Netto, Maria Aparecida Duarte, Murilo Miranda, Oneyda Alvarenga, Paulo Duarte, Paulo Magalhães, Renato Almeida, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Sérgio Milliet. Essas missivas prefiguram “cartas de ruptura” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 96), acompanhando a “transformação do real” na experiência do epistológrafo.

Além disso, observamos, como tal ruptura se prolongou em dois poemas presentes em sua troca epistolar de 1938 (“As Cantadas” e “Luar do Rio”) e em textos escritos posteriormente – com destaque para o romance *Quatro pessoas*, escrito em 1939 durante sua estadia na capital, e a conferência O Movimento Modernista de 1942.

Geneviève Haroche-Bouzinac, em *Escritas epistolares*, afirma que há três formas de se ler cartas. A primeira cumpre-se no próprio intercâmbio epistolar, no qual se realiza a partilha de uma realidade comum, espaço onde vigoram as encenações discursivas. A segunda “se realiza num espaço exterior da dupla epistolar e num tempo que não é o tempo da redação da mensagem” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 14), ou seja, é a leitura que fazemos de missivas escritas por outrem na atualidade. Nesse âmbito, a leitura da carta, facilitada por sua “realização no contínuo” (*idem*, p. 15), seria a que melhor forneceria indícios da “harmonia de uma relação epistolar”. No caso desta pesquisa, leremos apenas “um lado” do jogo epistolar – o das cartas enviadas por Mário de Andrade – de forma a compreender as questões colocadas nas cartas a partir de seu ponto de vista. A autora sublinha que, neste caso, “é o olhar do leitor que faz com que os epistológrafos se tornem personagens de uma ficção verdadeira” (*ibidem*, p. 15).

Uma terceira forma de leitura teria, para a escritora, “natureza meditativa ou moralista”, buscando “extrair desses testemunhos um saber antropológico sobre os comportamentos humanos, modelizando algumas atitudes da vida” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 16). Esse viés, no entanto, mostra-se problemático, por ter a pretensão de que a carta seria “depositária das verdades do indivíduo” enquanto ela é um processo mais complexo de fabricação de si.

Dialogamos, nesta dissertação, com as obras *Mário de Andrade por ele mesmo* (1977), de Paulo Duarte, e *Mário de Andrade. Exílio no Rio* (1989), de Moacir Werneck de Castro, a fim de restituir o ano de 1938 na vida de Mário. Os dois autores buscam analisar o momento mais maduro da vida do autor, passada a euforia inicial do envolvimento nos debates modernistas dos anos 1920. No entanto, tais escritores assumem perspectivas diferentes para justificar a crise e o sofrimento do polígrafo naquele momento. Paulo Duarte foca sua análise na questão político-administrativa que o levou a sair de São Paulo, com destino ao Rio de Janeiro, meses após a implantação da ditadura varguista em 10 de novembro de 1937. Já Moacir Werneck de Castro constrói sua perspectiva por meio de uma comparação entre as duas cidades em que o autor viveu, sublinhando as suas diferenças.

Moacir argumenta que algumas cartas de Mário revelam suas percepções sobre a capital fluminense, figurando um dilaceramento subjetivo: “Da Guanabara, não tenho propriamente saudades”, escreve Mário, em um bilhete ao amigo, em 1941. O período em que viveu no Rio de Janeiro, mais especificamente no bairro da Glória (Zona Sul) e, posteriormente, no de Santa Teresa (Zona Central do município), foi marcado por uma sociabilidade intensa, no convívio com amigos – especialmente, com o grupo de jovens intelectuais, formado por Moacir, Lúcio Rangel, Murilo Miranda e Carlos Lacerda, entre outros. Nesses encontros, predominavam os exageros na bebida, festas e a possibilidade de experimentar um modo de vida bastante diferente do paulistano “lopeschavístico” (adjetivo usado por ele para indicar a rua Lopes Chaves, situada no tradicional bairro da Barra Funda, onde o escritor morou grande parte de sua vida).

Em junho de 1938, Mário foi destituído do cargo de diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, função que atribuiu grande importância à sua trajetória pessoal. Nesse mesmo ano, assumiu cargo como diretor e professor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, sediada em um prédio de uma escola pública no bairro do Catete. Decepcionado com os rumos do país, que acabara de ingressar em uma ditadura sob a liderança de Getúlio Vargas, e impressionado com a

vida na “cidade grande” do Rio, então capital federal, bastante diferente dos arredores da casa de sua família na rua Lopes Chaves, ele “passava a trabalhar menos para conviver mais, sobretudo nas intermináveis conversas e discussões noturnas no bar da Glória” (Castro, 1989, p. 154). Segundo Moacir Werneck de Castro, “sua permanência no Rio, de 1938 a 1941, cristalizou nele essa técnica de convívio com os moços” (*idem*, p. 154).

Segundo Moacir, nesses anos, “os diabos estavam soltos” na vida do escritor paulistano, que participava, com um misto de fascinação e estranhamento, do “espetáculo estranhíssimo” das vidas dos amigos, que formavam, para ele, um “mundo novo, quase incompreensível”, como o polígrafo afirmou em carta a Murilo Miranda em 1941 (Antelo, 1981, p. 67). A perspectiva de Moacir, assim, é a de que, nos anos em que viveu no Rio, Mário vivenciou um “exílio”. Ou seja, em sua análise, foi um momento em que ele experienciou, de fato, o estar “fora de lugar”, distante de sua cidade, de sua “real” personalidade, de suas raízes biográficas, que o levavam a uma postura mais comedida, intelectualizada e confortável. Moacir não conceitua inequivocamente o que seria esse “exílio”, mas abre duas frentes para pensarmos a questão: uma histórica, relativa à ditadura do Estado Novo que “expulsou” Mário da direção do Departamento de Cultura de São Paulo em 1938; e outra biográfica, quanto à novidade de morar fora da casa da mãe, pela primeira vez, em 45 anos de vida. No entanto, interrogo: é possível mesmo falar em “exílio”, quando tratamos de uma figura tão múltipla e complexa como Mário de Andrade? As cartas que ele enviou transmitem sentimentos de desgosto, inadequação ou incômodo, próprios dessa condição?

Dois percepções teórico-críticas orientam as reflexões desenvolvidas nesta dissertação. Pierre Bourdieu, em “A ilusão biográfica” (1986), questiona a ideia de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (Bourdieu, 1986, p. 184). Teresa Malatian, ao se debruçar sobre as cartas como fontes históricas, afirma: “longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e apresentação de si, numa imagem pessoal codificada” (Malatian, 2017, p. 197). Dessa forma, as *mise-en-scènes* de Mário de Andrade nas cartas nos levam a desconstruir a ideia de apresentação unívoca, invocando, por oposição a uma imagem fixa e cristalizada de sujeito, que seus modos de agir diferem a depender do interlocutor e da interação que se estabelece em cada ato

comunicativo. Se, pessoalmente, diz Bandeira¹, ele aparecia com uma postura mais fechada, retraída, em algumas correspondências, esse “eu” se modulava de modo mais visceral, próximo à vontade de desviar das normas de sociabilidade vigentes.

Isso nos coloca uma primeira questão: quem é Mário, enquanto sujeito histórica e socialmente localizado? Como se dava a construção subjetiva no início do século XX, no Brasil, pela qual ele é formado e que o coloca, sempre, em uma postura de “sacrifício” de seu “eu”? Não à toa, ele tanto gosta da frase de Machado de Assis: “Alguma coisa é preciso sacrificar... eu me sacrifico”².

Esta dissertação confronta a visão apresentada por Moacir Werneck de Castro em *Mário de Andrade: Exílio no Rio* com aquela que surge nas missivas de Mário de Andrade enviadas em 1938, momento em que se transfere para o Rio de Janeiro. Ao abordar ou não questões relacionadas à sua vivência na cidade, percebendo as maneiras como ele (se) escreve, encena e constitui suas *personae*, ou seja, como ele se posiciona em relação aos seus diferentes interlocutores, gostaríamos de pensar de que modo a mudança para a capital federal aparece nas cartas, e dimensionar o impacto que esse acontecimento gerou, tanto individualmente, para Mário, quanto para o cenário da educação, das artes e da cultura de que ele participava.

Em paralelo a isso, retomando a questão do “exílio” apontada por Moacir, é possível supor que essa condição tenha sido uma constante na vida do polígrafo paulistano, intensificada em sua experiência carioca – talvez não tanto pela cidade, como alega o amigo, mas em razão de situações políticas e administrativas relacionadas ao Estado Novo.

Mário de Andrade, em carta a Murilo Miranda, considera-se “um indivíduo tão pouco carioca” (Antelo, 1981, p. 51). O que o leva a dizer isso? Como ele constrói, nas suas cartas, um imaginário sobre a cidade do Rio de Janeiro? Por que ele se diz tão “pouco carioca” a Miranda e, ao mesmo tempo, mostra-se próximo daquilo que considera “carioca”, aberto às relações, expansivo, em suas correspondências com amigos “mais moços”, desde os anos 1920? Estão em questão as imagens criadas pelo autor sobre o ser “carioca” e o ser “paulistano”. O que está em jogo nesses imaginários, produzidos coletivamente por diversos intelectuais na época, que colocavam as

¹ Cf. capítulo “Autorretrato, mise en scènes”, de *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*, de Marcos Antonio de Moraes.

² Em carta a Manuel Bandeira, no início de 1925, Mário de Andrade afirma: “Tem uma frase do Machado que me bate sempre na memória. ‘Alguma coisa é preciso sacrificar’”. Eu me sacrifico mas é possível que se ganhe com isso.” (MORAES, 2000, p. 184).

sociabilidades nas duas cidades de maneira tão antagônica? Mário compactuava com essa polarização?

Se a “epistolomania”³ de Mário de Andrade, desde os anos 1920, revelava o gosto de escrever cartas e a sua habilidade, é importante ressaltar as diferenças entre os relatos epistolares, considerando neles as *personae* construídas pelo escritor em face de seus diversos destinatários, a fim de analisá-las e compará-las. O movimento ambíguo característico das escritas epistolares mostra-se patente. Moacir Werneck de Castro relata que, no verão carioca, Mário reclama do calor absurdo a um correspondente, mas, logo após, “escrevia à amiga Oneida que o bafo da fornalha não o molestava: ‘Calor nada! gosto desse calor, me sinto bem e as insônias terríveis não derivam do leal calor. Derivam dos meus diabos’” (Castro, 1989, p. 31).

Esses “diabos” poderiam traduzir a inquietação de um intelectual que se vê transitando entre o erudito, o popular e, com mais resistência, o “popularesco”, como ele mesmo nomeia. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, tal sensação se intensifica e se torna fonte de crises pessoais, anestesiadas por uma vida boêmia, de intenso convívio social, entre a Taberna da Glória, o Bar Nacional e o Bar da Brahma, localizados nas Zona Sul e Central carioca.

Nosso epistológrafo personifica ambiguidades intrínsecas à carta enquanto forma de comunicação que, em um mesmo movimento, apaga e mantém distâncias. Vincent Kaufmann (1990) considera a carta um instrumento usado para instituir a distância entre os correspondentes, em vez de aproximá-los. Mário busca aproximar-se de seu interlocutor e, ao mesmo tempo, procura manter uma distância “segura” dele. Ele, muitas vezes, performava a cena da escrita da carta, contando ao correspondente o que estava fazendo no momento. Tentava igualmente se fazer presente e próximo do seu interlocutor, empregando nas cartas a oralidade, emulando a conversa presencial. Mário via as cartas como seu “espaço da experimentação” (Moraes, 2007, p. 113), da performance, da *mise-en-scène*. Essa liberdade no gesto epistolar estaria presente, também, neste momento tão conturbado em sua vida?

Jason Tércio, autor de *Em busca da alma brasileira*, biografia de Mário de Andrade publicada em 2017, firma o imaginário de que não foram poucas as vezes em que o diretor da Universidade do Distrito Federal “puxava o coro de sambas e marchinhas” na noite. Ele escreve: “Mário adorava o bom samba carioca, o ‘movimento voluptuoso e febril’ dos quadris. Gostava não só de ouvir, mas de tocar sambas e

³ Ele mesmo assim se define, em carta à poeta Henriqueta Lisboa, em 1942.

maxixes ao piano” (Tércio, 2019, p. 405). Ao mesmo tempo, sinaliza, em Mário, uma postura crítica em relação à qualidade estética dessa produção musical: “Mário subestimava marchinhas carnavalescas e muitos sambas como música comercial “popularesca”, arte transitória, de consumo rápido, em contraposição à música ‘popular’ categoria em que cabiam músicas folclóricas e urbanas de boa qualidade” (*idem*, p. 417).

Quanto ao meio literário, à época, no Rio de Janeiro, a poesia não expressava um modernismo disruptivo, com raízes nas vanguardas europeias. De acordo com o biógrafo Ruy Castro (2022), “não é que o Rio tivesse um modernismo à sua maneira. O Rio era apenas moderno. Embora concordassem no geral, nem sempre as turmas das duas cidades, Rio e São Paulo, estavam de acordo” (Castro, 2022, p. 264). Na então capital federal, não havia ânsia de rompimento com um passado academicista ou parnasiano – principal “bandeira” do movimento paulistano – pois isso já havia sido feito por diversos escritores simbolistas. O autor afirma:

Em 1922, o Rio estava na terceira geração de simbolistas [...] vindo de diversos estados do Brasil, eles fizeram do Rio a sua base e logo ocuparam revistas – não as que ninguém lia, mas as comerciais, como a *Fon-Fon!* e *Para Todos...* Era nelas que publicavam seus poemas, sinal de que tinham aceitação junto ao público (Castro, 2022, p. 261).

Ele expõe também, que “a Academia estava habituada a ser tratada sem condescendência pelos intelectuais cariocas” (*idem*, p. 257), sendo publicamente ridicularizada por escritores como Agrippino Grieco e Paulo Silveira. Havia, ainda, uma particularidade carioca: a criação de um grupo de escritores em torno da Revista *Festa*, a partir de 1927, que contava com nomes como Cecília Meirelles, Gilka Machado, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade, que eram “católicos, politicamente conservadores e admiravam a liberdade formal que o modernismo trouxera, mas não dispensavam o sentimento” (*ibidem*, p. 265). Alguns desses escritores, como Carlos Drummond de Andrade, eram próximos de Mário, aparecendo como seus interlocutores em sua correspondência.

Jason Tércio aponta que “o Rio de Janeiro era mais nutrido culturalmente do que São Paulo por inúmeros e óbvios motivos” (Tércio, 2019, p. 106) – dentre eles o fato de

sua população, nos anos 1920, ser de quase 200 mil pessoas a mais do que São Paulo. A cidade apresentava um “movimentado porto internacional e pujantes instituições culturais, como Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, Escola Nacional de Belas-Artes e diversos museus” (*idem*, p. 106), enquanto São Paulo tinha apenas duas (a Pinacoteca e o Museu do Ipiranga). O biógrafo considera o fato de o Rio ter passado por reformas urbanas “modernizadoras” no início do século que tiveram como objetivo “embelezar a aparência do Centro e da Zona Sul, sem falar das praias que já começavam a lotar nos fins de semana, criando uma cultura hedonista e turística” (*ibidem*, p. 106). Nesse sentido, o contraste apontado por Jason Tércio e por outros autores é interessante para o desenvolvimento de uma reflexão sobre o imaginário construído por Mário acerca das duas cidades, a partir das vivências distintas com os meios de sociabilidade entre intelectuais, artistas e escritores da época.

Nesse sentido, nosso objetivo é compreender o impacto que a mudança para o Rio de Janeiro provocou em Mário de Andrade, tendo como base as cartas enviadas no conturbado 1938. A transferência para o Rio foi a causa ou a consequência de um processo que já vinha ocorrendo na vida pessoal do autor, devido a questões políticas pelas quais passava o Brasil?

A partir do cruzamento de diversas fontes documentais, a dissertação analisa a experiência do “exílio” (ruptura e dilaceramento subjetivo) na biografia de Mário de Andrade. Observa, também, os encontros e desencontros no que diz respeito às imagens que o escritor produz de si e das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por meio de cartas trocadas nos momentos imediatamente anterior e posterior à sua mudança. Destaca os impactos nele causados pela “paisagem” física e social da Guanabara.

Moacir Werneck de Castro alega que a transferência de Mário para o Rio de Janeiro configurou-se como o principal agente da crise pessoal de Mário de Andrade. Essa hipótese é compatível com o que se pode analisar das missivas enviadas por Mário? Ou, em uma abordagem de caráter mais histórico e sociológico, teria sido este momento um divisor de águas entre uma fase mais idealista do autor (quanto aos projetos que formulava para a arte, a cultura e a democracia brasileira) e outra mais realista e consciente quanto às limitações políticas e históricas impostas pela realidade de um governo autoritário, em um país marcado por políticas de descontinuidade?

O presente trabalho, buscando responder a estas perguntas, divide-se em três partes. Na primeira, cumpre um mapeamento das cartas enviadas por Mário de Andrade, durante 1938, comentando-as.

Na segunda, debruça-se sobre diferentes figurações do polígrafo: o diretor do Departamento de Cultura de São Paulo mentalmente exausto devido ao trabalho intenso e a acusações de corrupção que tão logo mostrar-se-iam infundadas, seguido de seu pedido de demissão; o professor da Universidade do Distrito Federal, projeto universitário de Anísio Teixeira que teve vida curta no Rio de Janeiro; o democrata profundamente descontente com os rumos da ditadura do Estado Novo; o homem sensível com as tensões mundiais que culminariam na Segunda Grande Guerra; o poeta que tantas vezes cantou a terra natal e que vislumbrava outros acordos após a mudança para a Guanabara; o “exilado” no centro irradiador do poder varguista. Procuramos compreender, assim, os múltiplos fatores que fazem com que a experiência do polígrafo no Rio de Janeiro possa ser lida como um “exílio” em relação às suas vivências anteriores.

Na terceira parte, a dissertação investiga por que a mudança do autor modernista no Rio de Janeiro pode ser considerada um marco, uma ruptura em sua biografia, evento que intensificou posturas identificadas a partir dos anos 1930 em seus textos literários e cartas. Analisa, então, os sentidos atribuídos à sua vivência na capital federal que se revelaram transformadores em termos dos posicionamentos que ele passara a defender nos últimos anos de sua vida, relacionados, sobretudo, ao seu entendimento da ação política e à revisão crítica que faz sobre o primeiro momento modernista.

1. Mário de Andrade, 1938: fragmentos de um ano

1.1 Introdução

Esboçamos, agora, o mapeamento das cartas enviadas por Mário de Andrade durante 1938. Assim, além do levantamento de assuntos nelas debatidos, ganham relevo suas figurações do escritor nesses meses tão conturbados em sua vida. Em termos comparativos, 1938 não foi um ano de intensas trocas epistolares. A pesquisa localizou, publicado em livros e periódicos, um conjunto de 60 missivas.

Esta dissertação beneficiou-se de um primeiro levantamento concretizado, em 1998, no *Índice temático da Correspondência ativa de Mário de Andrade. 1919-1919*, de Ceci Ribeiro de Camargo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), com a colaboração dos bolsistas Alexandre Zaslavsky e Briane Moreira Becker, sob orientação do Prof. Dr. José Augusto Avancini, com a subvenção CNPq e Fapergs. Valeu-se também da investigação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, “*Correspondência reunida*” de Mário de Andrade (IEB-USP): *recuperação de documentos dispersos, reprodução digital e procedimentos arquivísticos para extroversão* (2010-2012, Bolsa de Produtividade em Pesquisa, CNPq).

O mês de junho, contando com catorze missivas expedidas, marca, na biografia do escritor, o momento de maior tensão quanto à mudança de cargo e a transferência para a capital federal. A partir da concretização da mudança, em julho, o número de cartas escritas parece decrescer: chegaram até nosso conhecimento, em publicações, no máximo seis de suas cartas por mês no segundo semestre. Seria mesmo o momento de “escrever menos para viver mais”, como alega Moacir Werneck de Castro (1989)? E o que dizer do trabalho intenso de Mário na elaboração dos cursos da UDF? O que poderia fazer com que o reconhecido epistológrafo perdesse o ânimo, deixando de escrever aos amigos e conhecidos?

A análise das missivas enviadas durante 1938, mês a mês, pode revelar recursos usados por Mário para ressignificar um momento de ruptura, cisão, diante do sonho de transformação cultural representado pelo cargo público na Prefeitura de São Paulo. Essas cartas mobilizam questões que envolvem tanto sua vida pessoal quanto sua atuação política e cultural.

1.2 Janeiro

Relativamente a janeiro, a pesquisa localizou oito cartas de Mário de Andrade. Seus remetentes foram Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Murilo Miranda e Luís Camillo de Oliveira Netto. A Drummond, no dia 11, ele expediu um telegrama, em nome do Departamento de Cultura, desejando-lhe “melhoras”. O amigo mineiro restabelecia-se de acidente. Manuel Bandeira, na mesma época, escrevendo a Drummond, alude à situação: “o poeta mostrou que tem a cabeça dura e a prova de ônibus”.⁴

O principal correspondente de Mário de Andrade durante o mês foi Rodrigo Melo Franco de Andrade, primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), com quem o polígrafo debateu o anteprojeto de criação do órgão, em 1936. Os dois mantinham, para além da amizade, uma relação profissional. O escritor paulista, em suas mensagens, tratava tanto de assuntos burocráticos do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, quanto de atividades do SPHAN, entidade a que ficou ligado de 1937 a 1938 como Assistente Técnico da Sexta Região e da qual não se desvinculou nem mesmo após o início da ditadura varguista.

A carta de 12 de janeiro trata precisamente do afastamento de Mário do cargo de Assistente, com o objetivo de manter-se apenas no de Diretor do Departamento de Cultura, a partir de 1º de dezembro de 1937. Ele faz isso porque, segundo um decreto despachado pelo Interventor de Vargas no dia anterior, não poderia mais haver acúmulo de cargos públicos, ainda que um deles não fosse remunerado, como era o seu caso, por receber seus vencimentos somente pela função desenvolvida no Departamento.

Em 16 de janeiro, Mário pergunta a Rodrigo o nome de um teatro no Rio, próximo à praça Tiradentes. A carta é acompanhada de um pequeno mapa, desenhado à mão, mostrando a localização do imóvel.

No dia 21, Mário relata a Rodrigo que conseguira planejar a realização de uma série de exposições de arte no Viaduto do Chá, no espaço que ficaria pronto e seria inaugurado em maio daquele ano. Na inauguração do local pretendia fazer uma retrospectiva sobre Almeida Júnior (1850-1899), pintor paulistano de estilo realista. Para isso, ele pede ao amigo que fale com o prefeito sobre esse projeto, que já vinha sendo pensado há mais de um ano pelo Departamento. Ele pergunta também se o

⁴ Ver *Carlos & Mário*, 2003, p. 461.

SPHAN poderia custear as conferências que ocorreriam neste novo espaço, expondo o que vinha pensando sobre seus temas e organização:

1º - O SPHAN paga as conferências? Quanto cada uma?

2º - Uma série de cinco conferências? Uma geral sobre o Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro. 2ª: O Patrimônio Histórico paulista e sua arquitetura civil-militar (Fortes, casa dos trens bélicos etc.) – 3ª: O patrimônio artístico paulista e sua arquitetura religiosa – 4ª: As belas-artes europeias nas coleções paulistas – 5ª: Um problema qualquer etnográfico ou folclórico, ou coisa a pensar, como organização de museus, etc. [...]

3º.: As conferências seriam de 15 em 15 dias, com projeções, exposição de objetos, etc.

4º: Também se poderia pensar num serviço ativo de propaganda, por meio de conferências, um conferencista só (no máximo dois), indo de cidade em cidade e fazendo conferência em sala cedida pela prefeitura, e pequenas explicações de 20 minutos nas fábricas e escolas com exposição de quadros e objetos (poucos, só pra explicar). Esta série seria de caráter didático, sem ranço. De uns dois meses, suponhamos, só pelas zonas onde há tradições a defender. (Frota; Melo, 1981, p. 128).

Percebe-se que há uma finalidade educativa/didática nestas ações culturais promovidas pelo Departamento de Cultura, a mesma que fundamentou outros projetos empreendidos por Mário, à frente do órgão público. Existia também uma intenção descentralizadora, pois as atividades seriam realizadas em diversas cidades, atingindo diferentes públicos, como operários e pessoas com menos acesso a espaços artísticos e culturais.

Mário de Andrade termina a carta pedindo urgência quanto à nomeação de um substituto para o cargo que tivera de abandonar no SPHAN e indica o amigo Paulo Duarte.

No dia 22, envia outro pedido a Rodrigo: que dirigisse apresentação de Luís Saia aos assistentes técnicos do SPHAN lotados nos estados entre Bahia e o Pará. Explica ao amigo que o funcionário contratado pelo Departamento iria atuar como “chefe da

Missão de Pesquisas Folclóricas que o Dep. de Cultura envia para gravação e filmagem de músicas, danças, costumes etc.” (*idem*, p. 128).

Em 24 de janeiro, destina carta a Luís Camillo de Oliveira Netto, pedindo que atualizasse o endereço, para que pudesse remeter exemplares da *Revista do Arquivo*. O periódico do *Departamento de Cultura* circulava com regularidade. Segundo Paulo Duarte,

o último número dirigido por Mário de Andrade, o volume 46, publicava já a letra S das nomenclaturas das ruas de São Paulo e publicava artigos e ensaios etnológicos, sociológicos, um estudo jurídico sobre a Taxa de Melhoria, pesquisas sociais sobre o problema rural, o problema do abastecimento da carne, estudos de folclore e muitos outros trabalhos de alto interesse cultural. Contava esse volume cerca de 500 páginas! (Duarte, 1977, p. 97).

No mês seguinte, a *Revista* cai nas mãos do Estado Novo e, na sequência, iria “minguando”. Mais um projeto, empreendido por Mário à frente do Departamento, que perderia a força após sua demissão.

Ao se despedir de Luiz Camillo, Mário desabafa:

Estou fatigadíssimo e com um esgotamento nervoso que requer retempero. E retempero pra mim agora só mesmo Rio, se for pra zona rural, não resistirei a trabalhar folclore. Só Rio e farra. (Penna, 2013, p. 252).

Dois dias depois, ele torna a escrever a Rodrigo Melo Franco de Andrade, que lhe solicitara alguma ação do Departamento. Respondendo, refere-se aos muitos projetos previstos para 1938:

O ano aparece para nós trabalhosíssimo com a missão folclórica ao Norte, com o novo gênero de grandes festivais teatrais, o novo salão de artes plásticas, a nova Casa de Cultura Operária, uma missão franco-departamental de etnografia aos índios de Mato Grosso e as novas cartas de distribuição geográfica de farinhas alimentícias. (Frota; Melo, 1981, p. 129).

É possível que a demanda tenha partido do Interventor de Vargas, já que o Estado Novo não conseguia enxergar a importância dos projetos culturais que estavam previstos ou já vinham sendo desenvolvidos no Departamento de Cultura. Ao final, Mário escreve que só não iria ao Rio de Janeiro em razão de dificuldades financeiras: “estou num momento de vacas magras, coisa que não raro me sucede e não acho ruim, diverte” (*idem*, p. 129).

No último dia do mês, Mário escreve ao jovem jornalista Murilo Miranda, dizendo sentir falta do amigo. Envia-lhe uma “poesiada” – alguns poemas escritos ao longo de vários anos – para publicação na *Revista Acadêmica*. Pedia que houvesse uma página da revista destinada somente a eles, alegando que dava a essa produção uma grande importância “pelo que representam na evolução particular dos seus... sentidos” (Antelo, 1981, p. 47). Ao final da carta, assim como confidenciara a Rodrigo, diz que “quer muito ir ao Rio”, mas justifica de forma diferente a impossibilidade, alegando que se sentia “adoentado, fatigado, fatigadíssimo. Sem felicidade quase nenhuma, um corpão monótono e de enorme malinçoncia”. (*idem*, p. 48).

1.2 Fevereiro

Neste mês, a pesquisa constata a presença de três cartas de Mário de Andrade: uma dirigida a Rodrigo Melo Franco de Andrade e duas a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas, político com quem o paulistano mantinha relação cordial.

Na primeira carta, de 4 de fevereiro, destinada a Rodrigo, Mário procura esclarecer um mal-entendido acerca de sua participação no SPHAN. Diante de um “esgotamento nervoso incrível” (Frota; Melo, 1981, p. 130), mostra-se impossibilitado de colaborar com o órgão federal, vislumbrando que “o único jeito seria voar pro Nordeste por uns vinte dias ou mais”, para descanso. Conta vivenciar “inquietações ferozes”, que o fizeram até mesmo se esquecer do projeto ligado às conferências no Viaduto do Chá. Finaliza a missiva atestando o sucesso da administração das finanças no Instituto Histórico do Departamento de Cultura: “quando entramos, o Instituto estava com dois contos em caixa e devia seis. Agora está com trezentos contos em caixa, isso em ano e pico.” (*idem*, p. 130).

No dia 10, Mário de Andrade escreve ao ministro Gustavo Capanema pela primeira vez desde abril de 1935, quando iniciara no posto de Diretor do Departamento de Cultura. Transmite inicialmente a resposta de Victor Brecheret, a quem, por instância do destinatário, pedira informações acerca de projeto de escultura de granito de estilo “naturalista”. Nessa mensagem, exprime o seu cansaço, que dificultava aceitar outra demanda governamental:

Sou obrigado a lhe falar que desta vez soçobrei completamente. Você me desculpará ter falhado por esta vez, mas estou que não consigo reunir duas ideias úteis. Fazem quase três anos, isto é, mais até de três anos que não tenho o menor descanso intelectual, a última vez foram 15 dias em dezembro de 1934. Estou entregando os pontos, num esgotamento intelectual e moral completo, de que não é a causa menos importante a inquietação e o desgosto de que estou ultimamente possuído. (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984, p. 366).

Ao final da carta, explicita as relações cordiais, atrelada ao senso de hierarquia, que mantém com o Ministro, ao empregar a expressão “muito devotado admirador”.

Ainda em fevereiro, outra carta de Mário de Andrade ao Ministro mostra-se mais amena. Transmite recado de Brecheret, noticia a missão etnográfica aos Nambiquara e Pareci (povos indígenas ameríndios), com a participação do Departamento de Cultura e do Governo Francês, refere-se os festejos do Cinquentenário da Abolição e discute questões mais técnicas quanto ao projeto do Serviço do Patrimônio Documental Nacional, pelo qual Mário havia se responsabilizado. Mário comunica a intenção de visitar Capanema algumas semanas depois, no Rio de Janeiro.

1.4 Março

A pesquisa localizou apenas três cartas de Mário subscritas em março, número igual ao do mês anterior. A primeira, no dia 18, é destinada a Paulo Duarte, que anota, na edição da correspondência: “há, antes desta, duas cartas que se perderam”. Do Rio de Janeiro, Mário conta ao amigo em São Paulo sobre a expedição científica organizada pelo Departamento de Cultura, a qual partiria em maio daquele ano em direção ao

Norte. Informa que Plínio Arosa, professor de Etnografia da Universidade de São Paulo, havia acedido em participar da missão, caso fosse a convite do Departamento. Mário pede a Duarte recursos financeiros para o embarque do professor, assim como para o custeio de alimentação e de outros itens básicos para o bom funcionamento da expedição. Pede também que o amigo converse com Oneyda Alvarenga, responsável pela Discoteca do Departamento, para comprar uma nova máquina de gravação de discos. Termina a carta melancolicamente:

Não me ofereço para fazer isto sozinho porque estou inutilizado, sofrendo muito. Não me aguento mais e provavelmente estouro por aí, vou pra Teresópolis, pras Paineiras, pra Paquetá ou pro diabo, em busca de algum sono reparador, não sei. Mas você não imagina como estou ruinzinho mesmo. (Duarte, 1977, p. 156).

As duas cartas seguintes são destinadas a Sérgio Milliet, amigo do primeiro tempo modernista e colega no Departamento de Cultura. Em 24 de março, no Rio de Janeiro, mostra-se entusiasmado com a realização do ciclo de conferências que se organizava em torno do cinquentenário da abolição em São Paulo, “Abolicionistas Paulistas”. *Aspectos do Folclore Brasileiro*, de Mário de Andrade, congrega diversos textos do polígrafo sobre a temática do folclore, entre os quais a conferência destinada ao evento de 1938.

Mário, no texto da conferência, aborda o racismo sofrido pelas pessoas negras como um preconceito que tem relação com a carga negativa atribuída à cor preta em diversas mitologias, provérbios e ditados populares brasileiros, com os quais teve contato em suas pesquisas e viagens etnográficas. Afirma que, buscando combater essa “superstição” envolvendo a cor, sua gestão no Departamento de Cultura comprometera-se com a luta antirracista. Ao final do texto, aponta que há necessidade cada vez maior de os negros adentrarem as “salas” dos brancos e que “se a raça negra quiser se igualar à branca, como deve e pode, terá que adotar métodos brancos de ânimo e tenacidade” (Grillo, 2019, p. 105).

Mário afirma que, no Brasil, o cerne dessa “superstição” – ou do racismo, em outras palavras – não é a questão socioeconômica, mas a racial: “o problema do preconceito de cor, no Brasil, não se confunde com o de classe, pois é no próprio povo

inculto, é dentre os operários da cidade e do campo, é da boca das classes supostamente inferiores que vieram os ditos, os provérbios, os apodos e caçoadas cruéis que recenseei” (*idem*, p. 103).

Adiante, em sua conferência, Mário afirma que “não basta abolir o preconceito da cor, é preciso justificar essa abolição” (*ibidem*, p. 106), e que “só o esforço próprio, a tenacidade, o gozo das volúpias de tais batalhas é que levarão os negros a essa vitória perfeita de serem homens como quaisquer outros” (Grillo, 2019, p. 106).

Sua reflexão mostra-se interessante enquanto motivadora da luta pela conquista de espaços e pela necessária instituição de maior representatividade negra no meio artístico. No entanto, acaba, por vezes, responsabilizando os escritores negros por um problema que não depende apenas de sua postura, devido ao racismo estrutural existente no país.

Ligavam-se ao evento cultural, que resultou também em um número da *Revista do Arquivo*, Artur Ramos, Simonsen, Lowrie, Cassiano Ricardo e Calmon. Os eventos propostos, no entanto, não se desenrolaram em sua plenitude, já que, em maio, Mário deixaria a Direção do Departamento. Ao se despedir, conta que está se sentindo melhor – dormira quatro horas na noite da antevéspera – e ficara sem sono nesta, devido a um telefonema recebido de sua casa em São Paulo, sobre o qual não dá detalhes.

Por fim, diz que o tempo está “amável” na capital.

Estou aprendendo a sair sem chapéu na rua. Desonra um pouco mas sinto que ficarei me acostumando, heil bagunça! (Duarte, 1977, p. 304).

No dia 28, envia outra carta a Sérgio Milliet, referindo-se ao preenchimento da vaga de terceiro escrivão na Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura e sugerindo nomes e substituições.

1.5 Abril

No levantamento efetuado pela pesquisa, há apenas duas cartas de Mário de Andrade em abril de 1938. Uma longa e emblemática, destinada a Paulo Duarte, no dia 3; e outra, a Oneyda Alvarenga, no dia 22.

A carta a Paulo Duarte é escrita ainda no período de “férias” de Mário no Rio de Janeiro, quando buscava recuperar-se do cansaço extremo partilhado com Gustavo Capanema no mês anterior. Na mensagem, exprime ainda exaustão e sofrimento ao analisar o trabalho feito no Departamento de Cultura:

Vou fazer 45 anos. Sacrifiquei por completo três anos de minha vida começada tarde, dirigindo o D.C. Digo por completo porque não consegui fazer a única coisa que, em minha consciência, justificaria o sacrifício: não consegui impor e normalizar o D.C. na vida paulistana. Sim, é certo que pra uns 6 ou 8, não mais, paulistas, o D.C. é uma necessidade pra São Paulo e talvez pro Brasil. Mas a única coisa que em minha consciência justificaria minha direção era ter *justificado* o D.C. e isso não consegui. Que bem me importa argumentar que o tempo era pouco, que as dificuldades eram muitas, que o meio era de nível baixo demais. Essas coisas *explicam*, mas não *provam* (Duarte, 1977, p. 159).

Essa carta revela o peso que a criação do Departamento tinha para Mário. Assim como em outros de seus escritos, sua angústia aparece sob o signo do “sacrifício”. Pedro Fragelli (2013) analisou a questão sob o ponto de vista do pensamento estético de Mário, que, segundo ele, foi incapaz de superar a dicotomia entre engajamento social e beleza estética. Podemos ver, na carta, que suas queixas se relacionam com essa discussão: embora tenha fundado o Departamento de Cultura, esforçando-se para empreender uma série gigantesca de projetos de alta qualidade, alega não ter conseguido expandir a importância do órgão para a vida da maior parte dos paulistanos, como desejava. Não havia conseguido fazer da cultura um bem necessário; esta continuava como um supérfluo, sendo desfrutado por pouquíssimas pessoas – fato que o deixava consternado.

Talvez faltasse a Mário, a essa altura, uma visão esperançosa – como a que teve na juventude, nos anos 1920 – de que seus projetos seriam apenas o início de um processo de normalização do acesso à cultura no Brasil. Mas seu desânimo é justificado em razão do momento histórico ditatorial que começava, no qual, para sobreviver, cada vez mais os artistas viam-se como “malabaristas do Estado Novo” (Castro, 1989), tendo de manter relações cordiais com líderes autoritários a fim de garantir seus empregos. Em suma, a problemática realidade brasileira se impôs, persistindo até hoje, em se

tratando da implementação e continuidade de propostas políticas e culturais que atendam a diversos setores da população.

É importante lembrar que, em 1940, o Brasil apresentava em torno de cinquenta por cento da população alfabetizada. Isso evidencia a falta de acesso à cultura letrada e, conseqüentemente, ao “capital cultural” negado a grande parte da população brasileira, panorama desconsiderado por Mário ao acreditar que conseguiria resolver definitivamente os problemas relacionados à educação e à cultura em apenas três anos de gestão.

Na seqüência, Mário se detém, ainda, em outras “falhas” de sua atuação no Departamento de Cultura, ao abordar a Rádio Escola, os projetos de Turismo, a questão dos parques infantis etc. Mostra-se frustrado, triste, “deserto”, e alega estar decidido a não dirigir mais o Departamento, por se enxergar como um diretor “besta e fraco”. Ao mesmo tempo, não quer morar no Rio de Janeiro. Ele confidencia:

Ficar definitivamente no Rio (o que seria ideal) não posso. As razões contra são mais fortes do que meu violento desejo de me carioquizar. Há sobretudo uma voz de sangue, meu pai que foi operário, e depois de subido, continuando numa cotidianização operária de ser, fazendo sempre atos que eram como pedras, objetivamente fazendo. O que existe de aristocrático em mim, principalmente este safado gozo de viver e a atração de todos os vícios, sei que não me dá paz – e essa parte é obrigada a ceder na voz de meu pai. Não fico no Rio não, volto pra São Paulo e vou serenamente ocupar meu cargo de chefe de divisão, onde serei bem mais fecundo e poderei trabalhar também um bocado pra mim, meus livros (Duarte, 1977, p. 160).

Neste trecho, o argumento em favor do retorno a São Paulo, para lá permanecer, não como diretor, mas em uma função de menos evidência dentro do Departamento de Cultura, nos faz pensar em duas direções. A primeira evoca a voz do pai, associando o Rio de Janeiro aos “vícios” e à falta de paz interior que teria, caso se decidisse viver na capital; deixaria, assim, de viver de maneira “operária”, regrada, como em São Paulo. A segunda se relaciona com a vontade de “se esconder” dos holofotes, assumir uma posição menos visível do que a de Diretor, para que tivesse menos atribuições e, também, mais paz para estudar e voltar à sua rotina de funcionário público, sem sonhos de projetos grandiosos, que, não sendo bem-sucedidos, deixá-lo-iam frustrado.

Mário afirma, ainda, que sua decisão deve provocar um “escandalinho”: comentários de colegas; jornais; de outros. Mas não poderiam recusar o direito que tem de “voltar ao seu tamanho legítimo e respirar um pouco de ar mais verdadeiro” (Duarte, 1977, p. 160).

Em 22 de abril, ainda no Rio, em férias, Mário escreve à amiga Oneyda Alvarenga. No entanto, não partilha com ela a questão relacionada ao pedido de demissão. Em vez disso, dá orientações para serem repassadas aos encarregados da Missão de Pesquisas Folclóricas, ainda em curso, no tocante à aquisição de santos da imaginária africana que teriam sido comprados para a coleção dele e não para o acervo do Departamento. Ele pede, assim, que as “encomendas” não fiquem visíveis, para evitar futuros constrangimentos. Trata também da compra de revistas da *Mercúrio*, firma comercial que importou publicações musicais para a biblioteca da Discoteca Pública de São Paulo. Despede-se expressando a sua alegria em ver o trabalho da amiga, e que gostaria de poder acompanhá-lo mais de perto, para ajudá-la com alguns detalhes. Finaliza num gesto simpático e de motivação: “ciente quanto às conferências, não se irrite, nem descreia de si mesma, menina boba” (Alvarenga, 1983, p. 137).

1.6 Maio

No dia 3, Mário de Andrade escreve a Cândido Portinari. Logo no início da carta, diz ter mandado, no dia anterior, uma nota sobre o amigo para a *Revista Acadêmica*, periódico editado na antiga capital. Conta que as fotos enviadas pelo pintor provocaram “violenta sensação” em Sérgio Milliet e Oneyda Alvarenga, com quem havia se encontrado no dia anterior. Agradece a Portinari pelo envio de um livro de pequena tiragem, produzido em Paris, com ilustrações de Salvador Dalí, contando que ainda não possuía nada do artista em sua coleção.

Em seguida, exprime seu “desânimo” e sua “falta de vontade de viver”, seu “vazio”. Já em São Paulo, diz ter perdido a saúde que recuperou nas férias no Rio de Janeiro. A situação política já era outra: o interventor de Vargas em São Paulo ainda não nomeara secretário ou prefeito. Por isso, alguns projetos ficaram suspensos, como o do cortejo e coroação dos reis do Congo, que deveria se realizar no dia 13 daquele mês: “Sem prefeito, não era possível decidir coisa de tamanha importância e que ia custar perto de cem contos”. Além disso, “os jornais perrepietas e outros novos que

apareceram com a mudança de situação estavam os atacando muito” (Fabris, 1995, p. 61), o que dificultava ainda mais a execução dos eventos.

Mário de Andrade finaliza a carta no mesmo estado de melancolia com que escrevera a última endereçada a Paulo Duarte: “uns sofrem neste mundo pela sua própria pobreza, outros sofrem pela grandeza que conseguiram ser” (*idem*, p. 61). Ele já estava se despedindo do Departamento de Cultura; a estrutura política centralizadora de Vargas já se impunha e tornava o ar, aos poucos, irrespirável. Transmite a sua impressão a Portinari: “a infinita maioria dos paulistas estava num descontentamento abatido e infeliz” (*ibidem*, p. 61).

No dia 5, envia uma carta, em um tom de urgência – “são tais as dúvidas e suspensões e angústias que estamos vivendo no ar” (Frota; Melo, 1981, p. 130) – a Rodrigo Melo Franco de Andrade, apenas para comentar um artigo publicado no *Estado de S. Paulo* que atacava Augusto Meyer. Mário pede que o prevenisse que tal “bobagem” não partira do grupo a que pertencia em São Paulo, mas de Flávio de Campos, “praticamente um desconhecido” (*idem*, p. 130).

Nos dias 7 e 18, Mário escreve a Renato de Almeida, musicólogo que residia no Rio de Janeiro. A correspondência trocada pelos dois durante o ano gira em torno da *História da música brasileira*. Renato fazia muitas perguntas de cunho teórico a Mário, que lhe respondia de maneira cuidadosa e organizada. Neste momento, ele pouco menciona a situação conturbada pela qual estava passando no Departamento, pincelando, apenas, que São Paulo atravessava uma “convulsão política”, que deixava a todos “no ar”, o que por vezes atrasava a escrita das missivas.

No dia 10, Mário envia uma carta ao “seu caro Capanema”. Refere-se ao novo prefeito de São Paulo, Prestes Maia, e – talvez com certa ironia – afirma que este é “um urbanista notável, parece excelente escolha para a Cidade” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984, p. 368). Mas, quanto a seu afastamento do Departamento de Cultura, mostra-se reservado. Segundo ele, os homens do Partido Republicano Paulista (PRP) que assumiram cargos de governo naquele momento ou consideravam o Departamento algo totalmente “inútil”, e que deveria ser extinto, ou defendiam a sua manutenção, mas sem alguns de seus setores, como a Discoteca Pública, as pesquisas de Folclore e etnografia, quartetos, trios e corais. A respeito do assunto, Mário avalia:

Ora, para seu governo lhe conto simplesmente que Praga acaba de nos pedir a constituição e regulamento de nossa Discoteca

Pública, para organizar a Discoteca Nacional da Tchecoslováquia; o arquivo de Fonogramas, do Museu de Ciência Folclórica de Berlim, acaba de nos propor a troca dos seus fonogramas ameríndios-brasileiros pelos nossos; e mais de uma dezena de quartetos novos já foram compostos por causa exclusivamente do nosso quarteto e seus concursos, bem como perto de cinquenta peças corais compostas exclusivamente por causa da existência dos nossos corais (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984, p. 368).

O diálogo de Mário de Andrade com o ministro Capanema caracteriza-se pelo respeitoso distanciamento, vincado pela cordialidade. Ao final da carta, o escritor pede que o Ministro ou o Presidente deem apoio ao Departamento, alegando que em três anos este já havia conseguido grande mérito internacional em virtude dos projetos empreendidos. Ele assegura, também, que “nada pleiteia para si”, e sim para a consolidação de um órgão que julga de extrema importância estadual, para São Paulo, e nacional, considerando que o projeto ambicionava expandir-se para todo o país.

No dia 16, o autor de *Remate de Males* escreve a Murilo Miranda. Pede ao amigo que acuse o recebimento de um artigo que escrevera focalizando Portinari para ser estampado na *Revista Acadêmica* carioca. Aludindo à sua situação, considera que “tais coisas que estão sucedendo por aqui [São Paulo], que ajuntando com essas coisinhas de amigos desleixados” era “capaz de ficar com mania de perseguição” (Antelo, 1981, p. 49). Vê a possibilidade de se afastar, em breve, da direção do Departamento de Cultura, o que o deixaria “mais livre dos seus gestos”, mas também “mais preso em suas locomoções”, tornando-se um funcionário comum.

No dia 23, Mário expede carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, tratando de questões relacionadas ao SPHAN – registro de pessoas enviadas para cuidar do tombamento de patrimônios no Rio de Janeiro. Considera que tudo foi feito às pressas, e que ele mesmo gostaria de acompanhar o trabalho. Desabafa, mais uma vez, sobre o impacto das mudanças políticas no Departamento:

As modificações por enquanto não têm sido grandes, pelo menos não destruíram por enquanto o organismo fundamental do Departamento. Mas cada coisinha que cortam me dói de passar noite acordada. Me sinto bastante alquebrado, quero

reagir, minto a mim mesmo, e depois o desânimo volta. (Frota; Melo, 1984, p. 131).

A missiva é detalhada e expressa o desejo de presentificação do remetente, notado também em outras cartas de Mário. Descreve momentos de sua rotina inquieta, em casa, ao atravessar a situação que tanto o angustiava. Não conseguia “sair do lugar”: “o que consigo fazer é só arrumar e desarrumar gavetas, rasgar papeis velhos, mudar um quadro de posição, coisas assim”; “ontem, domingo, foi espantoso, não fiz nada de nada por dezoito horas a fio!” (Frota; Melo, 1984, p. 131). Queria, de algum jeito, “fazer a vida passar”.

Mário, para “mostrar-se ao outro”, buscava “recriar o entorno da escrita e imprimir torneios específicos da oralidade” (Moraes, 2007, p. 93), técnica que Geneviève Haroche-Bouzinac chamou de “ilusão de presença”, “que tanto indicaria um movimento de aproximação do interlocutor como um recurso linguístico de sedução intelectual” (*idem*, p. 93). O escritor fabrica nas cartas, assim, um ambiente de “camaradagem”, insinuando uma “argumentação indiscutível” com seus interlocutores. Mostra-se, recorrentemente, como alguém de “carne e osso”, narrando seus afazeres do dia que antecederam a escrita da carta ou os que lhe sucederão (tomar banho, café, vestir-se, etc.), na intenção de se fazer presente, em corpo, para seu destinatário. Ele “impregna a palavra escrita do ‘mortal’, humanizando-a, para que ela se torne a expressão da amizade e, ao mesmo tempo, possa levar de acréscimo seu projeto para a formação do interlocutor” (*ibidem*. p. 101).

Ainda no dia 23, Mário dirige-se a Portinari, compartilhando o mesmo sofrimento, necessitado do carinho dos “amigos verdadeiros”. Depois, discorre sobre a beleza dos quadros do amigo e sobre seu plano de fazer editar pequenos livrinhos populares, divulgando artistas como Aleijadinho, Cézanne, “Miguel Anjo” e Portinari. Mas, “com a mudança [política]”, conta que teve de desistir da ideia, lamentavelmente. Menciona que, no Departamento, os planos de ocupação de salas do novo Viaduto do Chá, com exposições e conferências, também tinham sido interrompidos. Conta: “o novo prefeito vai ocupar o grande Salão de Artes Plásticas, que estava se construindo debaixo do novo Viaduto, com repartição pública. Ficaremos pois temporariamente, por uns três anos me disse ele, sem salão” (Fabris, 1995, p. 62). Com isso, evidenciava-se a falência dos projetos relacionados ao Departamento. Reticente, afirma: “O que se

passou e se passa não se conta por carta, é muito comprido. Quando nos encontrarmos um dia, você saberá” (*idem*, p. 62).

No dia 26, Mário envia carta a Augusto Meyer, colocando em pauta os fichários de Alarico Silveira para a constituição da Enciclopédia Brasileira. Explica, também, sua situação no Departamento: havia sido destituído da direção, passando a ocupar apenas o posto de chefe de divisão, assim como Rubens Borba de Moraes e Sérgio Milliet. Em seu lugar, na direção, o prefeito nomeara o jornalista e poeta Francisco Patti.

Assim como a outros amigos, ele se abre quanto às feridas emocionais causadas pela saída da Direção:

Moralmente a minha situação é de engasgada depressão e orgulho muito ferido. Não alimentava absolutamente a ilusão de ser sustentado no posto e juro que não desejava isso sequer. Tenho várias testemunhas e uma carta escrita a Paulo Duarte e anterior a todas as mudanças que houve aqui, provando que minha intenção era muito firme, por inquietações morais e anseio de liberdade, era não voltar a reassumir o posto de diretor. Mas o que me abateu muito foi o nenhum respeito pela minha integridade e honestidade. (Fernandes, 1968, p. 111).

É interessante, neste trecho, que Mário mencione a carta enviada a Paulo Duarte, em abril, como um testemunho de sua decisão de sair da diretoria do Departamento. Isso demonstra uma consciência de que as cartas são documentos, testemunhos de suas tomadas de decisão. De fato, o excesso de trabalho, somado às mudanças que vinham “pairando” no ar e que colocaram limites à sua atuação, foram fatais. Ele declara que, mesmo no cargo de menos destaque que agora ocupava, temia pela postura do novo prefeito, já que sua divisão lidava com música, teatro, cinema, discoteca, missões, folclore e artes plásticas, “coisas de que o prefeito e o Patti não entendem nada nem elas lhes interessam nada.” (Fernandes, 1968, p. 112). Então, espera conseguir encarar seu emprego de maneira mais burocrática, apenas como um funcionário que assina pontos, para ser menos afetado pelas circunstâncias impostas pelo poder.

No último dia do mês, envia carta ao professor Francisco Curt Lange, musicólogo alemão, radicado no Uruguai, relatando a situação de mudanças no Departamento, a crise política e a necessidade de um momento de pausa nas suas relações com universidades estrangeiras. Alega que seria “melhor deixar passar uns

meses para ver se a situação muda ou pelo menos acabam percebendo que meu [de Mário] destino não é político, mas cultural” (Matos, 2016, p. 130). A ruptura, prologando-se, iria mudar a rotina do ex-diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

1.7 Junho

Relativamente a junho, a pesquisa localizou onze cartas de Mário de Andrade. Quase todas tratam, de alguma maneira, de sua transferência para o Rio de Janeiro. Para alguns de seus correspondentes, ele menciona o acontecimento de maneira mais detalhada do que para outros, performando suas *personae* e também as diferentes relações que cultivava com cada um deles.

A primeira carta do conjunto, datada de 6 de junho, é destinada a Renato de Almeida. Responde às indagações do amigo sobre a história da música no Brasil, sobretudo quanto às tradições do Sul que, segundo Mário, é uma região que “não quer se dar a conhecer” (Nogueira, 2003 p. 298). Ele discorre sobre as origens do “fandango”, da “chimarrita”, do “arrazoar” e da “tirana”, danças gaúchas sobre as quais afirma não ter muitos conhecimentos a compartilhar. Despede-se contando que “as coisas iam mais ou menos penosas, mas indo” (*idem*, 2003). Em outra carta a Renato de Almeida, segue discutindo músicas gaúchas. Acrescenta, em termos pessoais:

Estou arranjando um jeito de me mudar para o Rio. São Paulo me amarga muito agora e creio que não saberia contemplar com indiferença a destruição lenta, o desaparecimento gradativo de tudo quanto ajudei a construir com a mais ingênua das almas e o mais apaixonado coração. Quero partir, cegar-me, ensurdecer de vez, sofrer de longe que é menos intenso o sofrer (Nogueira, 2003, p. 304).

No dia 8, Mário escreve a Portinari. Refere-se a gravuras originais que havia encomendado ao amigo e comenta algum desentendimento envolvendo Oswald (“Oswaldo”) de Andrade. Ao final, diz estar com saudades dos amigos e do Rio de Janeiro e que tentaria voltar à cidade em julho, “nem que fosse por um dia”, “pra

conversar e reviver” (Fabris, 1995, p. 66), antes de tirar férias na fazenda, no interior de São Paulo, onde já não ia há tempos.

No dia seguinte, dirige-se a Rodrigo Melo Franco de Andrade, a quem escreveria outras três vezes no mesmo mês. Expressando urgência, logo comunica o assunto ao amigo: “É pedindo emprego!” (Frota; Melo, 1984, p. 131). Havia recebido, no dia anterior, a notícia de que o novo governo tinha a intenção de acabar com a Discoteca Municipal de São Paulo, ainda que esta tenha recebido atenção de outros países devido à qualidade do trabalho realizado. Exprime-se com veemência: “Não fico aqui [em São Paulo] não”. E se lembra de que Augusto Meyer mencionara a existência de um posto de trabalho disponível no Instituto Nacional do Livro, no Rio: “Faço o ato de desespero: se o lugar ainda estiver vago, fujo praí, viro carioca da gema, e vou comer vitamina XPTO na Copacabana” (*idem*, p. 185”).

Em 14 de junho, prosseguindo o diálogo com Rodrigo, em pauta o emprego público, reforça que não desejaria obter uma função que o colocasse em evidência. Desejava “escuridão”, um cargo menor: “agora que já ficou provado que não roubou nada nem cometeu desfalques” (*ibidem*, p. 132) na direção do Departamento, argumentação que tinha sido empregada, forçando a sua saída da função. Escreve, ainda, que deixará São Paulo “sem o menor amargor regionalista”:

toda a minha vida, minha obra, minha atuação me permitem dizer que jamais trabalhei *por* São Paulo, pelo simples fato de trabalhar em São Paulo. Seria ridículo afirmar que não gosto de ser Paulista, mas seria uma verdadeira pusilanimidade afirmar que S. Paulo me satisfaz. Irei pro Rio sem a menor saudade do *terroir*. (Frota; Melo, 1984, p. 132).

Considera que saudades sentiria apenas de algumas pessoas (amigos e família), mas que saberia “transformá-las”. Precisa tanto ir embora que repete, três vezes, ao final da missiva: “quero ir-me embora, quero ir embora, quero ir embora” (*idem*, p. 132). Mostra-se exaurido psicologicamente, não se importando com a qualidade do emprego que poderia obter. Para ele, era urgente deixar São Paulo.

O assunto em torno da transferência para o Rio de Janeiro também aparece em duas outras cartas de Mário de Andrade endereçadas a Carlos Drummond de Andrade.

No dia 15, o escritor comenta a situação do pedido de emprego sem muita visibilidade no Rio:

Acabo de saber por cartas do Rodrigo e do Meyer que o Capanema está se caceteando aí por minha causa, e foi ou vai ao Presidente pretendendo me dar a diretoria ou coisa que o valha, do Departamento dos Teatros. Confesso lealmente a você que prefiro [...] o lugar modesto no Instituto do Livro (Andrade, 1982, p. 197).

No dia 17, Mário envia um telegrama a Drummond, contando que acabara de receber carta de Meyer explicando a decisão de Capanema. Partilha a sua intenção de aceitar a proposta. O polígrafo vincula-se à Universidade do Distrito Federal, lecionando na instituição até o seu fechamento em 1939.

Outro bilhete ao mesmo amigo ligado ao Ministério da Saúde e Educação, sem data, mas provavelmente enviada antes de sua mudança para o Rio de Janeiro, ocorrida no dia 27 de junho, informa que as aulas na UDF já haviam começado e que ele ainda não conseguira sair de São Paulo. Na mensagem, faz a requisição da passagem para a sua transferência ao Rio de Janeiro.

No dia 20, Mário volta a escrever a Rodrigo Melo Franco de Andrade, pedindo a listagem dos monumentos que recenseou em seu primeiro relatório para o SPHAN. Escreve, nesta mesma data, a Ênio de Freitas e Castro, professor residente no Rio Grande do Sul. A ele, responde uma carta datada de março, justificando a demora, em virtude de uma “estadia longa no Rio”; menciona as “grandes mudanças políticas” no governo do Estado de São Paulo. Mário e Ênio articulavam intercâmbio entre o Departamento de Cultura de São Paulo e a Associação Rio-grandense de música, projeto gorado. Mais um testemunho da ruptura.

A terceira carta do mesmo dia, destinada a Alberto Lamego, também é uma resposta “atrasada”. Mário avisa: “não será propriamente resposta mais, mas apenas este desejo de pulsar conjuntamente, que é mesmo o melhor motivo das cartas...” (Soffiatti, 1992, p. 109). Nela, informa a possibilidade de mudança para o Rio de Janeiro. Declina do convite para passar dias no sítio de seu interlocutor em Campos dos Goitacazes, alegando que suas obrigações lhe prendiam: “não a São Paulo, mas ao trabalho” (*idem*, p. 109). Assim como a maior parte das cartas enviadas até este momento, é escrita no

papel timbrado da Prefeitura do Município de São Paulo, Departamento de Cultura, Diretoria. Na mensagem, o remetente se queixa:

Faz mês e meio que não faço nada, nem ler, banzando sobre a vida e ao léu de grandes sustos e amarguras. Nem sei mesmo se aguento a situação que agora é de gradativo e cuidadoso desaparecimento desta instituição que tão apaixonadamente ajudei a criar e dirigi primeiro. (SOFFIATTI, 1992, p. 109).

No dia 22 de junho, Mário de Andrade escreve a Capanema, pela última vez no ano de 1938. Recusa o cargo de diretor do Serviço Teatral, proposto pelo ministro. Ele considera que seria “um lugar de projeção muito brilhante e muito violenta”, no qual iria “lutar certamente muito e certamente fracassar” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984, p. 369). Dizia-se desiludido, profundamente abatido pelo que considerava o “insucesso” de seus projetos no Departamento, e não queria cargos em que tivesse responsabilidade semelhante. Exprime o desejo de trabalhar ao lado de Capanema, mas em outro cargo. E espera resposta dele antes de aceitar o posto que lhe ofereceram na Universidade do Distrito Federal. Despede-se garantindo que “de forma alguma a amizade deles periclitará, nem muito menos sua devoção pela sua atuação como Ministro” (*idem*, p. 370). Mário sabia que precisava do apoio de Capanema naquele momento de instabilidade, bem como dos cargos que este poderia lhe oferecer.

No dia 26, envia telegrama a Alceu Amoroso Lima, interrompendo um “hiato” de quase cinco anos, para comunicar a sua transferência para o Rio de Janeiro e discutir um assunto burocrático. Mário informa que não poderia assumir o cargo na UDF se ainda estivesse oficialmente ligado ao Departamento de Cultura. Guarda a expectativa de que o prefeito de São Paulo aceitasse o pedido do prefeito carioca acerca de seu comissionamento na nova função, por tempo indeterminado. É importante ressaltar que Alceu Amoroso Lima fazia parte do grupo dos educadores católicos que, posteriormente, ajudariam a pôr fim na Universidade idealizada por Anísio Teixeira, acusando o projeto educacional de “comunista”. Ainda assim, é ele quem convida Mário para lecionar na Universidade em 1938.

No dia 27, Mário transfere-se para a antiga capital federal. Nesta data, envia uma carta a dona Nini (Maria Aparecida), irmã de Paulo Duarte, dizendo que “estava fazendo um balanço em suas coisas”, porque partiria para o Rio “em gozo de férias” – o

que não é verdade. Oferecia à interlocutora dois exemplares da revista *Festa das Letras* para circularem nas bibliotecas dos Parques Infantis, sob a coordenação dela. Pedia desculpas pela oferta “minúscula” e agradecia pelo trabalho da amiga. Estava emocionalmente abalado com a viagem: “como não posso chorar, nem devo, me veio este enorme vazio indiferente” (Duarte, 1977, p. 161).

1.8 Julho

Em julho, Mário de Andrade já se encontrava no Rio de Janeiro. Residia em um apartamento de em torno de 60m² no Edifício Minas Gerais, localizado na Rua Santo Amaro, número 5, no bairro da Glória. No dia 13, sai a publicação no *Diário Oficial* indicando que ele se tornara professor e diretor do Instituto de Artes da UDF, universidade fundada por Anísio Teixeira, de princípios escolanovistas, situada precariamente em um edifício de escola pública no bairro do Catete, próximo à residência de Mário.

José Roberto Pereira Peres (2020) considera a experiência do autor de *Macunaíma* na instituição como satisfatória, uma vez que seus ideais

estavam em sintonia com um dos objetivos do Instituto de Artes da UDF presentes nas Instruções de nº 1, em seu artigo 49, parágrafo 5, que trata dos projetos de extensão que tinham como finalidade a obra de difusão da Cultura em diversos setores da sociedade, especialmente nos locais onde se concentravam as camadas populares. (Peres, 2021, p. 257).

Como professor de História e Filosofia da Arte, Mário conseguiu uma função profissional mais teórica e didática, que lhe obrigava a estudar e planejar aulas, do que prática, agenciadora, como a que tinha no Departamento de Cultura. Podemos enxergar tal momento como uma transição entre este cargo e o posterior, de teor mais burocrático, no Instituto Nacional do Livro, que assumirá após o fechamento da UDF em 1939.

No mesmo mês, envia duas cartas a Oneyda Alvarenga. Na primeira, datada pela amiga, a lápis, do dia 23 de julho, Mário conta estar se recuperando de uma gripe tão

forte que havia até mesmo perdido a noção do tempo. Oferece o novo endereço para ela e diz estar se sentindo mal, com medo:

Meu Deus, como me sinto no ar! Uma tristeza funda lá no fundo, uma tristeza que não se esclarece, não diz bem o que é e por que é. Não é solidão, tenho amigos sempre comigo. Não é falta de trabalho, tenho muito o que fazer. Não é doença, sei gozar doença. Não é ambiente, nunca senti saudade do meu ambiente. É antes, um como que pressentimento de um grande erro, de qualquer coisa que não está certo mais, e que se não está certo é por minha culpa. Enfim há qualquer coisa de desagradável em mim, talvez seja medo. (Alvarenga, 1983, p. 138).

Percebe-se um arrependimento nas queixas de Mário. Talvez, a essa altura, estivesse refletindo se a decisão de deixar São Paulo fora acertada; se a decisão tomada às pressas, uma “fuga geográfica”, era mesmo suficiente para aplacar seu sofrimento.

A segunda carta, enviada dois dias depois, é curta e contém breves elogios de Mário às conferências de Oneyda. Ele pede também informações sobre o retorno da Missão de Pesquisas Folclóricas.

1.9 Agosto

Em agosto de 1938, para além de comentar a nova rotina como professor da UDF, Mário queixa-se, com alguns de seus correspondentes, de suas dificuldades financeiras. A primeira carta do mês localizada pela pesquisa, remetida a Paulo Magalhães, em 4 de agosto, tem um tom leve, alegre, e retrata um calmo dia de domingo no Rio de Janeiro: “está um dia lindíssimo, são onze horas da manhã, estou me levantando, já estão fazendo chá para mim e duas maçãs raladas, depois deito de novo. Ontem foi chopada do Mignone e houve chopada com bastante alegria.” (Duarte, 1977, p. 162). Diz que só deve ir a São Paulo em outubro, embora desejasse ir antes para buscar alguns de seus livros que não conseguira levar na mudança. Alude também ao batismo da filha de Paulo. Por último, diz que tem dedicado seu tempo a estudar e escrever artigos e que “pega” todas as oportunidades de trabalho que lhe são oferecidas, porque está com dívidas financeiras.

Após o dia 5, e antes do dia 12 de agosto (missiva sem data), escreve à amiga Oneyda Alvarenga, que dirigia a Discoteca Pública do Departamento de Cultura de São Paulo. Conta que fará contato com o ministro Capanema, mostrando a intenção de dizer a ele que ofereceria seus préstimos ao prefeito do Distrito Federal, “de quem ele tinha ciúmes”. Julga que a situação governamental carioca era mais complicada do que a paulistana. (Alvarenga, 1983, p. 142). Mário dá também notícias dos estudos realizados e de sua intensa carga de trabalho.

No dia 19, envia carta a Paulo Duarte, no intervalo entre uma aula e outra ministrada na UDF. Relata que, naquele momento, sua vida se resumia a “estudo, aulas e direção do Instituto de Artes” (Duarte, 1977, p. 162). Considera que há três anos ele não conseguia se dedicar tanto ao estudo e à leitura, devido às atribuições na diretoria do Departamento. Mas, ainda assim, sentia-se disposto a criar: estava montando um curso inédito, de “História filosófica da arte”, que, segundo ele, era uma mistura de História com Filosofia da Arte. Além das preparações, ministrava quatro tempos de aula por semana desta matéria: “estou me fatigando bem, não sei se aguento” (*idem*, p. 162). Confidencia também estar sentindo, com frequência, medo, atrelado a um remorso por ter deixado o Departamento.

À época de decidir seus novos caminhos profissionais, a primeira opção de Mário de Andrade era “recomeçar jornalismo, aulas particulares, e assim que tivesse com o que me sustentar, reassumir minha cátedra no Conservatório e sair da vida pública” (Duarte, 1977, p. 163). Ele considera, contudo, que essa seria uma alternativa egoísta, pois não conseguiria externalizar para tantas pessoas suas ações, como lograria fazer nos cargos do governo. Mergulha em reflexões: “o remorso acaba logo; mas não acaba a tristeza... física do remorso, e o reflexo social dos que me censuram por largar São Paulo. É certo que não estou nada feliz, embora não me sinta desgraçado” (*idem*, p. 163). Conta ainda que saudades tem poucas, pois “não é homem de saudades nem de arrependimentos”. Afirma: “o dia em que me convencer de que fiz mal em vir pro Rio (se me convencer), volto pra São Paulo”. E completa: “Mas cada vez me convenço mais que fiz bem” (*ibidem*, p. 163).

No dia 28, envia carta a Oneyda Alvarenga, elogiando palestras e conferências dela e discutindo pagamentos, burocracias ainda relacionadas ao Departamento de Cultura. Sobre a nova rotina na capital, diz estar “afobado com seus estudos e aulas”, mas que “a coisa ia compensadoramente”, pois já estava com “vários fans” (Alvarenga,

1983, p. 146), fazendo sucesso entre os alunos. Ele avalia que não tem nem o que contar, ainda, sobre a “vida” no Rio, de tão ocupado que andava:

Se tiro descanso de uma hora, logo me bate uma inquietação danada, lembrando a aula seguinte por preparar, lembrando os estudos de sistematização que tenho que fazer. Só aceito sem relutância a encomenda de artigos, sempre pagos, está claro, pra ver se desencilacro logo, estou devendo muito e isso me inquieta bem. Além de não saber dever, inda falta muita coisa aqui neste apartamento, pra eu ficar contente (Alvarenga, 1983, p. 147).

Tapetes, pratos, talheres, livros, geladeira etc. Faltava a Mário de Andrade um lugar estruturado, como o que dispunha na rua Lopes Chaves. Desagradava-lhe estar em um ambiente “feito mais ou menos ao deus-dará” (*idem*, p. 147). Essa condição estava presente não apenas em sua moradia, mas também na Universidade do Distrito Federal, onde lecionou, sediada provisoriamente em um prédio de uma escola pública, que tinha os cursos espalhados por diversos lugares da cidade. Em carta de outubro, afirma que a instituição era “a coisa mais construída na areia que já encontrara em seu turismo vital” (Castro, 1989, p. 40).

Em papel timbrado da Universidade do Distrito Federal, no dia 30 de agosto, Mário solicita um projeto com orçamento a Cândido Portinari, que também atuava como professor da instituição. Como diretor, pede que o amigo lhe mande as previsões financeiras quanto aos cursos da seção que dirige.

1.10 Setembro

A pesquisa localizou apenas uma carta de Mário de Andrade, datada de setembro de 1938, expedida a Oneyda Alvarenga, “às duas da madrugada”. Envia à discípula avaliação acerca das palestras dela. Conta estar “bem, mas meio inquieto” (Alvarenga, 1983, p. 149), e que explicaria a situação quando estivessem juntos (o que não ocorreu tão cedo quanto pensavam, pois Oneyda acabou indo para Minas em suas férias, e não para o Rio de Janeiro).

1.11 Outubro

Em outubro, a pesquisa pode coligir duas cartas de Mário de Andrade, ambas datadas de 6 de outubro, dirigidas a Oneyda e a Paulo Duarte.

A carta a Oneyda contém apenas comentários acerca de uma conferência sobre História da Música. Dá sugestões à amiga sobre como escrevê-la de maneira mais literária, aprimorando a escrita e tornando-a mais bela e, ao mesmo tempo, didática.

A missiva expedida a Paulo Duarte é expressiva no que diz respeito ao imaginário produzido por Mário sobre a cidade do Rio de Janeiro. Nela, há o poema sobre as “Guanabaras”, termo inventado pelo autor para significar “espertezas pélicas (de pele) provocadas pelo contato da natureza facilitadora [do Rio]” (Duarte, 1977, p. 167). Conta que sua família em São Paulo sentia falta de sua presença como alguém que, como todos os filhos, traz “movimentação ao lar” (*idem*, p. 167). “A família anda agora naquela, sempre calma, sempre larga, mas tristonha luz do entardecer. Sinto pena. Não desejaria voltar pra S. Paulo, apesar disso” (*ibidem*, p. 167). Mário sente-se desenraizado: declara não pretender voltar à vida antiga, à casa, à família, a não ser por um curto período de férias que teria dali a alguns dias.

Além disso, esta missiva favorece uma análise acerca da multiplicidade da figura de Mário, sempre em exílio, “trezentos, trezentos e cinquenta”:

Não sei se ninguém me entenderá, sem notas à margem, ah, ninguém me entende, sou um incompreendido, sou... o que sou eu? Não sou, somos, meu caro Mário Raul de Moraes Andrade, múltipla criatura, espécie grátis de centopeia dos sentimentos e dos pensamentos (Duarte, 1977, p. 166).

Mário de Andrade manifesta o desejo de permanecer no Rio, fazendo o possível para isso ocorrer. Pondera, contudo: os “desejos são voláteis”, assim como a sua situação profissional na UDF. Nada garantia sua permanência na cidade. Esperava o tempo definir seus rumos, atrelados aos projetos políticos e culturais que seriam ou não levados adiante pelo governo Vargas.

O silenciamento de Mário também pode ser observado nas cartas. O escritor relata a Paulo Duarte: “Querida contar umas coisas mais sérias mas neste ambiente de carta em que, não sei como me instalei, não é possível” (*idem*, p. 166). Pode-se apenas

inferir que ele esteja se referindo a seu estado de desânimo ou a situações relacionadas ao pedido de demissão do Departamento de Cultura. O escritor deixa lacunas de sentido em algumas missivas, para além do caráter elíptico do gênero epistolar.

Outra carta a Paulo Duarte, enviada em 27 de outubro, trata das diligências de Mário de Andrade para conseguir um profissional que pudesse fotografar mapas do Brasil preservados na Biblioteca Nacional, a fim de produzir uma Enciclopédia do Brasil pela Imagem, a pedido de Afrânio Peixoto. Entretanto, o telegrama atrasou, interceptado pela censura, resultando na prisão de Paulo e Afrânio, por um dia. Houvera um equívoco de interpretação da mensagem telegráfica. Paulo escrevera a Afrânio “seguem elementos”, expressão que foi entendida pela censura como um propósito político (que não tinha).

Na mesma carta, Mário registra sua rotina agitada naqueles dias: “Hoje (são 13 horas) tenho Conselho Universitário (15 às 18 horas), jantar com Mme Liddy Chiafarelli e levá-la ao Bakaus [...]. A que horas virei pra casa preparar as duas aulas que tenho amanhã de manhã... meu Deus!” (Duarte, 1977, p. 169). A vida no Rio parecia movimentada, desordenada.

1.12 Novembro

Em 3 de novembro de 1938, Mário de Andrade envia uma carta a Sérgio Milliet, fazendo críticas severas a um romance escrito pelo amigo. Utiliza o futebol como metáfora, dizendo que o amigo seria considerado um escritor “reserva do primeiro time” (Duarte, 1977, p. 306). Justifica longamente tal classificação. Posteriormente, arrepende-se das duras palavras e pede desculpas a Sérgio pelo que pressentia de arrogância em seu comentário crítico.

Nos dias 15 e 21, dirige missivas a Paulo Duarte. Na primeira carta, felicita o amigo pelo aniversário, que ocorreria em 16. Exprime a falta do colega, que havia passado alguns dias em sua casa no Rio: “Falta um cheirinho no ar e pra mim aquele exemplo assombroso de um sujeito cheio de coisas por dentro e capaz de dormir à metralhadora alerta desta rua do Catete que mais parece do cateto que rilha os dentes” (*idem*, p. 170). Poucos dias depois, Paulo seguia, exilado, para a Europa.

Na segunda carta, Mário confidencia sentir-se “em um estado catastrófico” (*ibidem*, p. 171). Ao mesmo tempo, diz estar feliz por ir visitar a mãe dali a dois dias, na

ocasião do seu aniversário de 80 anos. No dia 19, havia escrito a Oneyda, convidando-a para a comemoração na Lopes Chaves, no dia 24.

1.13 Dezembro

Em 2 de dezembro, Mário de Andrade escreve a Oneyda, apressadamente: tinha apenas quinze minutos “para a poetisa Oneida Alvarenga Peixoto mineira” (Alvarenga, 1983, p. 157). Eram quinze para as dezenove e, neste horário, sairia com amigos. Isso não o impediu de escrever um longo texto, discorrendo sobre a importância de Oneyda conhecer melhor a poesia brasileira – sobretudo os parnasianos e românticos – e enviando até um de seus poemas recentes, com conteúdo pertinente para pensarmos sobre sua relação com o Rio de Janeiro.

Mário relata à amiga que Manuel Bandeira não gostou desse novo poema, dizendo que ainda havia muitas correções a fazer nele antes de publicá-lo. Mas ele estava satisfeito com suas próprias “tiradas meio demagógicas” (*idem*, p. 159). Além disso, com humor, pede à amiga que “mande os poemas seus que acha ruins”; ele quer “ver por que são ruins”. Aborda, ainda, questões relacionadas à Discoteca Pública, finalizando a carta, lança mão de uma bonita imagem: “Que Deus nos proteja de gregos e troianos, e enquanto isso vamos nos abraçando na pureza irreal das amizadas” (*ibidem*, p. 159).

No dia 14, Mário escreve longa carta a Sérgio Milliet, pedindo desculpas pelas críticas feitas ao livro dele, no mês anterior. Como argumentação, imagina que sua postura irônica e sarcástica representava seu lado “mau”. Cita situações recentes em sala de aula que confirmaram isso. Com franqueza, diz que não quer agir assim: quer ser generoso, como “naqueles primeiros tempos de modernismo”, característica que julgava “a mais sublime do espírito” (Duarte, 1977, p. 314). Demora-se em confidências com o amigo.

Escrevendo a Dona Nini Duarte, em 21 de dezembro, Mário diz que gostaria de conversar com ela, mas que “não tem coragem de pedir notícias sobre o Departamento” (*idem*, p. 173), que “seria inútil disfarçar com a imagem do Departamento as nossas preocupações mais graves” (*ibidem*, p. 173). Mostrava-se preocupado com o irmão Carlos Andrade, político do Partido Democrático, temendo que ele também, assim como Paulo Duarte, sofresse o exílio.

Mário julga que o Rio de Janeiro “anda de delicadezas com ele”, sem calores extremos:

Um dia de mormaço e três de chuvinha intermitente que adoça os ventos e traz vontade de praias. Mas que praias com tanta trabalhadeira! Estou no fim do curso e nisso não fui feliz. Os alunos me apreciaram e gosto de ser gostado (Duarte, 1977, p. 173).

Por último, deseja um Feliz Natal à família e aos amigos de São Paulo.

No dia 23, escreve a Rubens Borba de Moraes, para tratar de ajuda financeira a Paulo Duarte na Europa. Ocorrerá um desencontro entre eles e Mário não conseguira encontrar Nino Gallo, responsável por recolher a quantia dos amigos e enviá-la a Paulo. Diante de problemas financeiros e temendo que o irmão fosse exilado, Mário partilha com Rubens o seu estado emocional:

Estou vivendo uma incrível de vida, principalmente agora que todos os sucessos do ano deram no que tinham que dar nesta chama da vela que mais não sou: a Crise. Uma depressão nervosa total (não conte a quem possa levar a notícia em casa, a quem minto que estou ótimo), uma angústia pavorosa que me fecha as entranhas dia e noite e me impede respirar, com mania de perseguição que me faz desconfiar dos indivíduos que sentam ao meu lado no bonde, enfim e literalmente: Crise (Moraes, 1979, p. 30).

Além disso, ele confessa a Rubens que está tendo de “economizar tempo com cartas” pelo excesso de trabalho. Esta mensagem configura-se como uma densa e sofrida confissão. Excessos etílicos e a vida desregrada prefiguravam a depressão. Em 1939, nas cartas, ele se abriria mais com os companheiros sobre seus sentimentos quanto à sua permanência no Rio de Janeiro.

A última carta, em 31 de dezembro, é destinada a Oneyda. Mário envia um conto para a amiga, pedindo que fosse repassado a Sérgio Milliet. Diz que o novo ano não poderia ser pior do que aquele e deseja uma boa passagem a ela e ao marido, Sylvio, com o “desejo de sua melhor amizade” (Duarte, 1977, p. 165).

2. Impressões, figurações

Que figurações biográficas podem ser apreendidas das cartas de Mário de Andrade, em 1938? Para obtermos uma resposta, será necessário considerar a heterogeneidade de assuntos tratados nas missivas, as diversas *personae* que o escritor inventava diante de seus interlocutores, bem como observar o fluxo dos acontecimentos desse ano tão intenso politicamente, tanto no Brasil quanto no mundo.

Como recuperar essas figurações, a partir de tantas lacunas e de fragmentos autobiográficos, que constituem essas cartas? Buscaremos reconstruir alguns desses autorretratos esboçados nesses conturbados doze meses, talvez os mais impactantes da vida do polígrafo. Os testemunhos biográficos de Mário, vale lembrar, dispersavam-se não apenas nas cartas, como também nos livros e artigos jornalísticos.

As figurações de Mário de Andrade mostram um funcionário público em exaustão, em vias de sair do cargo da Diretoria do Departamento de Cultura de São Paulo; depois, um professor fora do comum na Universidade do Distrito Federal; e, por fim, um poeta, ao mesmo tempo encantado e vivenciando um princípio de desilusão com a vida no Rio de Janeiro. Em suma, reunimos, a partir desses três retratos, as impressões de Mário sobre o seu ano de 1938. A investigação, assim, parte de um pequeno recorte temporal, mas que é capaz de indicar transformações que se materializaram na vida do epistológrafo.

2. 1. “Por enquanto não passo de um funcionário subalterno”

O “exílio” – ou autoexílio – de Mário de Andrade no Rio de Janeiro se dá a partir de um sentimento de fracasso. Este desânimo vem, em grande medida, de sua saída da direção do Departamento de Cultura de São Paulo. O escritor enfrentou acusações contra a sua gestão, nascidas no âmbito da política intervencionista de Vargas, em abril de 1938. Entretanto, antes disso, em janeiro, quando Mário ainda guardava grandes expectativas para a sua atuação no órgão, ele já demonstrara grande cansaço devido ao excesso de trabalho. Em fevereiro, relata o seu “esgotamento nervoso incrível” a Rodrigo Melo Franco de Andrade, à época, à frente do SPHAN. Esse estado de exaustão vivido por Mário resultava do trabalho excessivo – embora cumprido com muita alegria. A sua intenção era construir um órgão que pudesse se transformar em um

modelo para a democratização da cultura no país. Em março, o funcionário dedicado consegue tirar alguns dias de descanso no Rio de Janeiro⁵.

Ao retornar para São Paulo, em abril, o que predomina já é o sentimento de culpa e malogro. Ao amigo Paulo Duarte, que lhe garantiu o tão estimado cargo, Mário diz que fracassou em sua gestão. A Oneyda Alvarenga, ex-aluna do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e àquele tempo, à frente da Discoteca Pública de São Paulo, mantém uma imagem de normalidade, com expectativa e esperança em relação ao trabalho da jovem amiga. Busca incentivá-la e escreve menos sobre si.

Nesse sentido, nos meses iniciais do ano, prevalece, ainda, a imagem do esforçado diretor do Departamento de Cultura, que levava a termo uma grande missão governamental. Primeiro órgão especialmente criado para cuidar de questões culturais, foi idealizado em 1933 no governo Armando Salles de Oliveira que, “após o fracasso paulista na chamada Revolução de 1932, buscava dotar o Estado de instituições culturais e científicas modernas, capazes de redefinir os rumos da cultura nacional, a partir de São Paulo, a exemplo da Universidade de São Paulo, criada em 1934” (Botelho; Hoelz, 2018, p. 341). Ele nomeou Fábio Prado como prefeito da cidade, que convocou Paulo Duarte para dirigir o Departamento. Dois anos depois, em 1935, Duarte convida Mário para assumir o cargo, dado que suas pesquisas em prol da investigação da cultura brasileira já eram amplamente reconhecidas. Atuou por três anos – pouco tempo, considerando a infinidade de projetos por ele desenvolvidos.

Em suas palavras, Mário, após assumir o cargo de gestão pública, passara a ter “um sentimento menos teórico da vida”, porque “apalpou sua quotidianidade mais de perto” (Calil; Penteado, 2015, p. 93). Nesse momento, o escritor pôs em prática suas reflexões e estudos sobre a cultura brasileira desenvolvidos em livros, jornais e revistas. E ele diz “não se perdoar” da total ignorância que tinha até então sobre vicissitudes da prática administrativa em cultura: “não a sabia”, porque nunca a tinha experienciado. Se diz “inocente” das escolhas difíceis e de grande impacto social que começava a tomar:

Um copo de leite dado a uma criança subnutrida implica a fome de outras; uma biblioteca nova ilumina o rastejo dos analfabetos; uma orquestra mantida supõe músicos sem

⁵ Oneyda Alvarenga, no entanto, afirma que não foi um período de “descanso absoluto”. No Rio de Janeiro, ele continuará trabalhando para o SPHAN ou cumprindo tarefas recebidas diretamente do ministro Gustavo Capanema.

emprego, um coral dado ao povo desafina ao som gago dos que nem sabem ouvir (Calil; Penteado, 2015, p. 94).

Certamente, o cargo lhe impunha desafios de ordem prática, administrativa. Envolvia assuntos sobre os quais até então ele apenas teorizava, relacionados à criação e ao fortalecimento da “cultura brasileira”, vista por ele não como unívoca, mas essencialmente plural, diversa como se mostrava o país, territorial e culturalmente.

A epistolografia de Mário conta com diversas missivas relacionadas a esse período de sua vida, seja para discutir orçamentos para eventos, como o do Cinquentenário da Abolição que vinha organizando em janeiro e fevereiro. É perceptível a imensa dedicação do então diretor ao cargo, que o levou a fazer a declaração, em 1936, ao amigo Luís da Câmara Cascudo, de que havia “se esquecido completamente de si mesmo” para tornar-se o próprio Departamento de Cultura.⁶

Mário de Andrade sente que seu trabalho foi desvalorizado porque, no contexto político que se seguiu à instauração da ditadura do Estado Novo, o interventor de Vargas era um engenheiro que supervalorizava o orçamento destinado às obras da cidade, deixando em segundo plano pastas como a da Cultura. Em maio de 1938, Mário é desligado do cargo pelo recém-nomeado prefeito Prestes Maia, sob acusações de má administração das finanças, e é substituído por Francisco Pati, alinhado aos ideais varguistas. Em carta a Capanema, ele afirma:

As coisas estão se definindo enfim e não parecem muito claras de cor para o Departamento de Cultura. O novo prefeito é um urbanista notável, parece excelente escolha para a Cidade. Sob o ponto de vista cultural, departamental, nada consegui apurar por enquanto. Hoje estive com ele para apresentação como de direito da minha demissão, e a conversa não foi nada animadora. Falo com relação ao Departamento, e não a mim. O prefeito mostrou-se duma reserva, duma ausência que me deixaram profundamente inquieto.

De outro lado, sei de fonte limpa que dos homens do PRP que subiram agora, uma fortíssima corrente deseja a extinção, pura e simplesmente, do Departamento de Cultura. Outra, mais moderada, sustenta a necessidade de sua conservação, acabando-se apenas com

⁶ Cf. *Me esqueci completamente de mim, sou um Departamento de Cultura*, obra organizada por Carlos Augusto Calil e Flávio Rodrigo Penteado, publicada pelo IMESP em 2015.

certas “brincadeiras” inúteis. Não erro certamente em supor que tais brincadeiras sejam a Discoteca Pública, as pesquisas de Folclore e Etnografia, quartetos, trios e corais. Essas foram as pastas sempre caçadas pelos homens do PRP nas câmaras estaduais e municipais. (Schwartzman; Bomeny; Costa, p. 368).

Embora fossem rivais em 1938, o Partido Democrático (PD) – ao qual Mário havia sido “uma espécie de assessor intelectual de prestígio” (Miceli, 1979, p. 25) – foi criado em 1926 a partir de uma dissidência do Partido Republicano Paulista. O PD apoiara a Revolução de 1930, ao contrário do PRP. Embora Mário tivesse colaborado, ao lado de outros amigos, com o PD neste período, o entusiasmo que manifestara “cai pouco a pouco, à medida que crescem as contradições de São Paulo com a Revolução” (Lopez, 1972, p. 61). O modernista participara também da Revolta Constitucionalista de 1932:

pouco a pouco vai deixando-se envolver pela Propaganda Revolucionária Paulista; sua adesão tímida, que pesa e condena as posições separatistas em setembro de 1931, cresce e o faz escrever em 1932 crônicas de apoio e incentivo à luta. Esconde-se entretanto no pseudônimo de Luís Pinho e faz questão de ressaltar o sentido popular e democrático que o movimento tomava. O pseudônimo é recurso para conservar a unidade e a coerência global de sua obra, uma vez que, como nacionalista que aspirava à internacionalidade, não podia, em sua consciência, aceitar todas as linhas do movimento. (Lopez, 1972, p. 62).

Em 1932, Mário faz uma “declaração de paulistanidade”: “Agora eu sou paulista. Não sinto o Brasil mais, e ainda não readquiri a minha internacionalidade. Retrogradei vinte anos na minha vida. Voltei ao menino estudante que inda tinha senso político de pátria. E minha pátria é S. Paulo. E isso não me desagrade.” (Andrade *apud* Lopez, 1972, p. 63).

Em 2 de dezembro de 1937, com a instauração do Estado Novo, todos os partidos políticos foram extintos. Após esta data, o presidente passara a governar com base em uma Constituição autoritária, de inspiração fascista. Desse modo, ainda que o PRP não estivesse mais disputando, diretamente, as eleições, os políticos outrora

filiados ao partido poderiam ter sido cooptados pela ditadura varguista por meio de alianças e ter, conseqüentemente, “subido” para posições de liderança – situação que desconcertava Mário, conforme se lê na missiva destinada a Capanema, em maio de 1938.

Miceli (1979) afirma que “enquanto os perrepistas procuravam não dissociar suas tomadas de posição no terreno estético de sua atuação propriamente política, a maioria dos intelectuais democráticos buscava resguardar a problemática de sua produção intelectual das conveniências impostas pelas lutas políticas de que participava” (Miceli, 1979, p. 24).

As acusações de corrupção na gestão de Mário de Andrade, após a sua saída do Departamento, não se sustentaram. Em carta de 1939, o ex-diretor intuía que o “lema” de seus opositores – “agora vão ser postas a nu as vergonhas do Departamento de Cultura” – iria se transformar em outro: “com certeza houvera grossa roubalheira, só que fora tão bem feita que não se podia provar” (Duarte, 1977, p. 142). Depreende-se que não houve provas para garantir os rumores sobre as improbidades que teriam motivado a saída de Mário do cargo, isso tendo ocorrido em razão de meras divergências políticas. Dessa forma, o investimento em cultura era visto pelos perrepistas, assim como pelo novo prefeito de São Paulo, como supérfluo, “inútil”.

O polígrafo sofre a perda do cargo da Diretoria, que lhe tirava a possibilidade de realizações no âmbito da cultura. Predominam, nos relatos de Mário, angústia e remorso pelo autoexílio, vislumbrado como uma forma de aliviar seu descontentamento. O autor de *Macunaíma* demora a compreender que seus projetos no Departamento tinham semeado importantes políticas culturais, que foram barradas pelo atraso social do país.

2. 2 “Alguma coisa é preciso sacrificar... eu me sacrifico”

A retórica do sacrifício, da negação das próprias vontades, em detrimento de um bem maior – no caso, o desejo de universalização do acesso à cultura por meio da atuação no Departamento de Cultura – presentifica-se na epistolografia de Mário de Andrade. Pedro Fragelli (2013) analisou a questão, sublinhando a dificuldade que o escritor tinha em dialetizar estética e política, o que o levava a colocar, sempre, uma em oposição à outra. No trecho de uma das cartas enviadas a Drummond, nos anos 1920, ele declara, em tom professoral, ao jovem poeta itabirano:

Só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. [...] Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso que ainda é o Brasil. (Andrade, 1982, p. 6).

Ao falar de sua própria escrita, o autor declara, muitas vezes, que é preciso sacrificar a forma em favor do conteúdo; para ele, os dois aspectos não poderiam unir-se para resultar em uma expressão mais completa. Pedro Fragelli observa que “na obra de Mário, é por meio do ato sacrificial que o indivíduo se torna a sociedade e a estética, a política” (Fragelli, 2013, p. 107). Afirma também que “preso à “dialética negativa” entre estética e política na qual se que enredava o seu trabalho, Mário dizia “suportar, muitas vezes com prazer, a aniquilação de si mesmo em função da produção de um bem coletivo” (*idem*, p 107).

É interessante notar que, além da estética – que contemplaria a fruição das obras de arte e seu valor – Mário sublinha, em carta ao professor Curt Lange, sua dificuldade em dialetizar cultura e política:

Acabo de receber sua carta e para seu governo comunico-lhe que as coisas aqui se transformaram completamente com a mudança política. Nada mais lhe posso prometer ou garantir, pois subiu gente do partido oposto e estamos sendo ferozmente combatidos. Não vale a pena levantar o problema da publicação agora. É melhor deixar passar alguns meses para ver se a situação muda ou pelo menos acabam percebendo que *meu destino não é político mas cultural*. Então voltarei a conversar sobre o assunto. Por quanto não passo de um funcionário subalterno (Matos, 2016, p. 130).

No entanto, a prova de que “política” e “cultura” não caminham separadamente ganha corpo em estudo de André Botelho e Maurício Hoelz (2018), quando discutem o contexto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Havia um embate entre a visão de patrimônio de Rodrigo Melo Franco de Andrade e a de Mário, embora também houvesse interseção entre elas. O primeiro defendia o paradigma da “pedra e cal”, calcado no tombamento (preservação) e conservação dos monumentos históricos. O segundo era favorável ao paradigma das “tradições móveis”,

que se modificam pela ação dos sujeitos na história, incluindo e valorizando o momento presente: “o desafio de preservar incluindo o presente (o que está em movimento)” (Bomeny, 2012, p. 123), pois Mário olhava “a heterogeneidade e o desconhecido sem restrição, e capturava-os como matéria-prima da gestão política” (*idem*, p. 124), em vez de olhar apenas para a conservação do passado.

Botelho e Hoelz afirmam que Mário de Andrade possui um “projeto modernista de renovação cultural” e que seu projeto “parece estar ancorado numa noção antropológica moderna de cultura, na qual a ênfase recai nas relações sociais e/ou mesmo simbólicas” (Botelho; Hoelz, 2018, p. 351). A postura de Mário – que buscava incluir como bens culturais a dimensão imaterial e simbólica – não foi levada à frente em 1937, tendo sido retomada apenas no contexto pós-redemocratização, em 1988. Bomeny sublinha, ainda, que a visão de Rodrigo Melo Franco de Andrade “pode conviver com regimes distintos de governo; a condição da segunda [de Mário] é a democracia” (Bomeny, 2012, p. 126).

Portanto, a esfera política – vista para além da lógica partidária, a partir da implementação de projetos de interesse comum – não pode ser dissociada da cultural, uma vez que os ideais propostos pelos intelectuais da cultura refletem em escolhas políticas e vice-versa. Desse modo, razões políticas – a instauração de um regime autoritário – fizeram com que, a partir de 1938, Mário se tornasse, para o Departamento de Cultura, “apenas um funcionário subalterno”. A realidade política brasileira tirou a autonomia de trabalho de Mário de Andrade no Departamento, assim como impediu que seus projetos culturais fossem implementados no SPHAN.

2.3 “Irei pro Rio sem a menor saudade do *terroir*”

No expressivo número de estudos sobre a vida e a obra de Mário de Andrade, parece haver consenso de que o período de julho de 1938 a janeiro de 1941 representou um exílio para o escritor modernista. Essa ideia foi exposta “oficialmente” no livro *Exílio no Rio* (1989), de Moacir Werneck de Castro, um de seus amigos cariocas, com quem conviveu nos breves, mas intensos anos em que residiu no estado da Guanabara. A hipótese de Moacir foi confirmada em *Eu sou trezentos: Mário de Andrade, vida e obra* (2015), biografia levada a termo por Eduardo Jardim. O autor distingue o estado de “abatimento moral” do paulistano em sua temporada carioca, ocasionado por diversos fatores, sobretudo por “estar mais disponível” no Rio de Janeiro, longe da

família, com quem morou por toda a vida, e porque “os cargos de professor da UDF e funcionário do ministério não correspondiam ao que havia projetado para si nos últimos anos” (Jardim, 2015, p. 161).

Esporadicamente, outros pesquisadores se valem também do termo “exílio”, sempre entre aspas, para se referir ao período em que Mário residiu no Rio. As aspas indicariam um problema relacionado a esse uso, mas que nunca parece ter sido investigado. Então, questionamos: por que exílio? Até que ponto é possível usar essa ideia para se referir a um momento em que um autor/gestor de renome se muda de uma cidade em acelerado processo de modernização, mas ainda com muitos vestígios provincianos, para a já consagrada e cosmopolita capital federal? Nessa cidade, Mário residiu literalmente a poucos passos do Palácio do Catete, onde governava Vargas; atuou como diretor e professor em um Instituto da Universidade do Distrito Federal, pensada a partir de ideais inovadores, fortemente influenciados por Anísio Teixeira e o Movimento da Educação Nova.

A abordagem do problema pode ser feita sob a ótica da vida pessoal de Mário de Andrade. Não necessariamente o escritor vivenciou a temporada no Rio de Janeiro como um tempo de reclusão e solidão, sentido mais comumente associado a exílio. Ele mesmo diz, em carta a Murilo Miranda, que o que o Rio lhe deu de bom “foram as companheiragens, as conversas de bar, as nossas conversas fiadas, o espetáculo humano estranhíssimo de nossas vidas” (Antelo, 1981, p. 67).

No Rio de Janeiro, seu grupo de amigos era formado, em grande parte, por jovens estudantes da Faculdade Nacional de Direito (FND) da Universidade do Brasil (atual UFRJ), dentre eles Murilo Miranda, Moacir Werneck, Carlos Lacerda e Guilherme de Figueiredo. Em suma, seus companheiros tinham, em sua maioria, boas condições financeiras familiares e, no momento de vida em que estavam, podiam dedicar-se mais à boemia dos bares cariocas.

À época, Mário de Andrade contava com 45 anos. Diferentemente dos amigos moços, não fizera um curso superior, possuindo apenas a formação do Conservatório de Música. No início do século XX, era comum que os filhos das elites cursassem Medicina, Engenharia ou Direito, sendo este último curso destinado à formação das elites políticas. Segundo Miceli, o autor de *Amar; verbo intransitivo* inseria-se na categoria social dos “primos pobres”:

Mário foi o único escritor modernista a não ter realizado o curso de Direito, relegado à Contabilidade que não chegou a completar e, adiante, ao Conservatório Dramático e Musical. [...] Mário só poderia levar a melhor na competição em torno da liderança do movimento modernista pelo empenho com que buscou diversificar os campos de aplicação de sua competência cultural polivalente (Miceli, 1979, p. 25).

Nos espaços de sociabilidade cariocas, havia, no dia a dia, uma atmosfera propícia à livre troca intelectual, sobretudo em torno da *Revista Acadêmica* (que, de “acadêmica”, no sentido tradicional, de erudição e da “torre de marfim”, tinha pouco), periódico dirigido por Murilo Miranda. Suas reuniões em bares e restaurantes cariocas eram assiduamente frequentadas por Mário. Segundo Velasques, era “uma revista tão boêmia que seus primeiros números foram vendidos em um bar, o “Café Alencar”, no Flamengo” (Velasques, 2000, p. 117).

Mário confia a Murilo que a sociabilidade carioca lhe causou um choque, já que ele “vinha de uma ordem de existências perfazidas, bem delineadas, antibiscatísticas, onde se fazia completa abstração do imprevisto” (Antelo, 1981, p. 67). As diferentes formas de convívio intelectual, notadas por ele no trânsito entre as duas cidades, parecem levar Moacir Werneck de Castro a cunhar a ideia de “exílio”. Ao mesmo tempo em que o escritor se sentia diferente entre os amigos cariocas, tanto pela posição social quanto pela diferença de idade, convivia socialmente com eles, abrindo-se para novas experiências.

Paradoxalmente, mudar-se para o Rio e estar ao lado de Vargas parecia significar para Mário a garantia de um posto de “menor” visibilidade, comparado àquele que possuía na Diretoria do Departamento de Cultura, ambos vinculados ao serviço público. Ele acreditava que renunciar à participação no governo, garantindo sua renda apenas com aulas particulares de música e colaboração na imprensa, poderia caracterizar-se como uma postura egoísta. Sabia que tinha um grande conhecimento e potencial para a construção de projetos sociais de caráter coletivo e, cada vez mais, enxergava a importância da construção de políticas públicas para que seus projetos tivessem maior alcance social.

As cartas de Mário de Andrade testemunham os passos de sua transferência para o Rio de Janeiro. Em 14 de junho, ele escreve a Rodrigo Melo Franco de Andrade:

Apenas noto um engano em vocês todos, amigos bons demais. É o esforço em me dar um posto elevado e com melhores vencimentos. Pois juro a vocês que isso não é da minha preferência agora. Prefiro mil vezes um posto que me conserve na obscuridade, subalterno de outros que mandem em mim e a quem eu obedeça sem responsabilidade. Quero escuridão, não quero me vingar de ninguém, quero escuridão. [...] Quanto a deixar São Paulo, você tem razão. // Deixarei S. Paulo sem o menor amargor regionalista. Não que desdenhe dele, não desdenho de nada, mas toda a minha vida, minha obra, minha atuação me permitem dizer que jamais trabalhei *por* S. Paulo, pelo simples fato de trabalhar em S. Paulo. Seria ridículo afirmar que não gosto de ser Paulista, mas seria uma verdadeira pusilanimidade afirmar que S. Paulo me satisfaz. Irei pro Rio sem a menor saudade do *terroir*. Só com algumas saudades da família ou de amigos terei que cultivar, mas saberei transformá-las. Quero ir-me embora, quero ir embora, quero ir embora. O resto, depois verei (Frota; Melo, 1981, p. 132).

Mário emprega o termo “terroir”, cuja definição é “extensão de terra cultivada”, sendo comum no contexto da viticultura, referindo-se a localidades em que se produzem vinhos especiais. Metaforicamente, ficar “mais próximo de si mesmo”, àquele momento, para Mário, seria mudar-se da terra natal (o “terroir” em que cultivara sua trajetória de vida) para experimentar um novo terreno, com outras especificidades. Ele mesmo não se diz um “exilado”, mas alguém que simplesmente muda de lugar.

Em 15 de junho, Mário escreve ao amigo Carlos Drummond de Andrade, à época chefe de gabinete do Ministério de Educação e Saúde de Getúlio Vargas, para tratar do mesmo assunto:

Acabo de saber por cartas do Rodrigo e do Meyer que o Capanema está se caceteando aí por minha causa, e foi ou vai ao Presidente pretendendo me dar a diretoria ou coisa que o valha, do Departamento dos Teatros. Confesso lealmente a você que prefiro coisa mais modesta e obscura. O tal lugar de chefe de seção do Dicionário e Enciclopédia, do Instituto do Livro, me agrada bem mais, porque não estarei em muito grande evidência e poderei um bocado mais refazer o

meu jardim. De qualquer forma sempre estarei gratíssimo a vocês todos que estão se preocupando comigo, mas é a mais leal das verdades que prefiro o lugar modesto no Instituto do Livro. Sou solteiro, não preciso ordenado forte, e fico, aí, mais próximo de mim mesmo. (Andrade, 1982, p. 197).

Por fim, o polígrafo recebe o convite para lecionar na Universidade de Distrito Federal, um posto relativamente de menor projeção. Antes de aceitá-lo, dirige-se a Gustavo Capanema:

[...] O que me deixa desesperado é a delicadeza da minha situação. Não queria dar nenhum desgosto a você, aceitando o lugar que me oferecem e que sei não ser da sua simpatia. Mas por outro lado, seria simplesmente pretensioso da minha parte, como que me pôr em leilão, pedindo a você descobrir de momento outro lugar pra mim no Ministério, quando você mesmo me contou a impossibilidade disso porquanto. E ainda por outro lado, não posso mesmo ficar mais em São Paulo, porque acabarei estourando com tudo. Veja você como minha situação é delicada. Resolvi, pois, como ponto final deste desespero de que o Rodrigo foi testemunha, pedir a você que me conceda aceitar o lugar que me oferecem na Universidade. Por meu lado eu me comprometeria a quando chegar o tempo de você por em execução seus projetos tão admiráveis, abandonar tudo, sem mesmo de ganhar mais ou ganhar menos, e ir trabalhar a seu lado, se você então ainda precisar de mim. // Ainda não aceitei o lugar na Universidade e sem uma palavra sua, ou de Carlos por você, ficarei no meu lugar paulista. (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1982, p. 370).

Com a anuência do Ministro, Mário muda-se, em junho, para o Rio de Janeiro, tendo sido nomeado na Universidade em 13 de julho. Em suas cartas, nos dias subsequentes, exprime certo arrependimento de sua decisão. No entanto, em agosto, já assegurava estar realizado com o novo cargo e que em breve se adaptaria à vida no Rio. Em outubro, envia carta ao amigo Paulo Duarte, quando a elaboração do poema “As Cantadas” estava em processo, mostrando-se encantado com a cidade:

Farei todos os esforços pra ficar no Rio, se possível, definitivamente. Não é questão de ilusões, não, devidas a um primeiro contato fácil. Não creio que no Rio me melhorem ou piorem, ou que eu melhore ou piore no Rio. No momento, o que me fortalece na decisão, é apenas um desejo, e os desejos são voláteis. Nada me garante, por enquanto, a permanência no Rio. A Universidade do Rio de Janeiro [UDF], criada por Pedro Ernesto, é a coisa mais construída na areia que já encontrei em meu turismo vital. Vamos a ver janeiro o que decide por mim. (Duarte, 1977, p. 167).

Em janeiro de 1939, Vargas decreta o fechamento da Universidade do Distrito Federal. E Mário, até fevereiro de 1941, quando decide retornar a São Paulo, passaria a atuar no Instituto Nacional do Livro, exercendo função pública de pouca visibilidade. Segundo Moacir Werneck de Castro (1989), em julho de 1940, muda-se do Catete para Santa Teresa e relata em cartas que muitas vezes nem comparecia ao trabalho, indo ao local apenas para “bater ponto”. As suas atividades como escritor e intelectual, no entanto, não param: ele retoma o romance *Café*, prossegue publicando resenhas na coluna Vida Literária do *Diário de Notícias* até agosto de 1940, trabalha em um romance, *Quatro pessoas*, fortemente inspirado no contato que teve com amigos cariocas mais moços. No entanto, essa ficção restaria interrompida, Mário vivenciando o horror da Segunda Guerra Mundial, que fazia com que se envergonhasse da possível publicação de um romance sobre relações interpessoais e casos amorosos.⁷

As cartas de Mário de Andrade, com data de 1938, atualmente publicadas, não mencionam assuntos atinentes ao cenário internacional. Talvez, no horizonte mais imediato do escritor, outras questões se interpusessem: a conturbada situação política no Brasil, o excessivo trabalho no Departamento de Cultura e, depois, o enfronhar-se nas aulas ministradas na UDF.

2.3.1 A construção da figura do *exilado*

⁷ Mário menciona o assunto em carta a Oneyda Alvarenga datada de 6 de julho de 1940 e, posteriormente, quando abandona o projeto de livro, em 1943, na situação de uma entrevista dada a Mário da Silva Brito, no *Diário de São Paulo*, em 2 de dezembro deste ano.

No prefácio a *Exílio no Rio*, Moacir Werneck de Castro afirma que sua proposta de biografar Mário no Rio de Janeiro não pretendia ser “um trabalho para eruditos, mas de alguém que aspira a ser lido por um público mais amplo” (Castro, 1989, p. 12). Embora defenda a hipótese de que o escritor paulistano teria vivenciado um *exílio*, inclusive empregando a palavra no título de sua obra, em momento algum ele a conceitua. Por isso, até agora empregamos a acepção do termo no senso comum, que indica uma negatividade, advinda de uma sensação de estar distante das raízes, de um lugar que lhe seria próprio. Mesmo que sem uma definição precisa, a palavra seguiu sendo empregada no meio acadêmico para referir-se à experiência de Mário no Rio de Janeiro. Mas até que ponto essa condição de *exilado* diz respeito apenas a este momento da biografia do autor?

Sobre o suposto “bairrismo” de Mário em relação a São Paulo, Telê Ancona Lopez (1972) afirma que, em vez de um vínculo firmado com sua terra de origem, a postura de Mário de Andrade simbolizava o desejo de “exploração de um assunto cotidiano que lhe tocou a sensibilidade” (Lopez, 1972, p. 215). Mesmo a sua defesa da nacionalidade fugia dos essencialismos e buscava compreender a condição de brasileiro como circunstancial. Em carta a Drummond, em 1924, o escritor afirma:

Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com seu passado, com suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional (Andrade, 1982, p. 15).

Desse modo, o sentimento de pertença veiculado por Mário de Andrade – o vínculo afetivo seja com o Brasil, seja com São Paulo – não apresenta caráter ufanista, de valorização extrema da relação com um território específico. Telê Ancona Lopez afirma que “na poesia, [Mário] dissecava liricamente sua cidade. Nunca a defende nem apregoa a supremacia de seu Estado” (Lopez, 1972, p. 216).

No entanto, em 1926, diante de uma provocação de Tristão de Athayde, nota-se que, embora Mário de Andrade negue, ele age de modo “bairrista” ao defender que São Paulo possuía um grau de cultura mais elevado do que o Rio de Janeiro, devido à intelectualidade de sua aristocracia – ou de poucos de seus membros, como D. Olívia

Guedes Penteadó, Paulo Prado, Tarsila do Amaral, personalidades que favoreceram o desenvolvimento do modernismo. Com isso, defende também a aristocracia cafeeira, que em tantos momentos criticou. Essa justificativa aponta, então, mais para o vínculo de identificação que possuía em relação aos amigos de condição privilegiada que o auxiliaram em suas pesquisas e criações do que para o vínculo com os limites territoriais da cidade. Nesse sentido, se seus vínculos não estariam fincados propriamente nos limites espaciais, seria possível pensá-lo como exilado?

Em *Reflexões sobre o exílio* (2003), Said aponta para a diferença entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. Os refugiados fariam parte de uma categoria criada no século XX, com fins políticos, para referir-se a “grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional urgente” (Said, 2003, p. 53). Os expatriados seriam aqueles que “moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (*idem*, p. 53), tendo optado por isso. Já os emigrados “gozam de uma situação ambígua” (*ibidem*, p. 53), já que em teoria podem escolher estar no local e, em alguns casos, deixam de ser chamados de *exilados* depois de certo tempo. O que haveria de próprio deste último seria um processo forçado de banimento, que o impediria de voltar para casa.

Said escreve que “o *páthos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão” (Said, 2003, p. 51). Ao mesmo tempo, para ele, desde que não se acomode, o *exilado* teria privilégios: pode reconstruir sua vida em *outro* espaço com mais autonomia, distanciando-se dos velhos hábitos. Um novo leque de possibilidades estaria aberto a ele, sustentado por uma “força contrapontística”, calcado nesse sentimento radical e libertador de estar, geograficamente, em um lugar diferente.

Já em *Representações do intelectual* (2005), a ideia de *exílio* aparece para Said em sentido metafórico. Para ele, “exílio significa que vamos estar sempre à margem, e o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado porque não podemos seguir um caminho prescrito” (Said, 2005, p. 57). Sendo assim, o que em princípio, no sentido “real”, vinha de uma imposição, toma contornos de liberdade:

mesmo que [o intelectual] não seja realmente um emigrante ou expatriado, ainda assim é possível pensar como tal, imaginar e pesquisar apesar das barreiras, afastando-se sempre das autoridades centralizadoras em relação às margens, onde se podem ver coisas que

normalmente estão perdidas em mentes que nunca viajaram para além do convencional e do confortável (Said, 2005, p. 58).

Dessa forma, o pensador “inconformado”, “dissonante”, estaria sempre desassossegado, fronteiro, em movimento, transitando marginalmente entre culturas, imaginações e nacionalidades, ainda que no plano teórico. Assumiria a “função desestabilizadora”, a cisão, própria da condição do exílio – fora da lógica dos “privilégios, do poder e das honrarias” (Said, 2005, p. 49) – podendo até mesmo beneficiar-se de sua angústia, tornando-a “produtiva”.

Mário de Andrade sempre esteve nesse lugar fronteiro. Seus projetos políticos e literários buscaram desestabilizar, mover noções tradicionais ou academicistas sobre o Brasil, olhando para a imensa diversidade cultural brasileira. Até mesmo no âmbito biográfico, ele situava-se em um entrelugar:

Mulato, distante do padrão heteronormativo e pobre - ao menos a ponto de depender do seu próprio trabalho intelectual para sobreviver – Mário viveu, sobreviveu e morreu numa sociedade classista, racista e homofóbica como era a sociedade brasileira da sua época e ainda é a sociedade brasileira hoje. (Botelho; Hoelz, 2022, p. 16)

Em seus métodos de pesquisa, Mário privilegiou viagens de campo para o estudo das tradições locais, em vez da pura especulação teórica; em seus projetos culturais, buscou anular a barreira entre erudito e popular; na poesia, em “Luar do Rio” e “As cantadas”, por exemplo, experimentou o descentramento, na imersão do eu-lírico em uma nova paisagem urbana, a carioca.

Qualquer que seja a denominação – exílio, se pensarmos, de modo mais amplo, na mudança de Mário para o Rio de Janeiro, expulso do Departamento de Cultura, ou autoexílio, se considerarmos como voluntária a saída de Mário de São Paulo – parece relevante afirmar que ele sempre foi, em certa medida, um estranho, exilado. Ele era “trezentos, trezentos e cinquenta”. De acordo com João Luiz Lafetá, Mário se colocou, o tempo todo, no centro da contradição, e terminou por fazer dela o fulcro de suas reflexões literárias” (Lafetá, 2000, p. 211).

Mário de Andrade, “correspondente contumaz”, também se mostrou “trezentos, trezentos e cinquenta”. Sua “tentacularidade epistolar cortava o Brasil de ponta a ponta,

num contato intenso e fecundo com as forças mais vivas da inteligência brasileira” (Miranda *apud* Moraes, 2007, p. 50). Em suas cartas, observa-se uma diversidade de autofigurações, particularizadas em face de cada um de seus interlocutores – as suas *personae*.

Em 1938, por exemplo, diferentes tipos de convívio resultam em diferentes figurações. De um lado, por exemplo, as cartas para Oneyda Alvarenga – amiga mais jovem que havia sido sua aluna no Conservatório e depois funcionária no Departamento de Cultura; de outro, aquelas dirigidas a Paulo Duarte – amigo que lhe ofereceu a possibilidade de ocupar o posto de diretor do mesmo órgão público. Para Oneyda, Mário falava menos sobre si e mantinha um lugar de autoridade, embora tivesse também postura de amigo; para Paulo Duarte, desabafava em longas cartas, compartilhando questões familiares e dramas pessoais, com mais intensidade. As cartas de Mário dirigidas a Rodrigo de Melo Franco, se comparadas àquelas a Gustavo Capanema, expressam uma afetividade maior, embora, ambos os diálogos estejam circunscritos prevalentemente no âmbito profissional.

2.3.2 Exílios no Estado Novo

A partir das cartas de Mário de Andrade expedidas em 1938, é possível observar que, de fato, a atmosfera tornou-se desagradável no Departamento de Cultura após a instauração da ditadura do Estado Novo, de inspiração fascista. De acordo com Fragelli (2013),

o fascismo se distingue por alguns traços essenciais, como a repressão do movimento sindical independente, o bonapartismo, a oposição violenta ao comunismo, o apoio da classe média, a sedução de parte do operariado e a acumulação forçada e monopolista de capital industrial. Esses processos, que se condicionam reciprocamente, caracterizam a dinâmica e a estrutura da sociedade brasileira dos anos 1930 e 1940. (Fragelli, 2013, p. 100).

Nesse contexto político autoritário, faz-se necessário compreender a decisão de Mário de transferir-se para a antiga capital, diante das opções de emprego de que dispunha. Ele considerava a mudança para o Rio – um exílio voluntário – sua única solução, contando com a ajuda de Rodrigo Melo Franco de Andrade. A essa altura, o poeta de “O Carro da Miséria” não se declarava comunista, nem fascista; prezava pela democracia, tendo sido aliado do Partido Democrático em São Paulo. No entanto, a relação amistosa que ele e outros intelectuais criaram com Gustavo Capanema fez com que tivessem certa proteção diante da hostilidade do regime contra seus adversários – sobretudo, os declaradamente comunistas.

Para ingressar como professor da Universidade do Distrito Federal, Mário de Andrade contara até mesmo com o convite de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Relacionado ao grupo de educadores católicos, travou com o escritor modernista, por meio de cartas, diversos embates em torno de religião e cultura popular. Segundo Moacir Werneck de Castro, Lima “teve grande responsabilidade na demissão de Anísio Teixeira da secretaria de Educação do DF; acusava-o de executor de “ideias pedagógicas que logicamente terminariam no comunismo” (Castro, 1989, p. 41).

O posicionamento de Alceu Amoroso Lima revela o papel que a Igreja Católica teve na disseminação do discurso anticomunista nos anos 1930, sendo este um dos

principais pilares de sustentação da ditadura varguista. Tal década foi marcada pela disputa ideológica entre nazifascismo e comunismo, nacional e internacionalmente, visto que, após o final da Primeira Grande Guerra, a ideia de democracia foi perdendo legitimidade. A Grande Guerra mostrou a falência do capitalismo e da democracia política participativa – do “Estado Democrático de Direito” – como seu corolário.

A crise econômica posterior à Primeira Guerra (1914-1918) – incluindo a dos EUA em 1929 – levou ao lento descrédito do modelo de eleições livres, partidos políticos com diferentes projetos de nação e “cada homem, um voto”. Assim, aos poucos, regimes autoritários de diferentes calibres foram se impondo. No Brasil, 1938 parece ter sido, sem dúvida, um ano de muitas tensões. Após o Plano Cohen e o golpe do Estado Novo, Vargas assumiu o poder absoluto. Pode-se indagar por que a população aparentemente reagiu de forma tão passiva. Encontramos em Bermeo (1997) algumas pistas. A que mais se adequa a este estudo é a que mostra que a ascensão de regimes fascistas ou profascistas contou muito menos com a participação das massas do que se supõe e muito mais com as estruturas políticas e governamentais pré-estabelecidas.

A “ameaça vermelha” foi muitas vezes usada apenas como tal – apenas ameaça – com algumas exceções, como o caso espanhol. Vargas, cabe lembrar ainda, de fato, nunca se declarou integralista ou participou de atos da AIB, tendo inclusive desbaratado a Intentona Integralista ocorrida no Rio de Janeiro em 11 de maio de 1938. Nesse sentido, no período do Estado Novo, Vargas assume perfil autoritário, mas não necessariamente fascista *ipsis litteris*. Victor (2012) afirma que o Integralismo foi inimigo da ditadura de Vargas.

No Brasil, criou-se uma atmosfera de que havia uma grande ameaça vermelha, da qual as pessoas precisariam se proteger, sendo necessária até mesmo uma intervenção estatal para contê-la. De fato, em 1935, houve a Intentona Comunista, liderada por Luís Carlos Prestes, contra o governo de Vargas e a favor da Aliança Nacional Libertadora (ANL), partido de oposição. O movimento, no entanto, saiu fracassado. Teve grande adesão de militares contrários ao governo, mas pouca simpatia de operários, que foram violentamente oprimidos.

A partir desse contexto, em 1937, o serviço secreto da Ação Integralista Brasileira (AIB) elaborou o Plano Cohen. O documento divulgado à nação em 30 de setembro de 1937 tencionava materializar tal “ameaça vermelha” e ser o propulsor do Golpe de Estado, efetivado em novembro do mesmo ano. O arquivo consistia no

detalhamento de uma suposta invasão comunista no País, a partir da qual se daria uma Revolução. Segundo Paulo Brandi, o documento

traçava as diretrizes de uma insurreição numa grande cidade que poderia ser a capital federal, na época sediada no Rio de Janeiro. O texto era dividido em seis itens, começando no 14º por uma avaliação do Levante Comunista de novembro de 1935. Enunciava uma nova estratégia para o movimento revolucionário, capaz de “criar o clima político necessário e suficiente para o pronunciamento militar”. Nesse sentido, diz o texto, “o movimento de quartéis e tropas será o coroamento do movimento de massas”. Para evitar “a balbúrdia, assassinatos sem plano de espécie alguma”, que teriam ocorrido em 1935, a violência deveria ser “planificada” e “especialmente no que se refere às forças armadas... descer ao detalhe mínimo: cada oficial suspeito à revolução deverá ter um homem encarregado de sua eliminação, eliminação esta que será feita sob pena de morte do encarregado na hora aprazada”.⁸

Em 1945, o documento mostrou-se fraudulento, tendo o Coronel Mourão Filho confessado sua autoria. Ele escrevera o texto em agosto de 1937, na condição de chefe do serviço secreto da AIB. De acordo com Brandi, “nessa ocasião, segundo seu relato, recebeu ordens de Plínio Salgado para elaborar ‘novas diretrizes’ de combate ao comunismo. Plínio achava que a movimentação em torno de sua candidatura afastava os integralistas de sua verdadeira luta, que era a de deter o avanço comunista”.

De todo modo, fica evidente, a partir deste episódio, a construção de uma ameaça ideológica apresentada pelo comunismo naquele contexto, tendo como contraponto o fascismo “à brasileira”, chamado de Integralismo. A situação real dos comunistas no Brasil, após a extinção do Partido Comunista Brasileiro (PCB), era de perseguição política. Um caso conhecido foi o de Olga Benário Prestes, que, entregue por Vargas à polícia nazista, foi deportada para a Alemanha de Hitler.

De maneira análoga, militantes de maior projeção poderiam ser exilados, bem como quaisquer porta-vozes de ideais rejeitados por Vargas, que por mais que nunca

⁸ Ver BRANDI, Paulo. “Plano Cohen” (Verbete). Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. Disponível em <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-cohen>. Acesso em 21 jun. 2023.

tivesse feito parte da AIB, simpatizava com o fascismo àquele momento. Em 1942, ele muda de “lado” na guerra, tornando-se aliado dos Estados Unidos. Já em seu segundo governo, apresentou perfil democrático, retornando ao poder em 1950 após ser democraticamente eleito e tendo morrido como uma liderança política aclamada pelo povo.

Dessa forma, aqueles que defendiam valores democráticos também sofreram perigo. Paulo Duarte, político propulsor do Departamento de Cultura de São Paulo, amigo próximo de Mário de Andrade, em 1938, foi, pela segunda vez, exilado, embarcando para a França e para os Estados Unidos. As cartas desse final do ano demonstram as preocupações do autor de *Macunaíma* em relação à situação do amigo, punido pela divergência ideológica no Estado Novo. Temia também o destino de seu irmão, Carlos, de acordo com o que relata a Sérgio Milliet em setembro:

Agora então, a possibilidade de ida de meu irmão também, em exílio, pra Europa, coisa de que fomos secretamente avisados, coisa que virá, se acontecer, desnortear financeira e completamente a família, você imagine como tenho vivido sobre brasas. Não gasto um tostão, não compro uma laranja pra me alimentar, sem lembrar dele, e que o terei de sustentar na Europa. (Duarte, 1977, p. 314).

2.3.3 Prenúncios da Guerra

As preocupações de Mário de Andrade não se restringiam, neste ano, à instalação da ditadura de Vargas. O período entreguerras, como ficou conhecido posteriormente, foi de agitação política no contexto internacional. A Primeira Grande Guerra deixou sequelas tanto de ordem material quanto imaterial, psicológica. No cenário internacional, 1938 foi, como no Brasil, um ano conturbado. A sangrenta Guerra Civil Espanhola (1936-39) seria considerada um prenúncio da Segunda Grande Guerra, tendo em vista as forças em jogo. A Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler apoiaram a direita fascista, enquanto a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas de Stalin apoiou a esquerda. Segundo Motta (2008),

Os trágicos acontecimentos da Espanha da década de 1930 tiveram impacto internacional e inscreveram-se de maneira marcante na

memória coletiva, em parte por força das representações construídas no cinema, literatura e artes plásticas. Naturalmente, seus ecos fizeram-se ouvir também no Brasil. Quando as forças de direita deslancharam o golpe contra a República espanhola, em julho de 1936, dando início à guerra civil que duraria três anos, o Brasil vivia clima político igualmente tenso, sob a onda de repressão que se seguiu à frustrada insurreição de novembro de 1935. Os projetos e valores políticos em disputa no Brasil assemelhavam-se aos das forças conflagradas na Espanha, e por aqui muitos torceram contra ou a favor da República, tendo um pequeno grupo de ativistas da esquerda, na maioria militares implicados no levante de 1935, se alistado nas tropas das brigadas internacionais. A direita nacional, por seu turno, entusiasmou-se pela luta de seus congêneres espanhóis, aumentando-lhe a convicção de que o seu mundo, ordenado com base nos valores cristãos e no caráter sagrado da propriedade privada, estava sob ataque cerrado do comunismo internacional. A conflagração espanhola, junto com outros eventos do contexto internacional à época, contribuiu para fortalecer o ânimo punitivo e autoritário das forças conservadoras brasileiras. (Motta, p. 579, 2008).

Por outro lado, americanos, franceses, ingleses e cidadãos de várias outras nacionalidades e espectros políticos, não apenas à esquerda, como socialistas, comunistas e anarquistas, mas também mais à centro-direita, como liberais democratas, juntaram-se voluntariamente às Brigadas Internacionais. Em abril de 1937, a cidade de Guernica foi bombardeada pela força aérea alemã e no mesmo ano Pablo Picasso produziu sua impressionante obra sobre a destruição perpetrada. O quadro é atualmente considerado um memorial de todos os crimes cometidos no século XX. Entretanto, apesar da comoção internacional, a situação espanhola ainda assim foi considerada um caso isolado. Como o foram, a princípio, a anexação da Áustria e dos Sudetos pela Alemanha nazista, dentro da proposta do pró-germanismo.

Isso porque, para a população em geral, a situação ainda não era alarmante, em 1938, quanto à possibilidade da eclosão de uma Grande Guerra, com proporções semelhantes em relação à Primeira. Em setembro deste ano, ocorreu a Conferência de Munique, evento no qual se encontraram os líderes da Alemanha, Grã-Bretanha, França e Itália a fim de debater as questões relacionadas aos Sudetos na Tchecoslováquia, com

o objetivo de encaminhar o que ficou conhecido por “política de apaziguamento”, evitando o surgimento da guerra e correspondendo, portanto, aos anseios de expansão territorial de Hitler na Tchecoslováquia. Foi uma tentativa de manter a paz, que se mostrou fracassada no ano seguinte. Segundo Eric Hobsbawm (1994),

fosse qual fosse a instabilidade da paz pós 1918 e a probabilidade de seu colapso, é bastante inegável que o que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências descontentes, ligadas por vários tratados desde meados da década de 1930. Os marcos na estrada para a guerra foram a invasão da Manchúria pelo Japão em 1931; a invasão da Etiópia pelos italianos em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-1939; a invasão alemã da Áustria no início de 1938; o estropiamento posterior da Tchecoslováquia pela Alemanha no mesmo ano; a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 (seguida pela ocupação italiana da Albânia) (Hobsbawm, 1994, p. 43).

O Brasil, por mais que não tenha sido cenário das batalhas, observava, por meio das notícias que chegavam pelo rádio ou pelos jornais, o teor bélico dos anos que se passavam. Além disso, a Guerra colocou Vargas em xeque. Desde antes da entrada dos EUA no conflito, em 1941, o país precisou se equilibrar entre a tendência autoritária e ditatorial sustentada pelos ventos nazi-fascistas e os valores democráticos. Para os EUA, toda a América Latina era sua área de influência e convém que acompanhe sua liderança, seus valores e ideais. Moura (1988) afirma que:

A partir de 1941, o Brasil foi literalmente invadido por missões de boa vontade americanas, compostas de professores universitários, jornalistas, publicitários, artistas, militares, cientistas, diplomatas, empresários etc. — todos empenhados em estreitar os laços de cooperação com brasileiros — além das múltiplas iniciativas oficiais. [...] o imenso impacto cultural que se produziu como resultado dessa presença norte-americana no Brasil não foi aleatório, mas obedeceu a um planejamento cuidadoso de penetração ideológica e conquista de mercado. [...] esse processo de exportação cultural era parte integrante

de uma estratégia mais ampla, que procurava assegurar no plano internacional o alinhamento do Brasil (e da América Latina) aos Estados Unidos, país que naquele momento procurava afirmar-se como uma grande potência e centro de um novo sistema de poder no plano internacional. (Moura, 1988).

Nas cartas de Mário de Andrade, datadas de 1938, não se encontram intuições acerca do segundo grande conflito na Europa. O escritor tinha reagido, no campo da literatura, em face da Primeira Guerra Mundial, tematizada em seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*. A obra foi publicada em abril de 1917, quando ele tinha apenas 25 anos, e exprimia o seu horror em face da contenda destruidora e sangrenta. Embora, depois, ele tenha considerado essa obra “imatura”, é interessante observar a forma como o conflito chega aos olhos do jovem poeta. Os poemas exaltam a paz e problematizam os efeitos da guerra, tanto no âmbito pessoal, da vida dos combatentes com suas famílias, quanto no social, do declínio da civilização por meio do retorno à barbárie e aos estados primitivos devido ao retorno à lógica do “morrer e matar” das trincheiras: “O homem voltou ao seu estado primitivo: / blasfema, odeia, trai, e sepulta-se vivo / em trincheiras, sinistras como covas...” (Andrade, 2009).

Os textos são permeados de um sentimento de esperança quanto a um futuro pacífico. Alguns mencionam episódios específicos transcorridos na Guerra, como o bombardeio da Catedral de Reims, que fez com que lá “os sinos não badalasses mais”. O último poema, “Os carnívoros”, coloca projeções para o dia em que “a paz vier de novo”, trazendo “novas colheitas”, “novas risadas”, “novas manhãs e noites”. Tematiza a reconstrução de uma nova vida calcada em ideais de tons socialistas, em que haveria alimento para todos, “bastava abrir as mãos”.

Telê Ancona Lopez (1972) analisa a questão do engajamento político-ideológico de Mário, que é perpassado, também, por seu cristianismo – Mário tem formação católica e fora Congregado Mariano na juventude. Ela afirma que ele “pensa ser marxista e pensa ser católico, ao mesmo tempo que reconhece não ser verdadeiramente nenhum dos dois” (Lopez, 1972, p. 71), pois, embora ao final da vida tenha se declarado marxista, à época da publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema*, sustentava um pensamento socialista utópico, sem fazer interseções com a prática de tal ideologia.

Além disso, passou muito tempo questionando as raízes de sua fé, de forma a compreender a doutrina cristã de acordo com os ensinamentos sociais e humanitários de

Cristo, de forma crítica às práticas católicas elitistas e socialmente hierarquizantes em voga. Telê Ancona Lopez afirma, ainda, que, em 1938, no Rio, ele “convive com a intelectualidade jovem que, através de revistas e movimentação política, procura aplicar convicções marxistas” (*idem*, p. 65).

Por fim, além das questões estéticas, é possível considerar que o caráter idealista dos textos do livro de estreia também passou a incomodar Mário no final de sua vida. Tendo vivido o contexto da Segunda Guerra e falecido no ano de seu encerramento, o poeta infelizmente não foi capaz de vivenciar a paz que desejava.

2.4 “Estamos comentando suas aulas. Essas últimas então estiveram desacatantes”.

Em 1935, o educador escolanovista Anísio Teixeira fundou a Universidade do Distrito Federal, com uma proposta inovadora, dedicada à formação de professores de diferentes graus de ensino. Ao escrever sobre o Instituto de Artes da instituição, Peres (2020) aponta que essa proposta poderia ser considerada como “modernista”, por ser possível observar professores que propunham, em uma relação próxima com os alunos, um pensamento estético atrelado à prática e à experiência. Peres (2020) aponta que

no caso da Universidade do Distrito Federal havia mais oportunidades de atuação dos intelectuais e artistas modernistas, visto que ela não pertencia ao Governo Federal e sim ao Município do Rio de Janeiro (Distrito Federal) e seu idealizador aspirava construir uma instituição diferenciada das que já existiam no país (Peres, 2020, p. 156).

O perfil da Universidade era compatível com o de Mário de Andrade, convidado para lecionar História e Filosofia da Arte, disciplina que ele modela de forma ousada, por abordar, em conjunto, diferentes aspectos da experiência estética, e mais ainda por ser voltada à formação de professores. Era uma chance de unir seus conhecimentos teóricos à prática pedagógica. Cândido Portinari também lecionava na Universidade, propondo uma abordagem da pintura baseada na perspectiva social.

Podemos ver, no projeto e no currículo da UDF, apropriações da teoria de John Dewey do filósofo e educador estadunidense, principalmente a que afirma a importância

da educação a partir da experiência, e não somente a erudição livresca. Há, também, ênfase à formação profissional. Em manchete da *Gazeta de Notícias* sobre a inauguração da Universidade, observa-se que:

Integrando em seu seio Escola de Professores do Instituto de Educação, a principal finalidade da Universidade é, de acordo com o previsto no seu artigo 2º, incentivar a cultura da comunidade brasileira e a pesquisa literária, científica e artística pelo ensino regular de suas escolas, formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividade e promover formação do magistério em todos os seus graus (*Gazeta de Notícias*, 05/04/1935, p. 8).

O projeto vanguardista da Universidade, no entanto, não foi capaz de sustentá-la, principalmente se considerarmos as aspirações centralizadoras de Vargas, que se intensificaram a partir de 1935. O decreto que funda a Universidade do Brasil, em 1937, expõe o desejo de Gustavo Capanema de criar um “grande projeto universitário, modelo para todo o país” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984), irradiado a partir da então capital federal, sede do poder político.

Em carta de Mário de Andrade a Capanema, datada de 23 de junho de 1939, a UDF figura como “único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil.” Segundo ele, “esse espírito, mesmo conservados os atuais professores, não conseguirá reviver na Universidade do Brasil, que a liberdade é frágil, foge das pompas, dos pomposos e das pesadas burocracias” (*idem*, p. 370). Peres afirma que o seu “grande propósito era ser uma instituição de pesquisa científica, literária e artística, contribuindo para o aperfeiçoamento da cultura brasileira” (Peres, 2020, p. 62), inspirada no Teachers College de Columbia. Em 1939, Gustavo Capanema decreta o fechamento da Universidade, com a intenção de reunir os cursos na Universidade do Brasil.

Em sua aula inaugural na UDF, em julho de 1938, Mário de Andrade apresenta a conferência “O artista e o artesão”. A elocução é um dos marcos da ruptura que o escritor estava vivenciando, passados os primeiros anos modernistas e sua entusiasmada experiência como gestor do Departamento de Cultura.

Na conferência, Mário formula o conceito de técnica pessoal a partir da conjugação do “talento”, isto é, do estilo pessoal do artista, às limitações colocadas por

seu material de trabalho (pedra, óleo, som, palavra) e aos contornos estéticos de sua época. Argumenta o escritor: “a técnica [...] é um fenômeno de relação entre o artista e a matéria que ele move. E se o espírito não tem limites na criação, a matéria o limita na criatura” (Andrade, 1943, p. 25). Em um ato de pioneirismo, mescla as disciplinas de História e Filosofia da Arte, afirmando que falta aos artistas de seu tempo uma “consciência filosófica em face da arte” (*idem*, p. 26). Explicita, ainda, que durante as aulas será “mais um comentador do que um teórico” (*ibidem*, p. 26). E prossegue:

Vou apenas ensaiar um sistema de conversas que, através da História da Arte, consiga dar aos meus companheiros de curso, muito mais uma limitação dos conceitos que uma fixação deles. Um curso que, pelo seu aspecto de experimentalismo crítico sobre a História da Arte, será muito mais o convite à aquisição de uma séria consciência artística que a imposição de um sistema estético, de uma estética perfeitamente orgânica e lógica e, por isso mesmo, para o artista, asfixiante e eneguedora. (Andrade, 1943, p. 26).

A proposta de Mário para o curso demonstra ousadia e vontade de experimentação, tanto no trabalho com os conteúdos, quanto em relação à forma das aulas. Era a primeira vez que ele se aventurava lecionando fora do Conservatório de São Paulo. Passava muito tempo preparando as aulas e buscava, de fato, um diálogo com os alunos. As cartas enviadas em 1938 denotam essa atividade pedagógica. Por vezes, escrevia à amiga Oneyda Alvarenga, lamentando não ter tempo para respondê-la, já que estava, neste início da vida no Rio, muito ocupado com as aulas e a intensa vida social da capital. Com apenas um mês de aulas, em 28 de agosto, Mário declara que “felizmente” estava “vários fans, e a coisa vai compensadamente” (Alvarenga, 1983, p. 146). No entanto, completa:

E agora, Oneida, seria natural que lhe contasse alguma coisa de mim, e desta vidinha de Rio. Mas ainda não posso. Não posso conversar, nem passear, nem ir ao cinema. Se tiro um descanso de uma hora, logo me bate uma inquietação danada, lembrando a aula seguinte por preparar, lembrando os estudos de sistematização que tenho a fazer (Alvarenga, 1983, p. 147).

Mário de Andrade dá a ver, um mês depois, em carta ao amigo Sérgio Milliet, o “estado de negativismo” em que vivia, resultante de preocupações diante da possibilidade de seu irmão exilar-se, indo para a Europa. Essa perspectiva sombria, que o afetava na atividade de professor, desnorteava “moral e financeiramente” sua família, causando-lhe grande sofrimento. Na mensagem, compartilha a sua ambivalência no ambiente universitário:

Sempre fui um otimista. Mas agora, se já na aula inaugural, demonstrava vago o meu negativismo, sem querer, sub-repticiamente, o que me movia em meus cursos era uma verdadeira intenção de solapar intelectualmente os meus alunos. Na intenção maldosa, cheguei mesmo a dar aulas brilhantes, os alunos ficavam presos, todos ficaram meus amigos todos me querem muito bem, mas, como me disse uma das minhas alunas mais inteligentes, “minhas aulas faziam mal”, havia momentos em que ela tinha um verdadeiro malestar (sic). Só então entrei em mim, e isto fazem apenas três aulas, e mudei de rumo, porque no fundo do fundo sou bom. Abandonei a ironia abandonei o sarcasmo com que às vezes durante quinze minutos afirmava e definitivamente provava uma afirmativa, para, depois de um golpe, destruí-la, abandonei a impassibilidade de não dar opinião, e foi um esplendor. Tem outra aluna que dizem meio amalucada pelo jeito abrupto dela, filho do Macedo Soares jornalista, senti por ela o que estou agora causando de útil. Estava um grupo conversando de alunas, as telas por ali, comentando as aulas novas. Passei, ela correu, me puxou pelo braço, levou por meio delas e “Estamos comentando suas aulas. Essas últimas então estiveram desacatantes”. E o riso de simpatia de todas concordava. Sou por demais sensível e apaixonado. Vem brisa e me modifica todinho. Isto não é ser professor, nem é ser nada. Só me gosto mesmo, é naqueles primeiros tempos de modernismo, até 25 talvez, em que não tinha ainda em mim a excessiva presença de mim mesmo, e só via gênios em torno. É possível que eu estivesse errado então, mas tinha comigo o que mais me parece sublime no espírito, a generosidade (Duarte, 1977, p. 314).

A atitude de “desacato”, enquanto professor, neste caso, pode se relacionar ao comportamento desafiador, “contrapontístico”, que se apresenta em muitos aspectos da

vida de Mário, sendo o primeiro deles o modo como elabora sua própria identidade. Alguém que se coloca sempre em confronto consigo, tensionando dimensões consideradas opostas, ao assumir a função de professor de Filosofia, não pode deixar de adotar o método socrático, calcado na construção do conhecimento a partir do questionamento do que se sabe e no risco de elaborar o novo. Desse modo, moldava formulações interpretativas, parecendo acreditar nelas, para em seguida atacá-las com um argumento ainda melhor. Isso poderia deixar os alunos confusos em um primeiro momento – ou ainda denotar “maldade”, como coloca na carta –, mas certamente fazia com que construíssem um conhecimento mais aprofundado sobre os tópicos abordados.

Na UDF, Mário era conhecido por ter uma postura didática mais aberta, despojada. Mostrava-se próximo dos alunos, convidando-os, ocasionalmente, para visitar sua casa e prolongar as discussões tidas nas aulas. Essa postura podia expressar generosidade, ainda que ele relate, nesta carta, tê-la perdido após a primeira fase do modernismo.

2.4.1 O “orgulho de jamais aconselhar”

Segundo Marcos Antonio de Moraes (2007), o Mário de Andrade epistológrafo já assumia uma postura pedagógica em relação a vários de seus correspondentes – sobretudo os mais jovens. Isso se faz presente em sua correspondência com Drummond, nos anos 1920, quando o mineiro era ainda jovem jornalista, interessado pelo modernismo, e o paulistano já se destacava no meio intelectual. Os dois têm um longo e intenso diálogo epistolar, em que Mário sentia-se confortável para trocar conhecimentos sobre arte e vida.

No diálogo que estabeleceram em 1924, Drummond, aos 23 anos, elogia o escritor francês Anatole France, assegurando que, com ele, aprendera “a não ser exigente com a vida” (Andrade, 1982, p. 12). Mário rebate, fazendo duras críticas às concepções de Anatole e à postura de Drummond, tendo no horizonte o debate sobre um projeto nacionalista crítico:

Anatole é uma decadência, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais pra diante. Tem tudo que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. [...] E o que não é menos pior: é literato puro. Fez literatura e nada mais. [...] O

mal que esse homem fez a você foi torná-lo cheio de literatices, cheio de inteligentices, abstrações em letra de forma, sabedoria de papel, filosofia escrita: nada prático, nada relativo ao mundo, à vida, à natureza, ao homem.” (Andrade, 1982, p. 12-13).

Moraes afirma que, nesta correspondência, Mário empreendeu uma “deseducação salvadora” (Moraes, 2007, p. 55), “combatendo” em Drummond a “decrepitude da inteligência”, “o jugo de uma formação escorada em elementos da tradição literária que frutificava em húmus de todo um viver conservador” (*idem*, p. 55). Isso mostra que, muito antes da postura “desacatante” como professor na UDF, o autor já ensaiava uma postura ousada, desafiadora, que buscava questionar os interlocutores mais jovens, com a intenção de que estes, por meio da reflexão crítica, se desenvolvessem, tanto pessoal quanto literária e academicamente.

Nas palavras de Drummond, tal postura surtia efeito, já que, para ele, as cartas de Mário “ficaram constituindo o acontecimento mais formidável de nossa vida intelectual. Eram torpedos de pontaria infalível. Depois de recebê-las, ficávamos diferentes do que éramos antes. E diferentes no sentido de mais ricos ou mais lúcidos” (Andrade *apud* Moraes, 2007, p. 55). Todavia, embora cultivasse esse lugar de sábio, ele não gostava de ser visto como um “mestre”, visto que este nome lhe deixava muito distante dos demais e refletia uma postura convencional, cerimoniosa, da qual tinha aversão.

Estudando as percepções fixadas por contemporâneos de Mário, Moraes afirma que, para o escritor, “a figura do “mestre” só “se completa no oferecimento de um saber, no relato de experiências de vida e no fortalecimento de habilidades do interlocutor, culminando com a ideia de ‘formação’”. (Moraes, 2007, p. 34). Tal postura incorpora os valores do “amigo” e do “confidente”, engendrando o “professor”, “capaz de ensinar sem o anteparo distanciador de um título” (*idem*, p. 37), aquele que demonstra “sinceridade na orientação, erudição destinada à pedagogia, mocidade sempre renovada” (*ibidem*, p. 37).

Mário de Andrade obteve, para além do título de “Amigo dos Moços” – que reflete bem sua experiência de vida social na cidade do Rio de Janeiro –, o de “Papa do Modernismo”, em virtude de sua intensa participação na Semana de 1922 e nos debates que se seguiram a partir dela, na ordem do dia a modernidade e brasilidade.

O tom professoral de Mário de Andrade, tramado em experiência de vida e saberes, aparece também na correspondência com Oneyda Alvarenga. Em 1938, a ex-aluna no Conservatório, agora responsável pela Discoteca Pública de São Paulo, ainda recebia seus conselhos, incluindo aqueles relacionados à criação poética. Ele também enviava poemas de sua autoria para a amiga, pedindo opinião. Depois de ler “As Cantadas”, poema de Mário publicado na *Revista Acadêmica*, que segundo Drummond, era “um prodígio de publicação boêmia”, refletindo “o que a inteligência brasileira tinha de mais vivo” (Velasques, 2000, p. 117). Alvarenga afirma:

há três anos não sei o que é debruçar sobre mim mesma para buscar um pensamento que não tenha uma destinação imediata, que não se ligue à cotidianidade útil, embora no melhor sentido, da vida (Alvarenga, 1983, p. 156).

Mário responde, incentivando-a a ler e criar poemas:

É certo que as preocupações demasiado intensas e absorventes em que você vive, impedem uma continuidade de fluido poético. Os mais constantes em fluido poético são aqui como além-mar os de vida não menos intensa, está claro, mas com mais claros, mais estradas de preocupações absorventes. Um Rainer Maria Rilke, um Murilo Mendes ou Jorge de Lima, está claro que hão de fazer poesia mensal, nós não. Mas há também que insistir e buscar os jeitos de favorecer o fluido, o tal de fluido. Ler, por exemplo, ler muita poesia. Você devia fazer mais isso, a despeito das suas preocupações. Não sei até que ponto você não conhece os nossos poetas do passado, há que lê-los. [...] E a convivência também é ótima para apressar a chegada do fluido, mas isso aí em São Paulo, me parece quase impossível. Paulista é besta, tem vergonha de ler poemas, dar poemas pros outros lerem, comentar poemas. Mas quem sabe se com o Fernando [Mendes de Almeida], [...] com o Fernando você poderá entreter maiores relações poéticas trocando com ele poemas (Alvarenga, 1983, p. 158).

Nesta carta, Mário de Andrade ilumina aspectos da sociabilidade entre os poetas paulistanos. Ele afirma que não era um hábito, para estes, trocar poemas uns com os outros, atitude de generosidade e colaboração que ele tanto prezava. O escritor

procurava não deixar as cartas que recebia sem resposta, comentando poemas ou textos em prosa de amigos próximos já renomados ou mesmo de jovens escritores que buscavam ingressar no meio literário. Por outro lado, no Rio de Janeiro, os círculos de convívio entre intelectuais pareciam mais abertos à troca literária. Como expõe em carta a Drummond, Mário, naquele momento, na capital federal, tinha a coragem de sentir-se mais próximo de si mesmo. (Andrade, 1982, p. 197).

As “preocupações demasiado intensas e absorventes” referidas na carta a Oneyda, valorizavam a condição profissional de ambos – funcionários públicos responsáveis por ideários de educação e cultura democráticos, em uma época de progressiva desvalorização dessas áreas por parte do governo.

2.5 “Minha alma sem resistências / a Guanabara te entregas / Sem Deus nem teorias poéticas”

A questão de estar ou não satisfeito consigo mesmo – lançando um olhar crítico sobre si e sobre o mundo – sempre esteve presente nos trabalhos de Mário de Andrade. Se, por um lado, ele se sentia mais confortável em relação ao que julgava correto para si na Guanabara em face de questões políticas que levaram à sua demissão do Departamento, a nova cidade também foi palco de muitas inquietações pessoais, que podem ser rastreadas em suas cartas e poemas.

Em 1938, Mário registrou em cartas dois poemas, compartilhados com Paulo Duarte e Oneyda Alvarenga: “As Cantadas” e “Luar do Rio”. No primeiro, remetido a Paulo Duarte em 6 de outubro de 1938, predomina um dos imaginários que construiu sobre a capital federal a partir dos poucos meses de experiência morando no Catete e vivenciando as noites da Lapa ou os bares da Glória. Os versos indicam uma visão erotizada da cidade, com comparações entre esta e uma mulher. São representativos do deslumbramento, do encanto inicial que ele teve no contato com a cidade, palco de uma espécie de renovação subjetiva. Os versos foram divulgados no número de setembro da *Revista Acadêmica*:

As Cantadas

Terras bruscas, céus maduros,

Apalpam curvas os autos,
Ai, Guanabara,
Serão desejos incautos,
Ancas pandas, seios duros...
Senti as curvas dos autos
Nas praias de Guanabara.

Penetro as fendas dos morros,
Desafogos de amor, jorros
De sensualidades quentes,
Ai, ares de Guanabara,
Sou jogado em praias largas,
Coxas satisfeitas feitas
De ondas amargas.

Não posso mais... Nunca ousara
Pensar cajás, explosões
De melões,
Mulatas, uvas pisadas,
Ai, Guanabara,
Tuas noites fatigadas...
Me derramo todo em sucos
Malucos de ilhas Molucas.

Manhã. Brisas intranquilas
De volúpias mal ousadas
Passam por ti,
Num gosto naval de adeuses...
Há deusas...
Há Vênus, há Domitilas
Fazendo guanabaradas
Por aí...

Mas as palmeiras resistem.
Na deformação dos raios,
Templos, gentes, esperanças
Em desmaios,

E transposições de níveis...
Só as palmeiras resistem
Como consciências incríveis!

As noites não são bem noites,
As músicas são cansaços,
Açoites
De convites, bocas, mar,
Ai, ares de Guanabara,
Vou suspirar...

Meus olhos, minhas sevícias,
Minha alma sem resistências,
A Guanabara te entregas
Sem Deus, sem teorias poéticas,
Os aviões saltam dos trilhos,
Perfuram morros, ardências,
Delícias, vícios, notícias...

Aiai, Guanabara!
Que todo me desfaleço
Por cento e dez avenidas,
Pela mulher de em seguida,
Por teus cheiros, por teus saís,
Pelos aquedutos, pelos
Morros de crespos camelos
E elefantes triunfais!

Eu não sei si mais gozara,
Iaiá, Sereia do Mar,
Si achara nalma outra clara
Glória rara sol luar
Aurora uiara
Niágara realeza
Suprema, eterna surpresa,

Mário assegura a Paulo Duarte, um mês após tê-lo escrito, que o poema “não vale nada, mas tem pelo menos quatro versos e um neologismo [“guanabaradas”] que justificam tudo” (Duarte, 1977, p. 166). Contando com nove estrofes, a maioria dos versos deste poema é escrita em redondilhas maiores. No entanto, há versos como o do refrão – “Guanabara” – que interrompem tal estrutura fixa, garantindo irregularidade, um tom inesperado, ao texto.

Do ponto de vista temático, o título já chama atenção. “Cantadas”, além do sentido de “cantoria” e “serenata”, fixados por Mário de Andrade nos manuscritos de seu *Dicionário Musical Brasileiro*, também podem hoje ser compreendidos como flertes, conversas sedutoras. No poema, as “cantadas” se dão em meio aos automóveis (autos), àquela época já numerosos no Rio de Janeiro, denotando a cidade urbanizada ao redor de morros, comparadas às curvas femininas. O eu lírico vê as curvas dos autos na praia; penetra morros sensuais; encontra “coxas satisfeitas” “feitas de ondas amargas”. Menciona Ilhas Molucas e Niágara, locais reconhecidos pela beleza natural.

Entrega-se às novas vivências até o ponto em que “não podia mais”: “nunca ousara” pensar aquela vida. Derrama-se nas noites; desfalece nas avenidas; pensa nas mulheres que encontra; goza com a “eterna surpresa”. Até mesmo a brisa da manhã é “intranquila”; nada é estático. Vênus, deusa grega do amor e da beleza, e Domitila, amante do imperador Dom Pedro I, em vez de figuras apartadas do mundo, ganham “carne” e saem fazendo “guanabaradas” – neologismo criado pelo autor para representar esse estado de êxtase e sensualidade – pelas ruas. Já as noites são como açoites, cheias de eventos, convites, bocas... O poeta já perdeu suas resistências. Está entregue “sem Deus” e “sem teorias poéticas”. Os elementos da paisagem misturam-se: “aviões soltam-se dos trilhos” e colidem com as montanhas.

Considerando seu teor, em certa medida, autobiográfico, o poema representa a desconstrução da figura do intelectual distanciado da realidade, reservado, contido. Em seu lugar, um outro dissolvia-se na paisagem. É como uma ode, exaltação, elogio às novas experiências, possibilitadas pelo contato com a “natureza facilitadora” do Rio (Duarte, 1977, p. 167). Ao abordar o poema “Carnaval carioca”, escrito a partir da experiência de Mário no carnaval na capital de 1923, Alberto Pucheu (2011) indica que,

⁹ Esse poema foi compilado na *Seleção Erótica de Mário de Andrade* (2022), organizada por Eliane Robert Moraes.

neste texto, já se mostra a tensão do encontro entre o intelectual erudito paulistano e a paisagem carnavalesca carioca:

Duas figurações de Brasil ou de brasileiros aqui se inscrevem: tanto a de um Brasil paulista-europeu-frio-erudito-preconceituoso em antagonismo com a heterogênea mestiçagem popular festivamente extática e cosmopolitamente aberta a todas as cores, a todas as nacionalidades, a todos os tipos, a todos os lugares e a todos os tempos quanto a deste Brasil carioca, acolhedor daquele (e de muitos outros), que, desguarnecendo todas as fronteiras e identidades previamente demarcadas, leva-o a transformações necessárias. (PUCHEU, 2011, p. 42).

O poema, assim como testemunhos epistolares, tratando da experiência carioca, podem ser lidos na chave dessa transformação, que já vinha sendo processada desde o carnaval vivenciado e recriado quinze anos antes por Mário de Andrade. O neologismo “Guanabaras” incorpora sentido semelhante – de abertura e desfazimento de identidades fixas – responsável pela concretização do gozo da deusa e da amante. Mário, assim como o seu eu poético, parece poder finalmente entregar-se aos seus desejos, sem (auto) julgamentos e fora dos olhares da família e dos conhecidos de sua cidade natal.

O segundo poema, “Luar do Rio”, remetido em carta de dezembro de 1938 a Oneyda Alvarenga, demonstra certa melancolia. Contrapõe-se ao estado inebriante daquele eu lírico que se dissolvia na paisagem. O cenário deixou de ser puramente deslumbrante, sedutor, para ganhar tons tristes. O eu poético observa o movimento da cidade de um ponto fixo, mais distanciado; não se entrega completamente. Além disso, seu olhar se detém em um objeto específico – o luar – que consegue “vencer” a paisagem, ao mesmo tempo em que a fabrica:

Luar do Rio

Olha o balão subindo!

Mas quem foi o louco varrido

Quem em novembro se lembrou de o soltar?

- É o luar, é o luar!

E as casas!
E os arranha-céus,
Parece que estão se movendo,
Com tantas janelas a chamar?...

E este céu cor-de-cinza,
E este mar cor-de-prata,
E o Cristo do Corcovado
Olha! Parece um palhaço,
Parece um filósofo, parece até Cristo mesmo
Erguido no altar?...

E estas minhas mãos inquietas,
E o vento alcoolizado,
E as carícias das ilhas...

E as narinas cheirando ofegantes,
E essa vela das praias do norte,
E um desejo de falar besteira,
De dançar por aí feito maluco,
Esquecido de amar?...

- É o luar! É o luar!

É o luar que inventa novas árvores e morros,
Vence as luzes da enorme cidade,
Vence a noite, vence os homens,
Vence as tristezas e os mandos do mundo...

Não acredita não, José Correia,
Que vais te perder, e esquecer, feito estátua
A imensa dor multissecular. (ANDRADE, 2017, p. 321)

Quanto à forma, o poema é mais irregular do que “As Cantadas”. Verso livre, apenas com algumas estrofes iniciando de forma metrificada (a terceira, a quarta e a

quinta) para, em seguida, introduzir um verso que desestabiliza a ordem, com maior ou menor quantidade de sílabas poéticas. As duas primeiras e as duas últimas estrofes apresentam liberdade métrica.

O eu lírico observa a paisagem parado (no máximo, com a tremura nas mãos, característica pessoal de Mário), de um ponto fixo. O balão junino sobe, inesperadamente, em novembro; casas e edifícios adentram o poema. Até a estátua do Cristo Redentor muda de forma, indo de palhaço a filósofo para depois voltar a coincidir consigo mesmo.

Parece sugerir, também, o uso de álcool e de outras drogas, já que até o vento é “alcoholizado” e “as narinas cheiram ofegantes”. Na sequência, vigora a “vontade de falar besteira”, o “dançar feito maluco”. No fim, o luar mostra-se responsável por inventar a paisagem natural e vencer os elementos caóticos da urbanidade carioca, como as luzes e os homens. Como ponto de fuga, sua iluminação penetra a paisagem e clareia o cenário e o pensamento.

Logo após escrever o poema e enviá-lo a Manuel Bandeira, remete-o a Oneyda Alvarenga, avisando-a que o amigo poeta não tinha gostado porque achava que ainda havia “muito a corrigir” nos versos e que ele “não gostava dessas tiradas meio demagógicas”. Contudo, avisa que pretendia mantê-las pois seriam “do seu feitio” (Alvarenga, 1983, p. 158). O poema, ao ser publicado em livro, acolhe modificações de ordem diversa. Na carta, em sua estrofe final, o poema traz, no vocativo, o nome Pedro em vez de José Correia, que aparece em livro; o vocábulo “retrato”, na missiva, seria substituído por “estátua”.

A alusão à “estátua” evoca, certamente, o escultor José Otávio Correia de Lima, responsável pela construção da estátua de Almirante Barroso situada na Praça Paris, localizada na Glória, perto de onde Mário residia. Barroso obteve reconhecimento devido à vitória brasileira na Batalha Naval do Riachuelo na guerra contra o Paraguai.

Nesse sentido, a “imensa dor multissecular” referida no poema pode ser a angústia proporcionada pelo estado de guerra vivenciado nos séculos XIX (Guerra do Paraguai) e XX (Primeira Guerra Mundial). Apesar do luar e da sensação de embriaguez descritas no poema, a “dor” mostrava-se insuperável. A eclosão da Segunda Grande Guerra ocorreria no ano seguinte e viria a ser motivo de grandes angústias para o polígrafo, ainda que tais angústias não se fizessem presentes nas cartas enviadas em 1938.

3. Sentidos da ruptura

BIOGRAFIA

São Paulo o viu primeiro.

Foi em 93.

Nasceu, acompanhado daquela
estragosa sensibilidade que
deprime os seres e prejudica
as existências, medroso e humilde.

E, para a publicação destes
poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer.

(Andrade, 1917)

Não foi apenas a experiência de viver no Rio de Janeiro que provocou uma ruptura na trajetória de vida de Mário de Andrade, mas um conjunto de outros fatores, como a saída do Departamento de Cultura de São Paulo e o contexto político da ditadura do Estado Novo e da ascensão do nazifascismo pelo mundo. Tudo isso, para o homem que logo chegaria aos cinquenta anos, levou a uma expressiva mudança na maneira como enxergava a própria vida e diversos assuntos, os quais comentou em cartas e artigos jornalísticos.

Muitos testemunhos exemplificam a natureza dessa mudança. As cartas que Mário dirigiu a Moacir Werneck de Castro trazem informações importantes para pensarmos a questão do engajamento político do escritor. Cartas trocadas ao jovem crítico carioca Guilherme Figueiredo, entre 1942 e 1945, tematizam o papel do intelectual diante da sociedade. Além disso, “O Movimento Modernista”, conferência publicada em 1942, perfaz uma autocrítica, situando o intelectual em face do legado da Semana de 22 e do primeiro tempo modernista.

Essa documentação permite apreender os sentidos da ruptura vivenciada por Mário de Andrade em sua biografia. O intelectual não era mais tão “medroso” nem “humilde” como no poema de 1917, embora ele sempre seguisse acompanhado de uma “estragosa sensibilidade”, intensificada no enfrentamento de questões sociais. O contato com os jovens amigos do Rio de Janeiro adensou nele uma consciência política de esquerda, já presente em seus textos desde a juventude. Avaliou Moacir Werneck de

Castro: “dentre suas ligações com os mais moços, a que manteve com o pessoal da *Revista Acadêmica*, no Rio, foi a mais caracterizadamente, embora não exclusivamente, política” (Castro, 1989, p. 79). O intelectual que, na década de 1920, havia apoiado o Partido Democrático, agora aproxima-se de jovens politicamente engajados à esquerda. Cabe, assim, uma análise da relação do autor de *Quatro pessoas* com a ação política nos últimos anos de sua vida.

3.1 Heterotopia e ruptura: Mário na Guanabara

Em 1966, Michel Foucault elabora, em uma conferência, o conceito de “heterotopia”. Apesar de ter sido pouco retomado no conjunto de sua obra, é uma ideia que ganhou força no âmbito da geografia contemporânea. Ele tencionava criar uma ciência chamada “heterotopologia” (Foucault, 2013, p. 21), “que estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero*-topias, espaços absolutamente outros” (*idem*, p. 21). São, assim, espaços que têm a potência de lançar o sujeito para outros modos de vida.

Segundo Foucault, algumas heterotopias são categorizadas como “biológicas”, “de desvio”; outras, ligam-se a uma “passagem, transformação, ao labor de uma regeneração” (*ibidem*, p. 26), como os colégios internos e as prisões. Para ele, no entanto, “o navio é a heterotopia por excelência” (Foucault, 2013, p. 30), posto que é “um pedaço de espaço flutuante, lugar sem lugar, com vida própria, fechado em si, livre em certo sentido, mas fatalmente ligado ao infinito do mar” (*idem*, p. 30). Um espaço *outro*, rompido, dividido em relação aos demais, mas, de alguma forma, relacionado a estes, por um diálogo com as estruturas de poder que o conformam.

Ainda que não totalmente, a experiência de Mário de Andrade no Rio de Janeiro pode ser vista sob o prisma desse conceito. Para o filósofo francês, a heterotopia é como uma utopia localizada: um *contraespaço*, que funcione de modo diferente do que se espera das estruturas sociais hegemônicas. Inaugura-se, assim, uma ideia ao mesmo tempo filosófica e geográfica. Nos limites desses espaços habitados por sujeitos com posturas “desviantes” – como no caso das prisões e dos hospícios – a sociedade funcionaria de outra maneira, com outras regras. Posteriormente, ele afirma que “essas heterotopias podem assumir, e assumem sempre, formas extraordinariamente variadas, e talvez não haja, em toda a superfície do globo ou em toda a história do mundo, uma única forma de heterotopia que tenha permanecido constante” (*ibidem*, p. 21). Tal

afirmação expande nossa perspectiva quanto a estes espaços, já que não são fixos e imutáveis no decorrer da história.

Batista (2020) aponta que, além dos espaços citados na principal conferência de Foucault (prisão, igreja e hospício), a Universidade de Vincennes, fundada, dentre outros, pelo filósofo e por Jean-Claude Passeron, diante das manifestações de 1968 na França, oferecia um espaço de abertura para o livre pensar que poderia caracterizá-la como uma heterotopia. Nesse sentido, “por um lado, umas [heterotopias] favorecem o controle social característico da modernidade, o qual Foucault denomina de disciplinar e biopolítico. Por outro, abre um espaço para uma liberdade radical, como no exemplo de Vincennes.” (Batista, 2020, p. 14). Em um paralelo com o Brasil, pode-se dizer que, naquele momento, a própria UDF, onde Mário lecionou, era um espaço heterotópico, pela liberdade de pensamento estimulada por professores como Cândido Portinari e Mário de Andrade e, sobretudo, pelo seu fundador, Anísio Teixeira, perseguido pela ditadura varguista.

O contato de Mário de Andrade com a capital federal, desde os anos 1920, traduz uma experiência diferente daquela que predominou como sentido geral de sua vida, o que levou Moacir Werneck de Castro a tratá-la como “exílio”, ao referir-se aos intensos anos de 1938 a 1941. Nesse sentido, se neste trabalho pensamos a correspondência de Mário como testemunho das diversas rupturas atravessadas por ele a partir de 1938, é importante considerar que, especialmente, ele também esteve em *outro* lugar. Mário via a cidade como um local onde predominava o caos, o imprevisto, as “companheiragens de bar”, o carnaval – no senso comum, antítese daquilo que aprendera, em casa, com seu pai operário, como ele mesmo menciona em carta a Paulo Duarte. São Paulo para Mário, associava-se ao imaginário da erudição, de uma formação “livresca”. No entanto, o Rio de Janeiro não era distante geograficamente – bastavam em torno de duas horas de voo ou sete de estrada para chegar à antiga capital. O município figurava, assim, como uma espécie de espaço estranho-familiar, aonde ele ia para tirar férias, descansar ou se divertir.

A relação que Mário teve com o Rio de Janeiro, desse modo, não foi de ordem etnográfica, como na viagem que empreendeu pelo Nordeste, entre 1927 e 1928. Essa viagem teve um caráter marcadamente antropológico, pois o polígrafo deslocava-se de São Paulo para conhecer e anotar expressões musicais folclóricas. Interessou-se por aspectos socioculturais, ritos, tradições.

Diferentemente disso, na Guanabara, Mário escrevia menos para se entregar mais, corporal e intelectualmente falando. Em curtas ou longas estadias, experimentava a sociabilidade noturna nesse território quase utópico, espaço paradisíaco (ou dionisíaco, sensual) que figura no poema “As Cantadas” e “Luz do Luar”, nos quais ele recria a experiência inebriante das noites cariocas.

Paradoxalmente, no centro irradiador do poder varguista, Mário consagra sua experiência heterotópica, sendo profundamente impactado por ela. No Rio, em contraponto ao trabalho que o absorvia em São Paulo, ele podia descansar de sua rotina exaustiva. Em carta a Oneyda Alvarenga, ele se refere aos novos hábitos na capital: “são duas da madrugada [...] Como sempre, bem. [...] Meu telefone é 42-5554 e a hora melhor pra me achar em casa é das 12 e 15 às 12 e 50. Depois durmo e a criada não me chama antes de cinco horas. Geralmente então estou em casa até 18 horas pelo menos. (Alvarenga, 1983, p. 149).

À época, o tempo de Mário parecia dividir-se entre as aulas na UDF a boemia dos bares. Mário buscava apreender a nova realidade por meio da prática, da vivência, desejo sempre latente em sua vida. A euforia dos meses iniciais, contudo, durou pouco. Logo após sua mudança, em junho de 1938, ele já se dizia ter certo remorso de sua decisão de vir para o Rio e, em dezembro do mesmo ano, começa a conversar com alguns correspondentes sobre o início de uma depressão profunda, que se estenderia até o final de sua vida, como atesta na carta enviada a Rubens Borba de Moraes neste mês.

Em 1939, com a extinção da UDF, a rotina de Mário de Andrade na capital do país também se alteraria. Deixou o cargo de professor que lhe favorecera bons diálogos e estímulos para o estudo, passando a ocupar uma função mais burocrática no Instituto Nacional do Livro. A sequência dos acontecimentos nesses anos foi marcante para ele. Desestabilizou profundamente sua percepção acerca de sua vida íntima e pública, acerca da possibilidade de ser feliz. A felicidade pessoal de Mário parecia depender cada vez mais de uma intensa convivialidade social.

3.2 “Nunca mais me alegrarei”

Canção

....de árvores indevassáveis

De alma escura sem pássaros

Sem fonte matutina
Chão tramado de saudades
À eterna espera da brisa,
Sem carinhos ... como me alegrarei?

Na solidão solitude,
Na solidão entrei.

Era uma esperança alada,
Não foi hoje mas será amanhã,
Há de ter algum caminho
Raio de sol promessa olhar
As noites graves de amor
O luar a aurora o amor... que sei!

Na solidão solitude,
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me...

O agouro chegou. Estoura
No coração devastado
O riso da mãe da lua,
Não tive um dia! uma ilusão não tive!
Ternuras que não me viestes
Beijos que não me esperastes
Ombros de amigos fiéis
Nem uma flor apanhei.

Na solidão solitude,
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me,
Nunca me alegrarei.

(Andrade, 2017, p. 321)

Antítese da sensação de felicidade e disposição que predominou durante a maior parte da vida de Mário de Andrade é o poema “Canção”, escrito em 1940. Comparado

às “Cantadas”, cujo próprio título conota a descontração, percebe-se a perda de rumo vivenciada pelo eu poético, que pergunta, à moda de refrão, como fazer para se alegrar novamente. Esse tipo de reflexão opõe-se àquela postura propagada em anos anteriores. Em 1925, ele afirmava, em carta a Drummond, que “a própria dor é uma felicidade” (Andrade, 1982, p. 37), em referência ao verso final do poema XVII de *Losango Cáqui*.

Essa mudança de perspectiva em relação à felicidade, no entanto, não foi repentina. Pessoalmente, em 1930, Mário já começava a questioná-la. Escreve a Manuel Bandeira confessando que “não era feliz” e que “já andava com uma vontade danada de abandonar a felicidade”, que àquele momento já considerava “uma conquista pessoal profundamente medíocre”. Estava “decidido a acabar com as preocupações de ventura pessoal” (*idem*, p. 39). A modificação de uma postura pessoal, inicialmente marcada pelo exercício da alegria, intensifica-se no final de sua vida, sobretudo nos anos 1940.

Em um paralelo entre a pessoa de Mário de Andrade e o “eu” poético, o poema “Canção” pode suscitar uma reflexão sobre a melancolia associada à vivência no Rio de Janeiro nos anos 1938 e 1939. Na primeira estrofe, o sujeito lírico afirma que seu chão está “tramado de saudades” – ou seja, sente-se deslocado, à espera de uma brisa, uma vontade de alegrar-se que não chega. Depois, sugere que o caminho para a alegria é o amor (que não teve; apenas “soube”). Segundo Moacir Werneck de Castro (1989), para Mário, “amar era um ideal muito alto e difícil” (Castro, 1989, p. 88). Não teve ternuras nem beijos que o esperassem; apenas o “ombro de amigos fiéis”.

A questão da sexualidade de Mário de Andrade tem sido costumeiramente abordada por biógrafos e pesquisadores, visto que, diferentemente de grande parte dos companheiros de sua geração, ele não se casou e apresentava um comportamento social que, segundo seus amigos, seria o de um bissexual, tendo sofrido por isso. Assim, a tristeza por não ter vivido um amor – ou ao menos não o ter expressado livremente – pode se relacionar, também, a essa condição, já que sentia-se deslocado quanto à expressão de sua orientação sexual em uma época de tantos preconceitos, que se estendem até os dias atuais.

Para Moacir Werneck de Castro (1989), “na raiz do drama existencial de Mário de Andrade jaz a angústia da sexualidade reprimida e transformada em difusa pansexualidade, que tudo permeia” (*idem*, p. 93). Em seu estudo biográfico, ele considera que a sexualidade do autor modernista é uma questão complexa, dirigindo-se a múltiplos seres e âmbitos de sua vida. Restava-lhe, então, em termos freudianos,

recalcá-la, ou “sequestrá-la”, como preferia dizer, sublimando-a por meio da escrita literária.

3.3 “Eu tenho medo, Moacir!”

A correspondência entre Mário de Andrade e Moacir Werneck de Castro espelha a natureza dos vínculos do polígrafo paulistano com os jovens escritores cariocas, vinte anos mais novos do que ele, no período em que residiu no Rio de Janeiro. Nesse diálogo ganha destaque a discussão sobre posicionamentos do intelectual em face das questões de seu tempo e sobre seu envolvimento político.

Sobre esse assunto, Mário, em carta de abril de 1941, comenta que, enquanto a geração de seu interlocutor aceitava com mais facilidade a possibilidade de “levar cadeia” em razão de manifestação política, a dele, “nenhum nunca levou cadeia, a não ser como motivo de orgulho, como os da revolução de 30” (Castro, 1989, p. 170). Assegura: “você sabe que simplesmente a possibilidade de levar cadeia me horroriza? EU TENHO MEDO, Moacir!” (*idem*, p. 170). Na mesma carta, exprime seu estado psicológico conturbado: escrevia “às 24 horas exatas, com cinco uísques no mínimo, e uma Beladenal preparatória do sono, datilografando (aliás, contra meu costume atual que é de escrever carta à mão) com inteira espontaneidade” (*ibidem*, p. 170).

Mário testemunha: “até meus 42 anos de idade eu nunca sofri!” (Castro, 1989, p. 170) – ou seja, até assumir o cargo como diretor do Departamento de Cultura, exceto, em sua juventude, por ocasião da morte do irmão mais moço, Renato. Complementa: “e nessa felicidade baça, pessoal, fin-de-siècle, não entra sequer a possibilidade de um escândalo público, uma prisão” (*idem*, p. 170). Mário começa a criticar a felicidade ensimesmada, um pouco alheia a questões sociais. Todavia, torna a afirmar que se sente impedido de empreender qualquer “ação” no sentido político:

Minha máxima “ação” poderá ser quando muito aquela forma prática, pela qual eu criara, longe do pobre exemplo francês, e coincidentemente com ele apenas no nome, as Casas de Cultura Popular, de que até o projeto arquitetônico se fez, quando deu a reviravolta política que me “roubou” o Departamento de Cultura (Casa que me causou uma descompostura comunistizante do Carlos

[Lacerda] que via na coisa uma criação totalitarizante, e outra, do jornal integralista de São Paulo por ver na mesmíssima coisa, uma forma comunizante...) e da mesma forma já obtivera formalmente do prefeito três quilômetros em cada margem do Tietê se retificando, pra construir um Parque de Cultura e Repouso, idêntico ao de Moscou, e já lhe estava elaborando o projeto. Mas tudo isto eu não chamo, não posso chamar de ação política, nem mesmo com essa perigosa palavra moderna “ação social”, porque antes de mais nada e também conclusivamente isso é, simples e mais sublimemente “ação humana”. É uma questão de dever moral do indivíduo, e apenas isso, dever moral. E é exclusivamente em função deste dever moral que tenho ultrapassado todos os meus medos, todas as minhas tendências individuais, todas as minhas vaidades (Castro, 1989, p. 171).

Diferentemente de Moacir, Mário não se considerava um militante político, um homem de “ação política”. Apesar do envolvimento como conselheiro do Partido Democrático, em sua visão, os limites de sua ação se deram no momento de sua atuação no Departamento de Cultura, que possibilitou a criação de projetos como o da Casa de Cultura Popular ou do Parque de Cultura e Repouso, que tencionava tornar arte e cultura mais acessíveis ao público menos favorecido. Entretanto, para ele, isso não era uma “ação política”, e sim “ação humana”, já que possuía uma visão humanista, de formação cristã, calcada em posicionamentos éticos e morais acerca da vida em sociedade. Telê Ancona Lopez afirma que

o compromisso de Mário de Andrade, eivado de humanitarismo cristão, é que lhe dita a estrutura de melodrama para *Café*, obra planejada desde 1933 como romance. Acredita que fazendo teatro ligado à música, poderia chegar também a um maior alcance de comunicação com o público, como a ópera conseguia [...] O papel verdadeiro do artista seria cantar as dores profundas, vindas da grandeza do viver, porém só seria válido e possível no momento em que houvesse a fraternidade como prática estabelecida. (Lopez, 1975, p. 248).

Os amigos com quem mais conviveu no Rio – Moacir, Guilherme Figueiredo, Murilo Miranda, Carlos Lacerda – eram estudantes de Direito totalmente envolvidos

com a militância política. Lacerda, embora tenha se tornado um símbolo do conservadorismo udenista anos depois, era, na juventude, de esquerda, assim como Werneck de Castro. Os dois eram primos, oriundos de uma família latifundiária, abastada financeiramente, pertencente à elite cafeeira do estado do Rio de Janeiro.

Moacir Werneck de Castro foi preso diversas vezes, sendo a primeira aos 19 anos, ao cobrir uma assembleia sindical de trabalhadores em 1934. Um ano depois, participou, em Paris, do Encontro Mundial da Juventude contra a Guerra e o Fascismo. Após isso, foi a Berlim, tendo sido agredido por membros da juventude nazista. Durante a Segunda Guerra, trabalhou como redator de notícias na Agência Interamericana de Publicidade e, de 1945 a 1953, nos jornais *Tribuna Popular* e *Imprensa Popular*, do Partido Comunista Brasileiro. Em 1956, no entanto, ele se desfilou do Partido, após o discurso de Nikita Krushev sobre as atrocidades cometidas por Stalin na União Soviética¹⁰. Percebe-se, então, o envolvimento político que permeou a vida do biógrafo que se dedicou a documentar o “exílio” carioca de Mário de Andrade.

A amizade com os moços do Rio de Janeiro teve papel importante na vida de Mário. Assim que se mudou novamente para São Paulo, no início de 1941, envia carta a Moacir, admitindo: “Da Guanabara, não tenho propriamente saudades. Tenho do Murilo, do Carlos, poucos mais. Mas agora estou cultivando com carinho esta doença” (Castro, 1989, p. 165). O retorno ao *terroir* mostrou-se necessário para aplacar o sofrimento que o paulistano vivenciara no Rio de Janeiro, embora ele reconhecesse que o convívio com os jovens, tantas vezes nos bares noturnos, tenha constituído uma fase marcante de sua vida – permeada, sobretudo, pelos debates não só literários ou artísticos, mas também políticos. Mário, em abril de 1941, confia a Moacir que, em São Paulo, andava “insuportável, neurastênico, bebendo demais outra vez, saudosos por safadez daquela gratuidade carioca que viveu nos bares” (*idem*, p. 172).

Em agosto de 1941, Mário, dirigindo-se a Moacir, afirmava estar “assombrado com a ‘impersonalidade’ dos nossos críticos de quaisquer artes” (*ibidem*, p. 174). Contrapõe-se a esse posicionamento crítico em virtude de sua “falta de elasticidade de paulista pesado” (Castro, 1989, p. 174). Considera, contudo, que esse traço de sua personalidade não lhe desagradava. Motiva o amigo a seguir o ofício da crítica, sem

¹⁰ Ver VIANNA, Luiz Fernando. A memória de uma geração. São Paulo: Folha de São Paulo (Ilustríssima), 6 jun. 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0606201004.htm>. Acesso em 21 jun. 2023.

desconhecer as dificuldades da época, sabendo “não é o tempo de viver às claras” (*idem*, p. 175), porque não se podia ter liberdade de expressão diante da ditadura varguista.

A Guilherme de Figueiredo, Mário dizia que o intelectual precisava construir um posicionamento por meio da leitura de uma bibliografia extensa sobre a estética e a filosofia e que, no Brasil, perdia-se muito tempo em “chopadas intelectuais”, vivendo “uma vida baixa e pouco alimentar”, além de nosso “nível intelectual ser baixíssimo” (Figueiredo, 1989, p. 65). Critica, assim, os próprios hábitos cultivados com o amigo no Rio de Janeiro.

Nas cartas dirigidas a Guilherme Figueiredo, assim como naquelas destinadas a Moacir, Mário de Andrade defende que o intelectual deveria adquirir de um conhecimento sistemático do assunto sobre o qual iria se debruçar. Assim, evidencia a importância que o estudo sério e aprofundado tivera em sua vida e que seguiu sendo praticado mesmo após a temporada carioca.

3.4 Críticas ao modernismo

A conferência “O movimento modernista”, proferida por Mário de Andrade, em 1942, vinte anos após a Semana de Arte Moderna, é um documento importante para observar a sua mudança de percepção acerca do legado do modernismo. No texto, ele faz um balanço sobre o evento cultural de 1922. O autor afirma que, assim como seus companheiros de geração, estava deslumbrado com as vanguardas europeias e com a ruptura estética provocada por elas. No entanto, a seu ver, o furor estético, o “estado de poesia” da Semana, logo se mostrou aristocrático.

Paulo Prado, um de seus principais financiadores da Semana, por exemplo, era membro da aristocracia paulistana, interessada em cultura. Ele “pôde medir bem o que havia de aventureiro, de exercício do perigo no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura” (Andrade, 1942, p. 236). Não se pode dizer, entretanto, que estratos mais amplos da sociedade tenham desfrutado da Semana de Arte Moderna da mesma maneira que os artistas da vanguarda.

Segundo Mário, o modernismo dera aos artistas brasileiros “o direito permanente à pesquisa estética”. Essa liberdade era restrita ao âmbito artístico, não se relacionando à política. Em 1942, contudo, em face do contexto mundial (Guerra) e local (Estado Novo) o escritor não podia mais fugir de sua responsabilidade social. Ele afirma:

Não me imagino político de ação. Mas nós estamos vivendo uma idade política do homem, e a isso eu tinha que servir. Mas em síntese, eu só me percebo, feito um Amador Bueno qualquer, falando “não quero” e me isentando da atualidade por detrás das portas contemplativas de um convento. Também não me desejaria escrevendo páginas explosivas, brigando a pau por ideologias e ganhando os louros fáceis de um xilindró. Tudo isso não sou eu nem é pra mim. Mas estou convencido de que deveríamos [os modernistas] ter nos transformado de especulativos em especuladores. Há sempre jeito de escorregar num ângulo de visão, numa escolha de valores, no embaçado duma lágrima que avolumam ainda mais o insuportável das condições atuais do mundo. (Andrade, 1982, p. 253)

Nesse sentido, ele afirma que tudo o que fizera naquele tempo modernista foi “uma cilada de sua felicidade pessoal e da festa em que viveram” (*idem*, p. 253), “tudo vaidade”, porque eles viraram “abstêmicos e abstencionistas” quanto às questões políticas. Isso porque o movimento pretendia com a ruptura estética: nada ligado diretamente a questões de natureza social ou política. Mário dá o exemplo de seus familiares que, diante da escultura de Brecheret, Cristo, elaborado segundo preceitos estéticos vanguardistas, não conseguiram compreender a proposta estética do escultor.

Ao analisar as relações do autor de *Café* com a cultura popular, Telê Ancona Lopez (1972) afirma que “Mário de Andrade evolui em 1942 para a caracterização da arte como uma forma de contato, de crítica e correção, visando a aproximação social, tendo a beleza não como raiz primeira, mas como consequência” (Lopez, 1972, p. 245). Dessa forma, de acordo com o escritor, “não deve o artista abandonar a pesquisa estética, mas voltar a aproximá-la da arte, isto é, restituir-lhe a direção social” (Andrade *apud* Lopez, 1972, p. 246).

O primeiro livro de Mário, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), poesia, revelava a intenção de tematizar um assunto de interesse geral e social: a Guerra. No entanto, neste livro, percebe-se que, politicamente, o autor mostra-se idealista, quase um socialista utópico, apontando caminhos em defesa de uma sociedade mais igualitária. Ao final da vida, na conferência de 1942, o polígrafo declara sua “defesa do compromisso crítico com a realidade, sem sugerir entretanto que esse compromisso deva ser partidário” (Lopez, 1972, p. 248).

O marxismo de Mário estava intimamente ligado ao cristianismo de sua formação. Por muitos anos, ele manteve diálogo com o pensador católico Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), de quem discordava em diversos assuntos, incluindo aqueles relacionados à análise de questões de seu tempo. Na abordagem do autor, posicionamentos do amigo tinham caído “numa área anti-filosófica, de idealização e valores absolutos” (Lopez, 1972, p. 246), postura que passou a rejeitar fortemente no final de sua vida.

Por fim, Telê Ancona Lopez considera que, para Mário, competia ao artista ou ao intelectual “analisar, dar ao povo uma consciência crítica, para que ele possa chegar a soluções capazes de eliminar as contradições que o atingem” (*idem*, p. 249). Essa tarefa não foi devidamente cumprida pelo modernismo dos anos 1920, mas sempre esteve no horizonte das preocupações do autor de *Quatro pessoas*, demonstrando-se de forma mais explícita na maturidade.

3.5 Sociabilidades paulistanas e cariocas

Na conferência “O movimento modernista”, Mário de Andrade deixa, também, um testemunho sobre os lugares onde se davam as reuniões de vanguardistas paulistanos dos anos 1920: os salões literários. Em sua (auto)crítica, ele evoca espaços cedidos pelos “mecenas” da aristocracia local para a realização dos encontros que discutiam arte e literatura:

Champanha com éter, vícios inventadíssimos, as almofadas viravam “coxins”, toda uma semântica do maldizer... No entanto, quando não foram bailes públicos, como o do Automóvel Clube e os da S.P.A.M. (que foram o que são bailes desenvolvidos de sociedade), as nossas festinhas nos salões modernistas eram as mais inocentes brincadeiras de artistas que se pode imaginar. (Andrade, 1942, p. 4).

Nos parágrafos seguintes, o autor menciona as reuniões em sua casa na rua Lopes Chaves; o salão da Avenida Higienópolis; o da Rua Duque de Caxias e o da Alameda Barão de Piracicaba. Aborda as diferenças de cada um, suas qualidades e seus problemas. O fato é que, durante a década em que ocorreu a Semana de Arte Moderna, os intelectuais que dela participavam – incluindo o autor de *Pauliceia desvairada* –

encontravam-se, em certa medida apartados da sociedade geral, ainda majoritariamente analfabeta e distante dos círculos da cultura letrada.

Segundo Mário, a Semana de 22 correspondia mais ao “espírito” da cidade de São Paulo do que o do Rio, porque, em seu modo de entender, “São Paulo ao mesmo tempo estava, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contato, se menos social, mais espiritual (não falo “cultural”) e técnico com a atualidade do mundo” (*idem*, p. 236). Mostrava-se, contudo, mais provinciana politicamente e menos “internacional” do que o Rio de Janeiro, além de “não ter malícia” e seu “exotismo folclórico” se dar em núcleos mais isolados do que na capital, onde o choque poderia ter sido menor:

Em São Paulo o exotismo folclórico não frequenta a Rua Quinze. Vive em núcleos mortos, não funcionais, abastardados na separação, Santa Isabel. Carapicuíba. Ora no Rio malicioso, uma exposição com a de Anita Malfatti, podia ter reações publicitárias, mas ninguém se deixava levar. Na São Paulo sem malícia, criou uma religião. (Andrade, 1942, p. 28).

Para Ruy Castro, no Rio de Janeiro, o cenário era bastante diferente daquele que podia ser observado em São Paulo. Não havia nem mesmo a necessidade de um evento para atestar a “modernidade” de uma cidade caracterizada pelo caráter cosmopolita, aberta para o trânsito estrangeiro, por meio dos portos. Mostrava-se mais aberta a manifestações culturais. De acordo com Mário de Andrade:

O Rio é dessas cidades em que não só permanece indissolúvel o “exotismo” nacional (o que é prova de vitalidade do seu caráter), mas a interpenetração entre o rural e o urbano. Causa impossível de achar em São Paulo, como funcionalidade permanente. Como Belém, o Recife, a Cidade do Salvador, apesar do seu urbanismo rescendente, o Rio ainda é uma cidade... folclórica. (Andrade, 1942, p. 28).

Assegura que o espírito de ruptura da Semana, na antiga capital do país, não geraria tanto impacto, podendo transformar-se até mesmo em moda ou propaganda, e

que em breve seria esquecido, como mais uma das tantas tendências que circulavam pela cidade.

Ângela de Castro Gomes (1993) argumenta que, naquele momento, “viajar para a Capital Federal era mesmo cutucar a onça da “cultura estabelecida”, porque as vinculações dos intelectuais cariocas às tradições de sua cidade eram complexas e, se não excluía desafios e conflitos, não comportavam a “radicalidade” paulista (Gomes, 1993, p. 68), que associava o modernismo à ideia de ruptura radical. Nesse sentido, a ruptura não foi a reivindicação central do modernismo na Guanabara.

No Rio de Janeiro, os espaços de sociabilidade entre intelectuais não se restringiam aos salões – ambientes privados, “patrocinados” pela alta classe, a exemplo de alguns em Botafogo e em São Cristóvão – mas disseminavam-se, principalmente, pelos cafés e bares em que circulavam escritores, artistas e tantos outros intelectuais como Lima Barreto, João do Rio, Di Cavalcanti e Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Djanira.

De acordo com Velasques,

O próprio Mário, segundo Antonio Cândido, sentia as grandes diferenças entre o seu relacionamento com os jovens paulistas da Revista *Clima* – uma troca de ideias cordial, mas cerimoniosa – e o clima mais pessoal e informal dos encontros com o grupo da Acadêmica. Os “moços” de São Paulo não desfrutavam da intimidade de Mário, e seus encontros davam-se principalmente em livrarias. Já nos bares cariocas, o ambiente era de descontração e as conversas diversas e acaloradas.” (Velasques, 2000, p. 122).

Nos anos de 1930 e 1940, com a expansão da cidade do Rio de Janeiro em sentido à zona sul, tornaram-se ícones, por exemplo, a Taberna da Glória e o Café Flamengo, frequentados por Mário de Andrade. Nesses espaços, circulavam revistas literárias, poemas eram declamados. Propiciavam a criação de amizades a partir da troca literária, bem como a prática de uma escrita colaborativa.

Difundia-se, igualmente, rivalidades entre São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, “nos idos de 1920”, ensejara-se uma “verdadeira campanha que uma coluna do *Correio Paulistano* então movia “contra” a cidade do Rio de Janeiro (Gomes, 1993, p. 65). Era “o caráter de cidade capital, marcada pela presença do Estado e do comércio, versus o

caráter de cidade dominada pela produção e pelo ethos do mercado” (*idem*, p. 63) de São Paulo. Ângela de Castro Gomes avalia que “o Rio de Janeiro foi mais moderno que modernista” (*ibidem*, p. 75).

Velasques (2000) pontua:

o contraste com São Paulo, identificada com o trabalho, o progresso material e o espírito empreendedor dos verdadeiros brasileiros é construído de forma a realçar negativamente certas características da capital. Ócio, licenciosidade, estrangeirismo desligado dos valores pátrios, entre muitas outras pechas passam a ser associados ao Rio de Janeiro, num esforço associado por Mônica Velloso à tentativa de “desqualificar e deslegitimar o Rio de Janeiro como centro político da Nação”. (Velasques, 2000, p. 69)

Velasques afirma que o Rio de Janeiro seria a cidade do excesso, da boemia, da aversão a uma rotina pautada pelo trabalho e por obrigações. Mônica Velloso (2002) aponta que a origem dessa rixa é incerta, mas relaciona-se à disputa pela hegemonia nacional. Em sua análise, os personagens Juca Pato, que representa o paulistano sério, “aborrecido” e sempre “desconfiado”, e Zé Carioca, criado em 1942 pela empresa cinematográfica Disney, o malandro, atuam como figurações dessa antítese, em que

Facilmente atraído pela aventura e pelas novidades, o carioca se caracteriza pelo desinteresse econômico. O lirismo e o sentimentalismo poético o mobilizariam mais do que o interesse pelas coisas concretas. O oposto desse perfil é, naturalmente, encarnado pelo paulista. Homem pragmático, desconfia das novidades estrangeiras. É mais guardião, conservador e ordeiro” (Velloso, 2002, p. 89).

Segundo Ângela de Castro Gomes (1993), “academia, boemia e catolicidade – esta última materializada e potencializada posteriormente pela figura do crítico literário Tristão de Ataíde – conjugam-se, não sem tensões, neste mundo intelectual das décadas de 20 e 30” (Gomes, 1993, p. 64).

A historiadora distingue duas acepções de sociabilidade: a primeira pauta-se na configuração de rede de intelectuais, que se encontram em “salões, cafés, editoras,

academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias” (*idem*, p. 64). A segunda acepção diz respeito aos “pequenos mundos”, ou “microclimas”, criados a partir do estabelecimento de afinidades ou rivalidades entre os envolvidos em um “ecossistema” intelectual, como denomina Jean-François Sirinelli. A autora considera também eu “a postulação [do historiador francês Maurice] Agulhon de que a sociabilidade moderna é política em seu senso amplo, fica potencializada para o exame do meio intelectual e das relações entre ideias e ideologias políticas” (*ibidem*, p. 65).

No primeiro momento modernista, essas redes de sociabilidade se estabeleciam, sobretudo, em torno da produção de revistas. Em São Paulo, *Klaxon* e *Revista de Antropofagia*, entre outras. No Rio de Janeiro, por exemplo, *Estética*, *Festa* e, posteriormente, a *Revista Acadêmica*. Em Minas Gerais, *A Revista* de Belo Horizonte, *Verde*, de Cataguases etc. Em torno delas, havia debates estéticos, orientados pelas mais diversas correntes de pensamento (das mais conservadoras às mais progressistas) e, em algumas – como é o caso da *Revista Acadêmica*, periódico dirigido por Murilo Miranda – eram colocados assuntos políticos. Segundo Velasques,

A *Revista Acadêmica* surgiu em setembro de 1933, dentro da Faculdade Nacional de Direito, como órgão de estudantes, tendo à frente Murilo Miranda, aluno do segundo ano da faculdade, como diretor, e Lúcio Rangel, na função de secretário. Foi editada até o ano de 1948, sem manter uma periodicidade regular. Nasceu como um órgão de estudantes, mas quando seus editores formaram-se bacharéis, a revista transpôs os muros universitários, consolidando-se, com o passar dos anos, como uma revista literária e de ensaios. (Velasques, 2000, p. 96).

Embora contasse com um grupo editorial majoritariamente de esquerda, a revista pretendia, segundo se lê em seu segundo número, “estabelecer a mais perfeita harmonia na classe acadêmica, a fim de substituir coesão, capaz de realizar as aspirações da mocidade estudiosa” (*Revista Acadêmica*, n. 2, 1933).

Observa Velasquez: “em 1936 [...] a *Revista* publicou um número especial sobre Romain Rolland, referência fundamental do pensamento antifascista da época e figura particularmente simpática a Murilo Miranda” (Velasques, 2000, p. 106). Mário de

Andrade, cabe lembrar, demonstrou preocupação com a censura da publicação, em razão do homenageado ser comunista, pois, de acordo com Velasques, “as conotações políticas daquela homenagem eram explícitas” (*idem*, p. 106). Entretanto, a partir de 1938, o autor de *Macunaíma* contribuiu ativamente nas reuniões de elaboração do periódico.

Os locais de venda dos primeiros exemplares da *Revista Acadêmica* foram o Café Flamengo, situado na Rua Marquês de Abrantes, e a Galeria Santa Therezinha, na Tijuca, próxima ao Instituto de Educação. “Para financiar-se, a revista contava com os mais variados anúncios. No período da guerra, comerciantes judeus eram seus principais anunciantes” (*ibidem*, p. 109). Segundo Velasques, eram abordadas questões relacionadas à política, falando abertamente sobre fascismo, racismo e antissemitismo. O periódico foi, nas palavras de Moacir Werneck de Castro, a primeira “referência em letra de forma no Brasil ao termo campo de concentração” (Castro apud Velasques, 2000, p. 106).

3.6 *Quatro pessoas e uma cidade entre luz e sombra*

Na contracapa do livro *Quatro pessoas*, romance inacabado de Mário de Andrade, difundido em 1985, Telê Ancona Lopez afirma que a obra é “fruto da angustiada permanência – quase exílio – de Mário de Andrade no Rio de Janeiro”. Em cartas enviadas em 1939, Mário menciona o romance em elaboração a diversos correspondentes, como à amiga Oneyda Alvarenga. O enredo aborda vínculos de amor e amizade entre quatro personagens – dois casais, Carlos e Maria e João e Violeta – bem como seus conflitos psicológicos, tanto individuais quanto resultantes da interação entre si e com o mundo. Por mais que tenha sido escrito em cenário carioca, o texto explora pouco os espaços da cidade, tendo sua ambientação, em sua maior parte, no interior das casas (e dos sentimentos) dos personagens. A capital figura, assim, apenas como “pano de fundo” do enredo, tomado pelas angústias dos personagens.

A temática do romance, segundo Teresa de Almeida, está enraizada na leitura que Mário de Andrade faz das ideias de Gregório Marañon, sociólogo espanhol, autor de *A evolução da sexualidade e os estados intersexuais* (1930) e de *Homossexualismo e endocrinologia* (1938). A estudiosa supõe, contudo, que, desse sociólogo, o polígrafo apenas tenha lido *Três ensaios sobre a vida sexual* (1934), título que conservou em sua biblioteca. Nas primeiras linhas do esquema da narrativa, Mário afirma o desejo de

“estudar por meio de dois amigos íntimos a doutrina de Marañon sobre ser o verdadeiro macho o que se fixa em amar uma fêmea só” (Almeida, 1985, p. 251).

No Brasil, Leonídio Ribeiro (médico endocrinologista, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e diretor do Instituto de Identificação e de seu laboratório de Antropologia Criminal) foi o principal disseminador das ideias do sociólogo espanhol. As obras de Marañon, embora revelem debates presentes nas ciências sociais no início do século XX, apresentam uma visão datada e biodeterminista da sexualidade humana, condenada atualmente por muitos estudiosos. Considera Luís Antonio Coelho Ferla:

Na Espanha, Marañón não apenas introduziu os ensinamentos biotipológicos de [Nicolas] Pende, como foi o seu principal divulgador. O médico espanhol é um dos principais autores da “teoria da intersexualidade”, que sob sua interpretação trazia mobilizados os ensinamentos de Pende para a compreensão e tratamento dos desvios e perversões sexuais, consideradas assim as manifestações paradigmáticas da anormalidade endócrina. (Ferla, 2013, p. 8).

Em muitos de seus estudos, Marañon associava a homossexualidade a alterações hormonais – o que, sabemos hoje, não procede. Com isso, tirava da questão o caráter de desvio puramente moral, como era abordada anteriormente. “Os casos de ‘homossexualismo’ já não poderiam mais ser vistos como perfis criminosos, como se concebia até então; eram desordens endocrinológicas, passíveis de tratamento” (Levai, 2021, p. 54). Dessa forma, “se por um lado o médico nega a homossexualidade como pecado ou crime, por outro acaba por patologizar o comportamento homossexual ao buscar, à luz da medicina, a gênese e a cura para a inversão sexual” (Schaefer, 2016, p. 2).

A questão da homoafetividade na obra de Mário de Andrade aparece também no conto “Frederico Paciência”, elaborado em 1924 e cuja última versão data de 1942. O conto tematiza uma amizade apaixonada entre dois adolescentes – Juca e Frederico – para os quais o estabelecimento de um amor romântico se mostrou impossível devido à homofobia reproduzida no imaginário social e internalizada pelos dois.

Teresa de Almeida, em “Personagens da entressombra”, posfácio de *Quatro pessoas*, retornando a essa questão, considera que “o autor paulistano suprimiu algumas passagens do original *Quatro pessoas* relativas à adolescência de João e Carlos, com marcas de homossexualidade” (Almeida, 1985, p. 250). Segundo a estudiosa, Mário teria feito isso para “dar mais coerência à estrutura psicológica das duas figuras masculinas, João e Carlos, caracterizadas respectivamente pela inconstância no amor (insegurança sexual) / virilidade perfeita (fixação do objeto amoroso)” (*idem*, p. 250), embora, ainda assim, existam traços da homoafetividade dos personagens na fase adulta. O cerne do romance elaborado na Guanabara, entretanto, não é a questão da homossexualidade, mas a da “perversão sexual” no sentido da traição conjugal.

A obra de Marañon reproduz o imaginário sexista da época que atrelava determinadas funções como específicas ao homem e à mulher, questões que aparecem, de forma literária, em *Quatro pessoas*:

Como propriedades eminentemente femininas, estariam o instinto de maternidade e o cuidado direto da prole, a maior sensibilidade aos estímulos afetivos e menor disposição para o trabalho abstrato e criativo, menor aptidão para a impulsão motora ativa e para a resistência passiva, e voz de timbre agudo. Além de se caracterizar pelo oposto dessas propriedades, a “masculinidade”, por sua vez, poderia ser medida pela maior presença do instinto de atuação social, como expressão da “defesa do lar”. Várias questões culturais e ligadas ao comportamento resultavam assim determinadas pelo balanço hormonal. Portanto, se a maternidade seria a função *sexual* por excelência da mulher, o trabalho seria para o homem (Marañon *apud* Ferla, 2013, grifo do autor).

No romance, são abordadas questões conjugais de Maria e Carlos, e de Violeta e João, que apresentam personalidades distintas e muitos conflitos. Não é o caso, entretanto, de um “romance de tese”, embora, segundo Teresa Almeida, “haja talvez em algumas passagens excesso de análise psicológica, para o leitor atual, onde são utilizados conceitos de Marañon (antinomia sistemática entre o “femeio” e o “viril”) retardando a ação romanesca” (Almeida, 1985, p. 251).

A obra foi abandonada em 1941 e retomada em 1942. A única releitura feita pelo autor se deu em janeiro de 1943, quando desabafa que “na verdade ainda está tudo

péssimo, tudo horrível, carecendo de muita modificação.” (Almeida, 1985, p. 151), e que a análise psicológica do personagem João, central na narrativa, precisava ser refeita. Neste mesmo ano, Mário da Silva Brito, em entrevista no *Diário de São Paulo*, pergunta ao autor paulistano:

– Do romance *Quatro pessoas*, o que posso revelar?

– Que não existe mais. Eu o estava escrevendo no Rio de Janeiro quando a notícia da queda de Paris me estarreceu. Não era mais possível preocupar-me com o destino de quatro indivíduos – envolvidos em dois casos de amor – quando o mundo sofria tanto e a cultura recebia um golpe profundo. Desisti. (Almeida, 1985, p. 15).

A redação do romance efetivamente foi interrompida, tendo sido considerado por Mário de Andrade “impublicável como estava”. O que restou da obra (primeiras versões e anotações do autor preservadas em seu arquivo), contudo, pôde ser divulgado na edição crítica Maria Zélia Galvão de Almeida.

Embora, ao apresentar o livro, Telê Ancona Lopez aponte que a obra “retoma um projeto de 1924, o da investigação sobre o caráter nacional, semente de *Amar, verbo intransitivo* e *Macunaíma*” (Almeida, 1985), Mário de Andrade afirma, entretanto, que *Quatro pessoas* não se relaciona às demais obras que já havia publicado durante a vida. Em entrevista de 1933, conta que “seus livros não se ligam uns aos outros” e que, quando publica uma obra, esquece totalmente dela (Almeida, 1985, p. 247). Na mesma entrevista, sustenta que “sua obra toda, seguindo a tradição intelectual da raça dos paulistas no Brasil, é eminentemente pessimista” (*idem*, p. 248). Nesses termos, mais uma vez, alimenta um imaginário em relação aos paulistas.

Teresa de Almeida, em seu estudo, fixa a oposição entre os personagens Otelo e Don Juan representados, respectivamente, por Carlos e João. Maria era misteriosa como Capitu, de Machado de Assis, e tem uma morte violenta; Violeta tenta suicidar-se no início da narrativa. A estudiosa aponta que em *Quatro pessoas*

não há nenhuma referência à guerra, [...] há, no entanto, toda uma carga de agressividade reprimida (transparecendo às vezes nas relações sexuais dos dois casais, conforme a ocorrência de palavras como “violência”, “rajadas” – evocando metralhadoras

– “arma”, “atirou”, “tiro” ou “ferocidade” e que iria certamente desembocar no crime final. (Almeida, 1985, p. 254).

Mário abandona a obra alegando que seria fútil demais continuar se dedicando a dramas de personagens representativos da burguesia carioca.

Teresa Almeida afirma que a trama romanesca se manifesta predominantemente na penumbra, encadeando cenas em espaços fechados, “num Rio de Janeiro surpreendentemente sombrio onde o mar parece inexistir, captado por um escritor pessimista, perseguido por suas obsessões” (Almeida, 1985, p. 256). Todavia, em dois momentos essa penumbra é invadida por uma “luminosidade ofuscante, exacerbada do sol, lembrando, pela incandescência, a luminosidade artificial e perturbadora de um holofote” (*idem*, p. 256).

O romance, embora seja uma narrativa ficcional, constrói-se a partir de uma relação com a realidade. Nesse sentido, *Quatro pessoas* está permeado, de um lado, pelas impressões de Mário acerca da cidade do Rio de Janeiro, e de outro, por seu estudo da obra de Marañon. No primeiro aspecto, se compararmos o cenário do romance ao ambiente vivenciado por seu autor em 1938, esse excesso de luz pode representar, também, o excesso de calor, de experiências, de trocas experimentadas em sua temporada carioca, manifestadas antes em “As Cantadas”. Posteriormente, o contato com este mesmo espaço, somado às suas outras questões pessoais, levariam à dissolução, ainda que momentânea, dos seus antigos hábitos, acarretando o estado melancólico presente no poema “Canção”. Já a penumbra pode sugerir, no romance, um universo interior sombrio, complexo, dos personagens. Teresa Almeida afirma que

a iluminação, ora penumbrosa, ora violenta, ressalta de maneira exemplar essa dificuldade de apreensão do mundo e dos sentimentos. Ela atua simbolicamente como elemento desintegrador. Ou dissolvente. Diluindo os contornos físicos das coisas (rostos, objetos, paisagens) ou a “integridade psíquica” dos indivíduos. (Almeida, 1985, p. 256).

A obra foi escrita, como se supõe, em 1939. Em um paralelo com a biografia de Mário de Andrade, o processo de dissolução do “eu” (uma identidade supostamente fixa, mas que sabemos não ser) no espaço e nos outros, é o que melhor representa o

impacto da residência no Rio de Janeiro nos anos finais de sua vida. Este foi um momento de abertura da subjetividade, devido à inserção do escritor em um novo ambiente, experimentando tipos de convívio sociais distintos dos de São Paulo.

Nesse sentido, o romance mostra-se como peça importante para a compreensão do período em que Mário de Andrade viveu na então capital federal. A ficção guarda vínculos com os acontecimentos da época. A discussão sobre o escritor francês Romain Rolland, por exemplo, aparece inserida em *Quatro pessoas*, dando pistas do entranhamento da ficção com a realidade. Ao discorrer sobre o temperamento da personagem Violeta, o narrador afirma:

reconhecendo a sua inferioridade de cultura e de classe, guindada assim ao meio dos amigos de João tão superiores a ela e que ela maltratava, recebia mal, no interesse facilmente compreensível de os afastar do marido para conservá-lo seu, pois que eles e suas mulheres, gente conversava, sabendo muitas coisas, falando política internacional, palavras inglesas, discutindo futebol e às vezes até literatura quem seria Romain Rolland?... Ela ficava ali inútil, sem entrar na conversa (Almeida, 1985, p. 76).

Evidencia-se o desejo do autor modernista de associar características das personagens com aspectos da temporalidade histórica. A vivência de Mário de Andrade parece projetar-se na ficção: “Maria precisava descansar dessa vida de Rio, que diabo! não haveria fazendas de parentes que a acolhessem por um tempo? [...] Era preciso dar de novo a Maria a consciência exata de sua felicidade” (Almeida, 1985, p. 141). É possível imaginar, em face dessa passagem, o próprio escritor evocando a chácara de seu parente Pio Lourenço Corrêa, o “tio Pio”, em Araraquara, onde muitas vezes se hospedou para descansar e renovar os ânimos.

Quatro pessoas deixa entrever pouco da paisagem física da Guanabara, para além da ambientação dos cenários. Mas o romance pode ser considerado produto da observação atenta do autor acerca dos comportamentos sociais com os quais teve contato durante os anos de 1938 a 1941. Se, por um lado, escolhe dar vida a personagens da classe média-alta carioca, privilegiados socioeconomicamente, que seguem padrões heteronormativos de relacionamento, por outro, eles figuram contradições em relação ao que se espera de seu comportamento. Nesse sentido, pode-se

supor que a angústia do escritor em relação a dinâmicas conjugais resulte também na sua vivência pessoal.

Considerações finais

Nesta pesquisa, explorando principalmente cartas Mário de Andrade expedidas em 1938, mas também outras fontes literárias e testemunhais, buscamos reconstruir o “retrato” de um momento na vida do autor modernista. Percebemos que o imaginário criado por ele em cartas e poemas, acerca da condição de paulista e de carioca, é compatível com os estereótipos associados aos nascidos em tais municípios, construído desde o início do século XX. No entanto, o escritor nega, em diversos momentos, ser “bairrista” ou defender a cidade onde nasceu como superior às demais.

Predomina, no recorte analisado de sua epistolografia, uma imagem do carioca mais aberto às experiências da vida, boêmio, caloroso, carnavalizado e até mesmo “imoral”; e a do paulista mais duro, rígido, reservado ou mesmo pessimista. Tais figurações aparecem, nas missivas, geralmente, sob a forma de comentários, explicações ou justificativas em face de algum comportamento observado – em algumas, de forma irônica ou jocosa.

Como observado no primeiro capítulo da dissertação, Mário, em agosto de 1938, manifestou certo “arrependimento” em relação à sua transferência para o Rio de Janeiro, supondo que teria sido melhor permanecer no Departamento de Cultura. Confidenciou a Paulo Duarte:

Às vezes me vêm também uma espécie de remorso de ter deixado o Departamento. Remorso derivado mais de um vício que de uma realidade exata. Pois o certo é que estava decidido a largar do Departamento e voltar pro meu cantinho. O primeiro passo essa decisão você conhecia: o abandono da diretoria. Minha intenção era recomeçar jornalismo, alunos particulares, e assim que tivesse com que me sustentar, reassumir minha cátedra no Conservatório e sair da vida pública. Puro egoísmo sim, mas raciocinado, bem pesado, meu. Com estas lembranças o remorso acaba logo; mas não acaba a tristeza... física do remorso, e o reflexo social dos que me censuram por largar São Paulo. É certo que não estou nada feliz, embora não me sinta desgraçado. (Duarte, 1977, p. 163)

Visando fazer um comentário crítico sobre sua experiência na capital federal, em 1941, dirigindo-se a Murilo Miranda, o escritor tece considerações sobre o Rio de Janeiro, situando-se em face da cidade que o acolheu em 1938:

[...] serão sempre saudades imoralizadoras. A culpa não será do Rio, no meu caso, eu é que sou fraco, sensual, imoral mas o Rio é humanamente muito culpado. Acho mesmo o Rio inaceitável como cabeça de uma civilização, e que ainda não tenhamos tido a coragem de mudar a nossa capital pra outro clima (principalmente outro clima, mas também outra paisagem) me parece um péssimo sintoma de caráter para a nossa nacionalidade. E o caso me parece tanto mais impressionante que, em geral, o que têm mandado no Brasil são paulistas, são mineiros e gaúchos, são homens de climas mais possíveis pra civilização europeia e cristã que adotamos, são homens de terras menos sensualmente paisagística. O Rio deve ter grande parte da culpa desses homens... (Antelo, 1981, p. 67-68)

Exprime, nessa mesma carta, o sentido de uma experiência de fracasso:

Puxa já escrevi muito, sem querer. Fui me deixando levar por um problema que me tem apaixonado muito, esse de meu fracasso aí no Rio. O melhor seria não falar nisso por enquanto, até que com o tempo eu possa ter uma visão mais sintética e mesmo mais nítida. Todas as nitidezas de agora devem ser mais clarões sentimentais que nitidezas (Antelo, 1981, p. 69).

O fracasso que ele alega ter vivenciado no Rio de Janeiro pode ser lido como um prolongamento daquele vivido desde sua demissão do Departamento, o qual desencadeara um movimento de ruptura em sua vida, abordado nesta dissertação. Em seus anos finais de vida, ao fazer uma retrospectiva de seu passado, Mário se sentia cada vez mais “fracassado”, tendo, em 1942, até mesmo subestimado a potencialidade do movimento modernista, de que participara ativamente nos anos 1920. Sentia que ele e os colegas teriam errado ao se distanciarem demasiadamente de questões de natureza

social e política. Além disso, coloca-se em pauta o sentido de ruptura no plano pessoal (a felicidade), como se observa, paralelamente, na voz do eu lírico do poema “Canção”.

Com base na documentação compulsada pela pesquisa, notamos que, a partir da transferência de Mário de Andrade para o Rio de Janeiro, ele se mostrava cada vez mais retraído, buscando uma vida longe dos holofotes que o consagraram como a figura incontornável, que ele ainda é nos estudos literários e culturais brasileiros. Este desejo de “escuridão”, mencionado em carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 14 de junho de 1938, é uma das marcas deste ano que se prolongaram nos últimos tempos de sua vida.

Percebemos que a correspondência do autor de *Lira Paulistana*, em 1938, foi testemunho de uma ruptura profunda em sua vida, espelhando o sentimento de fracasso e uma postura revisionista em relação à sua trajetória e à dos escritores de sua geração. O ano de 1938, para ele, marcou o início de um estado melancólico que se estenderia até 1945, sinalizando o início do que consideramos uma idade mais madura. Adensou, nele, a (auto)crítica, resultante da vivência em uma paisagem (urbana e social) distinta daquela que ele estava acostumado em São Paulo. A mudança para a antiga capital do Brasil redimensionou sua crise pessoal. Fez com que o poeta estivesse cercado de amigos mais jovens, que lhe proporcionaram vivências diversas daquelas que ele tinha costumeiramente na capital paulista. Portanto, foi um momento de cisão, atravessado pela dimensão geográfica e pela afetiva, axiais na correspondência focalizada neste trabalho.

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ANDRADE, Mário de. **Dicionário Musical Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- ANDRADE, Mário de. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.
- ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- ANDRADE, Mário de. **Obra imatura**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ANTELO, Raúl (Edição preparada por). **Mário de Andrade. Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BATISTA, Fabio. Foucault e as heterotopias: espaço, poder-saber. **Griot : Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–16, 2020. DOI: 10.31977/grifi.v20i2.1503. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1503>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- BOMENY, Helena. **Um poeta na política: Mário de Andrade, paixão e compromisso**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Macunaíma contra o Estado Novo: Mário de Andrade e a democracia. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 37, n. 2, maio-ago. 2018, p. 335-357.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim (8ª edição). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BRANDI, Paulo. Plano Cohen (Verbetes). Rio de Janeiro: FGV/CPDOC. Disponível em <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-cohen>. Acesso em 21 jun. 2023.
- CALIL, Carlos Augusto; PENTEADO, Flávio Rodrigo (organizadores). **Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura** [textos e entrevistas de Mário de Andrade, Fábio Prado, Oneyda Alvarenga et alii...]. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2015.

- CAMARGO, Ceci Ribeiro. **Índice temático da Correspondência ativa de Mário de Andrade. 1919-1919**, com a colaboração dos bolsistas Alexandre Zaslavsky e Briane Moreira Becker, sob orientação do Prof. Dr. José Augusto Avancini. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CNPq/ Fapergs), 1998.
- CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade: Exílio no Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.
- DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Mussite, 1977.
- FABRIS, Anna Teresa (organização, introdução e notas). **Portinari, Amico Mio: Cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari**. Campinas: Mercado de Letras/ Projeto Portinari/ Autores Associados, 1995.
- FERLA, Luís Antonio Coelho. O determinismo biotipológico e sua rede de sustentação (1920-1945). **XXVII Simpósio Nacional de História**. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364486636_ARQUIVO_Luis_Ferla.pdf. Acesso em 17/03/2023.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FERNANDES, Lígia (organização e notas). **Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.
- FERNANDES, Lígia (organização e notas). **71 cartas de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Livraria São José, [1964].
- FIGUEIREDO, Guilherme (organização e notas). **A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo 1937/1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- FRAGELLI, Pedro. Engajamento e sacrifício: o pensamento estético de Mário de Andrade. Dossiê Mário de Andrade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 57, dezembro de 2013.
- FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981.
- GARCIA, Leandro (organização, introdução e notas); GARCIA, Leandro; FIGUEIREDO, Tatiana Longo (estabelecimento de texto das cartas). **Correspondência**

Mário de Andrade & Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Edusp/IEB-USP/Editora PUC-Rio, 2018.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 6, n. 11, 1993, p. 62-77.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares.** Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos.** Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JARDIM, Eduardo. **Eu sou trezentos: Mário de Andrade (vida e obra).** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

LAFETÁ, João Luiz. **Figuração da intimidade; imagens na poesia de Mário de Andrade.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo.** São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 2000.

LEVAI, Giulia. A “correção” dos “transtornos do instinto”: experimentos e terapias hormonais no início do século XX. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. L.], N. 33, P. 40–63, 2021. DOI: 10.34019/1981-2140.2021.31869. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/31869>. Acesso em: 16 jun. 2023.

LOPEZ, Telê Ancona. **Mário de Andrade: ramais e caminho.** São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In **O historiador e suas fontes.** Org. de Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca. São Paulo: Contexto, 2017.

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência.** Dissertação de mestrado. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2016.

MENDES, Erasmo Garcia. Perfis de mestres: Paulo Duarte. **Estudos Avançados**, v. 8 (22). São Paulo, Dezembro de 1994.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).** Algés: Difel, 1979.

MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade.** São Paulo: EdUSP, Fapesp, 2007.

MORAES, Rubens Borba de. **Lembrança de Mário de Andrade: 7 Cartas**. São Paulo, Diana Mindlin (ed.), 1979.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A guerra civil espanhola (resenha). **Revista Brasileira de História**, 28 (56), 2008.

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. **Edição anotada da correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. Dissertação de mestrado. Orientador: Profa. Dra. Ivone Daré Rebello. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Peterson José. Dilemas sentimentais e identidade homoerótica: uma leitura de Frederico Paciência de Mário de Andrade. **Albuquerque – revista de história**. vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015, p. 6-27.

PERES, José Roberto Pereira. A experiência docente de Mário de Andrade no Instituto de Artes na Universidade do Distrito Federal - RJ (1938-1939). In **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 5, n. 1, p. 246 - 270, ISSN 2594-4630, fev. - maio 2021.

PERES, José Roberto Pereira. **O Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores de artes (desenho e pintura) para o ensino secundário (1935-1939)**. Tese de doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Coelho da Costa. Coorientador: Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

PUCHEU, Alberto (org.). **O carnaval carioca de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

RIO MEMÓRIAS. Disponível em <https://riomemorias.com.br/>. Acesso em 17/03/2023.

SANDES, Noé. Lembrança, arquivo e ressentimento: as memórias de Paulo Duarte. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Fortaleza, 2009. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1354.pdf.

SILVA, Mônica Gomes da; SANTOS, Matildes Demétrio dos. Cartas para Murilo Miranda, o amigo com quem envelheço. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 80, p. 88-103, dez. 2021.

SOFFIATTI, Arthur. **Mário de Andrade e(m) Campos de Goitacazes**: Cartas de Mário de Andrade a Alberto Lamego, 1935-1938. Rio de Janeiro: Eduff, 1992.

SCHAEFER, Murilo Maluche; BORGES, Viviane Trindade. “Mais um problema social a ser resolvido pela medicina”: a homossexualidade sob a ótica de Leonídio Ribeiro

- (1935). **26o Seminário de Iniciação Científica da UDESC**. Disponível em http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2561/3.pdf. Acesso em 17/03/2023.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- TÉRCIO, Jason. **Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- VELASQUES, Muza Clara Chaves. **Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 1930 e 1940**. Orientadora: Profa. Ângela de Castro Gomes. Tese de doutorado em História Social. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A “cidade-voyeur”: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas... **Revista Rio de Janeiro**, n. 8, p. 83-100, set./dez. 2002.
- VIANNA, Luiz Fernando. A memória de uma geração. São Paulo: **Folha de São Paulo** (Ilustríssima), 6 jun. 2010. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0606201004.htm>. Acesso em 21 jun. 2023.
- VICTOR, Rogério Lustosa. Getúlio Vargas e o Integralismo: histórias de pescador. **Revista Angelus Novus**, [S. l.], n. 3, p. 63-82, 2012. DOI: 10.11606/ran.v0i3.88854. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/88854>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Anexo A – Cronologia das cartas

Ano 1938	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1												
2												OA
3				PD	CP						SM	
4		RMA						PM				
5					RMA				OA			
6						RA				OA - PD		
7					RA							
8					FCL	CP						
9						RMA						
10		GC			GC							
11	CDA											
12	RMA											
13												
14						RMA						SM
15						CDA					PD	
16	RMA				MM							
17						CDA						
18		GC			RA							
19								PD			OA	
20						EFC - RMA - AFML						
21	RMA										PD	ND
22	RMA		PD	OA		GC						
23					RMA - CP		OA					RBM
24	LC		SM									
25							OA					
26	RMA				AMe	AALI						
27						ND				PD		
28			SM					OA				
29												
30								CP				
31	MM				FCL							OA

Sem data	RMA					CDA		OA				OA
---------------------	-----	--	--	--	--	-----	--	----	--	--	--	----

Anexo B – Transcrição das cartas enviadas por Mário de Andrade em 1938

Transcrevemos, a seguir, um conjunto de cartas de Mário de Andrade dirigidas a diferentes interlocutores em 1938, difundidas em diversas publicações e trabalhos acadêmicos (cf. bibliografia).

Na transcrição, optamos por atualizar a ortografia, de acordo com a norma vigente, mantendo apenas idiossincrasias linguísticas de Mário de Andrade, como por exemplo, “suber” por “souber” e “rúins” por “ruins”. “Prá” e “pra” receberam a forma “pra”; “milhor”, a forma “melhor”, “si”, a forma “se” etc. A pontuação original foi mantida.

Normatizamos a formalização do local e datas das mensagens (p. ex.: Desenvolvemos “São Paulo, 16-1-38” em “São Paulo, 16 de janeiro de 1938”), bem como das indicações de parágrafos.

1. Telegrama a Carlos Drummond de Andrade, 11 jan. 1938

São Paulo, 11 de janeiro de 1938.

Pelo Departamento de Cultura visito querido artista desejando prontas melhoras. Abraço cordial.

Mário de Andrade

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 197.

2. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 12 jan. 1938

Ilmo. Sr. Dr. Rodrigo M.F. de Andrade Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Tomo a liberdade de lembrar a essa Diretoria que até agora não recebi indicação alguma sobre a nomeação do meu substituto para o cargo de Assistente Técnico da Sexta Região, desse Serviço. Tendo a primeiro de dezembro optado pelo meu cargo no Departamento de Cultura, de São Paulo, estou estes dias bastante indeciso sobre se devo continuar na orientação já tomada ou esperar o meu substituto para a continuação dos serviços. Tendo portanto apenas ordenado a conclusão de trabalhos já encetados, a série de fotografias de monumentos e obras de arte, bem como a organização de fichários.

Por decreto de ontem, assinado pelo sr. Interventor é-me absolutamente impossível continuar no cargo a que essa Diretoria me elevou, pois proíbe expressamente o exercício de cargos de acumulação mesmo não remunerados, como é o meu caso atual. Solicito pois dessa Diretoria, com a possível urgência, indicar quem me substitua. Cordiais saudações.

Mário de Andrade

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 127.

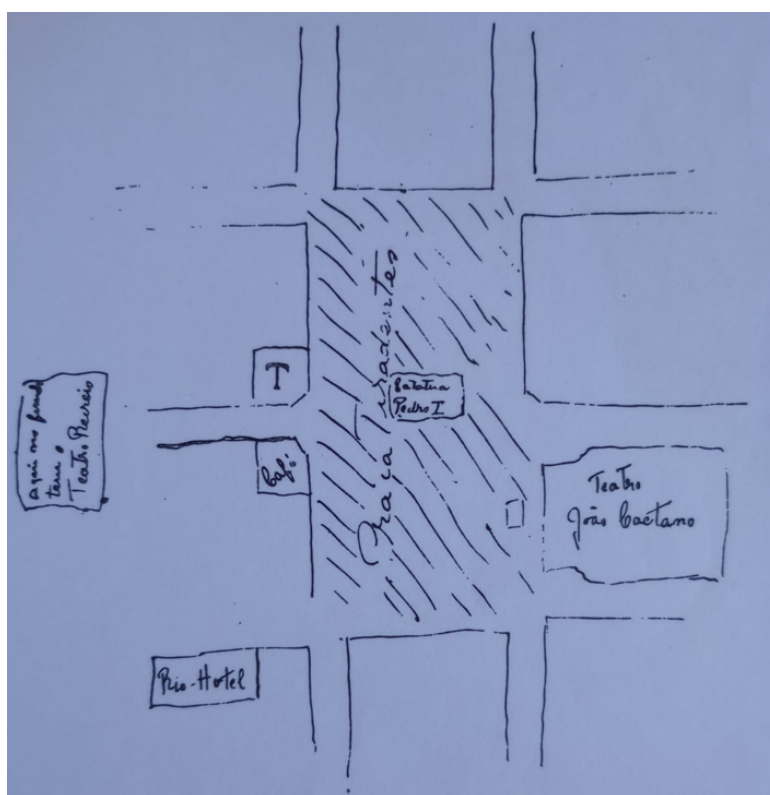
3. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 16 jan. 1938

São Paulo, 16 de janeiro de 1938.

Rodrigo,

Por favor, me mande dizer com a maior urgência se na esquina da Praça Tiradentes que assinalei no desenho abaixo com um T, não existe um teatro que pelo menos até dezembro do ano passado funcionava (e deve estar funcionando ainda) e qual o nome desse teatro. Imagine que vou ganhar numa aposta uma imagem de marfim que faz uns dez anos namoro, apesar de não ter um dos braços. Com um grande abraço grato do

Mário



FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 127.

4. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 21 jan. 1938

São Paulo, 21 de janeiro de 1938.

Rodrigo

Estou acabando de receber sua carta. Tenha a paciência mas a retrospectiva Almeida Júnior faz mais de um ano que está determinada para este ano, no Dep. de Cultura. Não sei se lhe contei, mas este ano inauguro o salão para exposições de arte,

que depois de uma luta fabulosa consegui que o Prefeito me desse. Desde a fundação do Departamento estou lutando por isso. Afinal consegui a série de salões que ficam no primeiro andar do futuro novo Viaduto do Chá. Basta lhe dizer que o salão de exposições só ele tem sessenta metros por não me lembro bem se 28 ou 18 metros. O viaduto ficará pronto e inaugurado em maio. Um ou dois meses depois inaugurarei o Salão de Artes Plásticas.

Concebi, era eruptivo, inaugurá-lo com uma retrospectiva Almeida Júnior. Já desde muito, isso, desde que cedido o viaduto ao D.C. Já tenho o dinheiro necessário (50 contos), e neste ponto você é que terá que me ajudar, concedendo e conseguindo tudo aí pra mim, de Almeida Júnior. Não é justo?

Série de conferências. Pois não, como diretor do D.C. ajudarei você no que quiser. Basta vir uma carta oficial ao diretor do D.C., porque senão ainda serei o Assistente Técnico de alguma forma, e isso não pode ser, lei é lei a meu ver. Poderei organizar a série e cederei salão e tudo. Vamos tratar é do plano.

1º – O SPHAN paga as conferências? Quanto – cada uma?

2º – Uma série de cinco conferências? Uma geral sobre o *Patrimônio Histórico e Artístico Brasileiro*. 2ª: *O Patrimônio histórico paulista e sua arquitetura civil-militar* (Fortes, casa dos trens bélicos etc.) 3ª: *O patrimônio artístico paulista e a sua arquitetura religiosa* – 4ª: *As Belas-Artes europeias nas coleções paulistas* – 5ª: Um problema qualquer etnográfico ou folclórico, ou coisa a pensar, como organização de museus etc.

3º – As conferências seriam de 15 em 15 dias, com projeções, exposição de objetos, etc.

4º – Também se poderia pensar num serviço ativo de propaganda, por meio de conferências, um conferencista só (no máximo dois), indo de cidade em cidade e fazendo conferência em sala cedida pela prefeitura, e pequenas explicações de 20 minutos nas fábricas e escolas com exposição de quadros e objetos (poucos, só pra explicar). Esta série seria de caráter didático, sem ranço. De uns dois meses, suponhamos, só pelas zonas onde há tradições a defender.

Agora, Rodrigo: há urgência e necessidade de nomear o Assistente Técnico pra S. Paulo. Não esqueça que estou com as mãos atadas e parei tudo. A lei contra acumulações está séria aqui, você já sabe que aqui se toma tudo a sério e não tenho o menor gosto, no caso, de brincar com fogo. E cada vez mais, o Paulo Duarte se impõe, acredite. Ciao com abraço

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Spahn/Pró-Memória, 1981, p. 128.

5. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 22 jan. 1938

São Paulo, 22 de janeiro de 1938.

Rodrigo

Você podia apresentar o dr. Luiz Saia (SAIA) a quanto assistente técnico tiver o SPHAN da Bahia até o Pará. Ele vai como chefe da Missão de Pesquisas Folclóricas que o Dep. de Cultura envia pra gravação e filmagem de músicas, danças, costumes etc. Preciso das cartas aqui, o mais tardar até dia 27, é possível?

Muito obrigado

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 128.

6. Carta a Luís Camillo de Oliveira Netto, 24 jan. 1938

São Paulo, 24 de janeiro de 1938.

Luís Camilo,

Positivamente desisto de lhe responder mais uma vez detalhadamente sobre todos os nossos assuntos. Acabo de ver tudo quanto tenho de cartas de você, datadas de 1937, é pouco. E cartas como a de Paris que você indica ter me escrito não recebi. Por outro lado, minhas cartas em grande parte se perdem, mas o que será isto, meu Deus! E assim que lhe escrevi uma comprida e pormenorizadíssima carta em resposta à sua de Lisboa, em que até lhe mandava uma prova do processo que usamos aqui pra fotografar documentos, e que é mais barato e muitíssimo mais claro que o que você utilizou. E lhe perguntava mil coisas. Nenhuma resposta e agora é tarde está no Brasil, neste Brasil.

E agora lhe escrevo pedindo ao menos que você me mande a sua residência certa e você de novo responde sem mandar residência, ora com mil bombas!

Há certas coisas que positivamente desisto de compreender. Cada carta de você insiste pra que eu lhe mande a Revista do Arquivo. Ora esta sempre lhe foi e lhe é mandada. Mas neste caso certamente grande culpa cabe ao seu desleixo. Positivamente custa muito menos a você escrever diretamente à Revista um cartão lacônico dizendo quando muda de residência, do que de vez em longe me mandar a mim sua direção em carta. Resultado: a carta fica aqui em casa e positivamente me esqueço no Departamento de telefonar ao Sérgio ou a outros lá do expediente da Revista, notificando a mudança. Ainda agora você me diz que não recebeu publicação alguma. Ora isso é positivamente um desastre, porque fiz mandar a você tudo e tenho a certeza de que foi mandado. Onde estarão esses volumes, que já estão muitos preciosos pela raridade! E você compreende, não é possível imaginar que haja aqui um funcionário subalterno que tenha embirrado com você e que ao dirigir revistas e publicações pule de propósito o nome de você. Lhe garanto que tudo vai sendo mandado, e que isso positivamente me desespera. Ainda agora acabo de escrever um lembrete e depois de amanhã telefonarei de novo ao Sérgio pra ver que volumes ainda poderemos mandar. Falo só das publicações municipais. As publicações do Estado e do Instituto, não consigo.

Estive no Rio dois dias e lhe telefonei pro seu telefone que tenho aqui, 273567. Não existia você. E não tive mais tempo de procurar porque isso foi no domingo e não encontrei mais amigos comuns que poderiam me dar qualquer informação. Mas é possível que breve vá passar algum tempo no Rio. Estou agora fatigadíssimo e com um esgotamento nervoso que requer retempero. E retempero pra mim agora só mesmo Rio, se for pra zona rural, não resistirei a trabalhar folclore. Só Rio e farra. Então conversaremos mais longo. Por agora, pelo amor de Deus, me mande a sua direção certa e mande outra pra Revista do Arquivo, que custa!

Um abraço do

Mário

PENNA, Maria Luiza (organização, introdução e notas). **Correspondência Mário de Andrade & Luiz Camillo de Oliveira Neto**. São Paulo: Edusp/IEB-USP, 2013, p. 177.

7. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 22 jan. 1938

São Paulo, 22 de janeiro de 1938.

Rodrigo

Recebi sua carta e eis a conclusão a que chegamos. O Dep. de Cultura, é preferível você não mandar a ele a incumbência e sim ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Eis as razões. Tomando o D.C. a incumbência, quem a teria que desempenhar seria da mesma forma este seu criado. E é justamente este seu criado que já não pode mais, agora não posso mais. Tenho de entregar os pontos. Num D.C. especializado e com poucos especialistas, tenho a certeza que você compreenderá bem os especialistas como estão sobrecarregados. Ora vem agora justo o momento difícil e trabalhoso do SPHAN, tombamento. E eu, além de ir descansar uns vinte dias, não posso mais. O ano aparece pra nós trabalhosíssimo com a missão folclórica ao Norte, com o novo gênero de grandes festivais teatrais, o novo salão de artes plásticas, a nova Casa de Cultura Operária, uma missão franco-departamental de etnografia aos índios de Mato Grosso e as novas cartas de distribuição geográfica de farinhas alimentícias – tudo iniciativas deste ano. Você vê que não é possível mesmo aceitar mais coisas.

Falei com o Instituto. Está disposto a aceitar, caso você lhe garanta, dividida pelos 4 trimestres, uma verba de no mínimo 50 contos para o ano todo, portanto 12:500\$000 por trimestre pros trabalhos de expediente, fotos, e alguns consertinhos. Por outro lado compromete-se a, por iniciativa paulista, fazer alguma reforma importante, por exemplo Mboy, que ficará nuns duzentos contos. Pretende conseguir o dinheiro (o Paulo Duarte e o Estado jornal estão nisso) com os capitalistas daqui.

Se acha viável a proposta pode mandar o convite oficial por meu intermédio, que entregarei. Desejava passar uns dias no Rio pra conversar mas estou num momento de vacas magras, coisa que não raro me sucede e não acho ruim, diverte.

Ciao com abraço

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 129.

8. Carta a Murilo Miranda, 31 jan. 1938

Oh, Murilo,

Já estou com muita saudade e muito inquieto por não ter notícia de você. É certo que estive no Rio, perguntei por você, ninguém sabia e achei que não era conveniente insistir. Também aqui tenho procurado descobrir seu endereço novo mas não havia meios. Por mim não sabia. As duas vezes que fui na sua casa fui de auto, com você mesmo, sem me preocupar da direção.

Lhe mando por mim esta poesiada. Preferia mandar prosa mas não tenho coragem pra escrever nada agora. Por outro lado, pode ser que os sonetos não valham nada, mas ingênua ou vaidosamente, dou grande importância pra eles, pelo que

representam de especial na evolução particular dos meus... sentidos. Isso quer dizer que preferia que você desse uma página inteira só pra eles, na disposição em que vão, sem esquecer as datas que caracterizam bem a diversidade de estilo poético e de concepção estética do soneto. Se não for possível guarde pra outro número da *Revista*.

Vou hoje mesmo falar com a Oneida e com o Sérgio. Queria tanto conversar com você. Não sei quando, pode ser amanhã, um mês ou em dois meses. Tou sempre querendo ir no Rio. Quando irei é que não sei. E ando adoentado, fatigado, fatigadíssimo. Sem felicidade quase nenhuma, um corpão monótono e de enorme malinconia. Com abraços do

Mário

ANTELO, Raúl (Edição preparada por). **Mário de Andrade. Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, pp. 46-48.

9. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, sem data

Dr. Rodrigo M.F. de Andrade

M.D. Diretor do SPHAN

Tomo a liberdade de expor a V.S. o seguinte. Com minha opção pelo meu cargo de Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, acha-se vago o cargo de Assistente Técnico da Sexta Região, desse Serviço.

São tais os trabalhos em andamento, mormente a organização dos monumentos e obras de arte dignas de tombamento, que a suspensão do trabalho, além de causar sérios desarranjos, vai dificultar a obra mais urgente do Serviço, que é justamente tombamento. Enquanto fui Assistente Técnico desse Serviço, o dr. Paulo Duarte, apaixonado que é pelos assuntos atinentes ao SPHAN, prestou-me grande auxílio. Não só pelos seus conselhos e conhecimentos técnicos de História e tradição paulistas, como pelo seu prestígio social e político. Inda mais, reconhecendo, como V.S.^a bem sabe, a precisão urgente dos Estados auxiliarem a tarefa da União, foi ele integralmente o autor da lei estadual criadora de serviço idêntico ao do SPHAN, só não votada devido ao golpe de 10 de novembro último que extinguiu as câmaras do país.

O Dr. Paulo Duarte, escritor, membro do Instituto Histórico de S. Paulo, autor da campanha de proteção aos monumentos históricos e artísticos tradicionais, publicada no Estado de S. Paulo e que tanta sensação e reação benéfica causou no Estado, conhecedor profundo deste, com grande relação em todos os nossos meios sociais, artísticos e políticos, me parece perfeitamente adequado para o posto de Assistente Técnico do SPHAN nesta Sexta Região, e isso venho sugerir a V.S. O dr. Paulo Duarte, pela sua alta posição política, foi retido dia 8 de janeiro p.p. Nada se averiguou porém contra ele e foi solto seis dias depois, voltando aos afazeres ordinários de sua vida de advogado e estudioso. Comunico também este pormenor a V.S.^a tão só para, com lealdade, afiançar-lhe que não vejo nessa prisão, de exclusivo caráter político de averiguações, nenhum impedimento para que o dr. Paulo Duarte seja nomeado para um cargo que exercerá certamente com zelo e dedicação.

Cordiais saudações

Mário de Andrade

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945.** Brasília: MEC/Spahan/Pró-Memória, 1981, pp. 129-130.

10. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 4 fev. 1938

São Paulo, 4 de fevereiro de 1938.

Rodrigo

Não sei se tenho razão, mas recebi sua carta ontem de tarde e tive a sensação de que você meio que se ressentira de mim, com o caso da exposição Almeida Júnior. Pelo amor de Deus não faça isso, se é que me expliquei mal e desfaça qualquer nuvem.

Antes de mais nada nem por sombra imagine que não quero ajudar mais com o que puder o SPHAN. O SPHAN com você dentro está claro, ou pessoa idônea. Mas a verdade verdadeira é que no momento não posso mais, arrebento. Estou com um esgotamento nervoso incrível, já pretendi descansar e o prefeito torceu o nariz. O único jeito é voar pro Nordeste por uns vinte dias ou mais – mas não sei se será possível. E ainda por cima as inquietações que são ferozes. Ferozes aqui. Mas não lhe posso dizer tudo que seria um não acabar, só mesmo quando for aí no Rio levar o resto das fotografias, de que grande parte me chegou hoje pela manhã.

Você quer ver como estou? Acabo de reler sua carta pra responder aos casos dela e não me lembro absolutamente mais de qual foi o plano de conferências que propus a você e você aceitou! Vou ver se tenho cópia em casa, se a carta lhe foi datilografada. Se não foi, você terá que me reexpor o plano que lhe mandei, pra que o ponha em execução. Desculpe.

Quanto ao caso do Instituto Histórico fico ciente. Aliás, já estou com vontade de desdizer tudo o que disse!... Nestes poucos dias entre a minha carta e a de você, deu-se reviravolta no Instituto e é bem provável que na reunião de amanhã saíamos todos de lá, a ala nova e ativa. Só que quando entramos o Instituto estava com dois contos em caixa e devia seis. Agora está com trezentos contos em caixa, isso em ano e pico.

Bom, ciao com abraço do
Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Spahn/Pró-Memória, 1981, p. 130.

11. Carta a Gustavo Capanema, 10 fev. 1938

São Paulo, 10 de janeiro de 1938.

Meu caro Capanema,

Desculpe estar lhe escrevendo neste papel, mas não acho outro melhor. Estive ontem com o Brecheret, dei-lhe todas as indicações que achei necessárias, sem lhe mostrar a sua carta, como você me pediu. O Brecheret andou pensando, estudando o caso, e acabou pedindo dez contos pelas duas *maquettes* pedidas, a da estátua inteira, 50 cm e a da cabeça do homem com 40 cm mais ou menos, tudo em gesso. Não me senti autorizado a mais coisa nenhuma e lhe reporto o pedido dos dez contos para que você resolva e mande me dizer se aceita. O Brecheret compromete-se a dar as *maquettes* prontas 30 dias depois da encomenda feita. Obtemperou, porém, que por mais naturalista que faça a estátua esta terá de alguma forma que obedecer à natureza do material empregado, isto é, o granito, e portanto se sujeitar a uma tal ou qual estilização. Realmente ele está certo esteticamente, mas nada posso acrescentar sem que se veja o

que ele fará. Limitei-me a recomendar a ele praticasse o mínimo de estilização possível, caso lhe seja feita a encomenda das *maquettes*. Espero pois alguma notícia sua a respeito.

Falta lhe falar na encomenda que você me fez. Sou obrigado a lhe confessar que desta vez soçobrei completamente. Você me desculpará ter falhado por esta vez, mas estou que não consigo reunir duas ideias úteis. Fazem quase três anos, isto é, mais até de três anos que não tenho o menor descanso intelectual, a última vez foram 15 dias em dezembro de 1934. Estou entregando os pontos, num esgotamento intelectual e moral completo, de que não é causa menos importante a inquietação e o desgosto de que estou ultimamente possuído. Estou positivamente exausto, não posso mais. Meu trabalho não rende nem 50% do que costuma render. Estive uns dias pensando sobre o Serviço cujo anteprojeto você me pediu e acabei desistindo. Nem sequer consigo ler com eficiência, pra consultar as obras que necessitaria consultar. É o fracasso. É principalmente a imagem dolorosíssima do fracasso, fantasma assustando a gente, e bem mais pior que o próprio fracasso, que é uma realidade simples. Peço-lhe por favor, Capanema, que me perdoe e só por esta vez não conte comigo. O mais trágico é que cheguei a este ponto de fadiga mental justo num princípio de ano, momento em que não me é possível, de forma alguma, abandonar o posto por causa das iniciativas. Cheguei assim mesmo a pedir umas férias ao prefeito, mas ele torceu o nariz e desconversei. Irei aguentando, me arrastando, em muita melancolia, até que se dê um jeito nesta vida.

Mais uma vez, peço-lhe que me perdoe a incorreção de falhar e me acredite o seu muito devotado admirador,

Mário de Andrade

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 366-367.

12. Carta a Gustavo Capanema, 18 fev. 1938

São Paulo, 18 de fevereiro de 1938.

Meu caro Capanema

Já falei com o Brecheret e ele aceita fazer mais a *maquette* das Amazonas galopando pelos mesmos dez contos. Aliás já principiara os estudos para o Homem Brasileiro e me diz que provavelmente, como para ele Carnaval não existe, tudo estará pronto para a semana posterior ao Carnaval. Acho que toda a conveniência que, *maquettes* prontas, ele mesmo vá ao Rio levá-las e discuti-las. Se julgar assim também, mande-me os passes para o escultor.

Muito lhe agradeço a confiança em mim quanto ao projeto que me pediu. Aguardarei as primeiras pazes deste meu espírito fatigado para organizar o trabalho. Que será feito com o entusiasmo de sempre. Mas... pazes, meu Deus! pazes pra este meu espírito! Agora mesmo vejo o Departamento (eu, no caso) lançado em duas empreitadas ferozes: uma viagem etnográfica franco-brasileira aos Nambicuara e Pareci, a que o Governo francês acaba de convidar o Departamento de Cultura e topamos e a organização para os festejos do cinquentenário da Abolição, de um cortejo e coroamento de reis de Congo, tais como se realizavam na Colônia. Vamos retradicionalizar o costume aqui, coroando rei e rainha, aos dois negros mais velhos do Município, não é engraçado?

Bem, desculpe estar parolando assim. Quero ver se pela semana do Carnaval ou seguinte irei visitá-lo. Ah! ia me esquecendo a razão principal desta carta!

Quando aí estive tomei nota do Serviço do Patrimônio Documental Nacional cujo anteprojeto de organismo você me pediu. Ora, nas minhas notas encontro três títulos diferentes: Serviço do Patrimônio Documentário; Serviço do Patrimônio Bibliográfico e Serviço do Patrimônio Tecnológico.

Minha cabeça esqueceu totalmente várias coisas aí: Você quer três organismos diferentes, ou um só? Que entende você exatamente por “Patrimônio Tecnológico”? Peço-lhe, assim que tiver um tempinho me responder estas duas perguntas ou fazê-lo pelo nosso Carlos, que suponho completamente bom. Muito ao seu dispor e amigo

Mário de Andrade

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 367-368.

13. Carta a Paulo Duarte, 22 mar. 1938

Rio, 22 de março de 1938.

Paulo Duarte

Lhe escrevo às pressas sobre o seguinte: Vai se realizar uma expedição científica em fins de maio, que descerá o Tocantins e subirá o Araguaia, exclusivamente feita de membros brasileiros. Um dos principais organizadores da coisa, o Oto Leonardos (brasileiro) foi a S. Paulo e convidou o Plínio Airosa para participar da expedição. Este aceitou com a condição de ir pelo Departamento de Cultura, me disse o Oto. Não sei se o Plínio falou isso pra se livrar do convite sem recusar ou se falava sério.

Peço a você saber se a coisa é séria mesmo, e decidir das condições aí. Bastariam quinze contos, cinco ao Plínio pra se preparar e dez à expedição pra alimentação etc, como contribuição do Dep. de Cult.. Em compensação este ficaria com as coleções etnográficas recolhidas (que a meu ver deveriam ser doadas por nós ao Museu da Universidade), teria direito a uma cópia do filme a ser tomado (dando o Dep. os filmes necessários para filmagem cientificamente integral dos monumentos etnográficos, danças, faturas de objetos, usos e costumes dos índios) e publicação em primeira mão dos estudos realizados pelo Plínio.

No caso de sério, você falaria com a Oneida Alvarenga sobre a possibilidade de adquirir nova máquina de gravação de discos, portátil, (disco ou fita sonora) pro que ela teria que gastar uns doze contos. Já tínhamos falado nisso e me parece importante. O Plínio, pelo projeto, teria que levar um ajudante. Este se inteiraria do manejo da máquina que parece fácilimo. Antes de comprar a máquina por telegrama (a expedição só parte em fins de maio) Oneida ou alguém da Discoteca viria ao Rio ver uma maquininha desse preço, movida por um homem só, que a carrega como máquina fotográfica, e que o Roquete Pinto possui.

Não me ofereço pra fazer isso sozinho porque estou inutilizado, sofrendo muito. Não me aguento mais e provavelmente estouro por aí, vou pra Teresópolis, pras Paineiras, pra Paquetá ou pro diabo, em busca de algum sono reparador, não sei,

Mas você não imagina como estou ruinzinho mesmo. Ciao com abraço

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 155-156.

14. Carta a Sérgio Milliet, 24 mar. 1938

Sergio

Recebi carta e os Sambahas.

Estive ontem com o Artur Ramos que aceitou a proposta e vai escrever a você nesse sentido. Fará as conferências na última semana de abril. Turismo. A hospedagem será paga pelas verbas ad hoc de Os três contos das três conferências escritas, bem como o conto de réis da conferência do Cassiano Ricardo serão pagos pelos cem contos da verba pro Festejos Abolição. O Florence ficou com um ofício meu convidando nem me lembro quem pra Conferência sobre “Abolicionistas Paulistas”. De graça. O homem aceitou? Se não, haverá que providenciar sobre, pois acho impossível à série de conferências e o número da Revista ficarem sem esse assunto, não acha mesmo? Mas creio que com Artur Ramos, Simonsen (este também pertence ao ciclo das conferências) Lowrie, o lírico Cassiano, o Calmon (só artigo) os “Abolicionistas Paulistas”, faremos um número batuta da Revista.

Achava bom, agora que o ciclo de conferências está determinado, dar uma notícia bem retumbantina nos jornais, “que tal” como dizem os gaúchos?

Ainda não me avistei com o Roquette Pinto, pra tratar do homem que ele me propôs pra substituí-lo. Não tive tempo saudável pra isso. Anteontem consegui dormir umas quatro horas já o que me fez passar o dia de ontem mais em dia comigo mesmo mas um sustinho que levei de tarde (telefonema de casa) ou quem sabe o quê? me fez passar esta noite quase sem sono.

E é só. Tempo amável. Estou aprendendo a sair sem chapéu na rua. Desonra um pouco mas sinto que ficarei me acostumando, heil bagunça!

Ciao com abraço

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 304.

15. Carta a Sérgio Milliet, 28 mar. 1938

Sergio

Recebi sua carta. Como dia 6 é feriado irei provavelmente a 7 e não a 5 como já avisei, pra ter dois dias úteis aí. Confesso que fiquei meio sarapantado, pra não dizer meio estomagado, de vocês (quem? você? o Paulo?) terem já descoberto a minha vaga de 3.º escriturário na Divisão de Expansão Cultural e quererem preenchê-la já. Aliás falei, é verdade, com o Paulo a respeito dessa vaga. Não posso negar os valores da pessoa que você me propõe, mas estou, estava com ideias de promover funcionário meu, não era justo? Me deram funcionários que não falam francês nem italiano, (o que é ótimo) mas funcionários de uma dedicação esplêndida. Tanto o Miguel como a d. Ruth são assim: medíocres como cultura, mas não hesitando diante do menor sacrifício pra trabalhar em proveito do serviço e serem fiéis. Além disso sei das condições financeiras mais que precárias do Miguel. Ora, ele só tem notas ótimas. Acho pois que há toda

possibilidade de promovê-lo, coroando assim uma esplêndida dedicação. Depois sim: poder-se-ia até propor logo antecipadamente a ele essa promoção sob condição de depois trocar os dois funcionários, ele por essa funcionária do francês e italiano. Se quiser dar passos nesse sentido pode desde já. Ou esperar, se quiser. Mas sempre nesse sentido. Quanto a d. Ruth, resolvido o caso de Maria da Glória (espero que esteja), fica ela com cargo próprio e d. Ruth pode ser proposta como Auxiliar da Div. de Exp. Cult. o que lhe renderá mais 200\$000. Sobre isso já avisei Maria da Glória.

Quanto ao caso Rossini Guarnieri, ninguém mais do que eu (a não ser ele...) já pensara em engajá-lo de qualquer forma no D.C. Sei da situação precária dele e que é inteligente. Nada mais tem aliás e é de saúde precária. Bom. Pra esse mesmo cargo de que você fala já pensara nele. Recusara por honestidade doentia. Você já deve saber: a gente bota as suas honestidades onde quer, e se ponho a minha pra certos lados, dou toda a minha palavra que não considerarei, desonesto quem proponha o Rossini pro cargo em questão. Eu é que não poderia propor nem em consciência aprovar. As razões são óbvias. Nada sabe de folclore nem tem a menor prática de pesquisa no popular. Mas isso com pouco tempo de leitura (que orientarei) e de prática ele sanará. Mas fiz um curso prático de etnografia e folclore, cujos estudantes, com exceção do Saia, ainda não foram aproveitados. Aproveitar um de fora?... Mas veja, Sergio. Não faço a menor força contra, a menoríssima. E, em coração, aprovo ajeitar-se o rapaz. Se você quiser, por si mesmo, propor e nomear o rapaz (afinal das contas ele pertence à sua Div.), ficarei absolutamente sem a menor reserva nem ressentimento, em coração aprovando. É um pilatismo, dirão os infinitamente pobres da inteligência lógica europeia. Chamem como chamem, sei que não é pilatismo pra minha inteligência paralógica de oriental. Uma vez falei que “sou um tupi tangendo um alaúde”. Só o alaúde é que está errado. Tupi, primário e primitivo é certo que sou. Mas o instrumento que eu tanjo, não é alaúde que afinal, em seu desenvolvimento e fixação é instrumento europeu – o instrumento que eu tanjo é algum daqueles sutilíssimos instrumentos da Ásia grande sábia, a Nina, o King, qualquer desses que moviam mundos sutis pra Lao-Tsé, e principalmente pros mestre-de-chá japoneses. Nomeie o homem, e eu de cá, me rindo. Aliás, me sorrindo. Até breve

Mário

Por favor, diga ao Rubens que recebi os cursos de biblioteconomia mas que ele não me mandou a cópia da lei bibliotecária que pedi. Obrigado.

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 304-306.

16. Carta a Paulo Duarte, 3 abr. 1938

Rio, domingo, 3 de abril de 1938.

Paulo Duarte

Recebi seus livros e já estou fazendo a distribuição. Quanto a este lápis, só escrevo a lápis no hotel e hoje é domingo, são treze horas, só agora estou levantando e não foi farra. Me deixei ficar sonolenciando na cama, sentindo que tinha uma carta por lhe escrever, e é esta.

Antes de mais nada quero lhe causar o prazer da notícia que estou passando bem melhor, graças aos médicos e a este Rio de férias. Não estou fazendo nada, a não ser as caceteações que tive com essas viagens etnográficas bestas do Lévi-Strauss e do Oto Leonardos. Estou perfeitamente de acordo em que não se faça nada nesta última. Se mandei perguntar foi porque o Oto me garantira que o Plínio lhe garantira a ele ir, caso o D. de C. o mandasse. Ora por puro respeito da admiração que tenho pelo Plínio, não podia deixar de fazer qualquer ação. Mas os próprios argumentos do Plínio, por pura intuição certamente, eu atravessara na conversa do Leonardo. Já com Lévi-Strauss, agora é tarde para voltar atrás. Chega amanhã aqui e conversarei com ele e o atirarei nas costas de você e do Sérgio. Se arranjem que preciso sossego. Preciso sossego. Olha, Paulo, no geral tenho muito pudor de fazer parada das minhas fraquezas, e por isso disfarçava o total esgotamento nervoso e intelectual em que me achava estes últimos tempos, coisa que vem desde esse vulcão de inquietações que foi o Congresso da Língua Nacional Cantada que me chupou os restos de prazer da vida. Disfarçava. Ninguém sabia que desde dezembro, a bem dizer, eu não sabia o que era um sono profundo. Dormir três horas numa noite era uma tróia para mim. Escrever, mesmo agora, analise a escritura desta carta de pleno descanso e ainda você verá surgirem um *Plínio* e uma *Tróia* com p e t minúsculos. Por duas vezes falei ao Dr. Fábio em descansar mas ele falou que era hora da Vasp abrir voo e perguntou se eu já tinha sarado da úlcera no estômago e queria almoçar com ele. Então usei do Capanema pra este descanso quase-descanso. Mas vamos ao que importa.

Uma vez, recentemente, aí na sua casa, na frente do Sérgio, e não me lembro quais mais, você num gesto certamente falso porque você é muito mais inteligente do que isso, retrucou a qualquer frase minha de desgosto pela diretoria do D. C., retrucou que vocês não me tinham feito favor nenhum me oferecendo esse cargo; eu é que fizera favor a vocês aceitando-o.

Foi boa safadeza de você, porque fiquei numa vergonha danada, quis disfarçar, falei umas coisas muito bestas e mudou-se de conversa.

Ora eu sei, sabia e sempre soube, que se não foi favor pedido, sempre nessas coisas há favor. Favor que eu devo. É também certíssimo que eu fiz um enorme favor para vocês. Mas favor por favor, essas coisas não se medem por peso e medida, e na verdade estamos todos quites: a satisfação de minhas vaidades, o prazer de mandarzinho, o prestígio até de um lado, e do meu o sacrifício de mim, sobretudo da minha liberdade e da minha felicidade pessoal. Que não sacrifiquei toda a minha liberdade pessoal, aos poucos retomada, você sabe tão bem como eu com aquela conjuntura de chantagens em que você me ajudou com a sua vasta energia.

Pois eu tenho sofrido e sofrido imensamente, Paulo, com a diretoria do D. C.. Esse sofrimento (você pode certamente imaginar a formidável vida interior de um sujeito como eu) por várias vezes arreventou numa espécie de anedota bem ridícula que foram os meus vários pedidos de demissão ou ameaça disso. Na aparência vulgar, que não me pareceram sair nem num mais sério Sérgio, nem uma mais pensante Nicanor, nem muito menos o epidérmico Rubens, na aparência esses pedidos pareceriam pretensão minha, fingimentos e fitas. Mas essa aparência se convertia na realidade numa inquietação muito constante, num sofrimento difícil de suportar, numa verdadeira tragédia interior que ninguém suporia.

Vou fazer 45 anos. Sacrifiquei por completo três anos de minha vida começada tarde, dirigindo o D. C. Digo por completo porque não consegui fazer a única coisa que, em minha consciência justificaria o sacrifício: não consegui impor e normalizar o D. C. na vida paulistana. Sim, é certo que pra uns seis ou oito, não mais, paulistas, o D. C. é uma necessidade pra São Paulo e talvez pro Brasil. Não é certo que fizemos várias

coisas muito importantes ou bem bonitas. Mas a única coisa que em minha consciência justificaria minha direção era ter *justificado* o D.C. e isso não consegui. Que bem me importa argumentar que o tempo era pouco, que as dificuldades eram muitas, que o meio era de nível baixo demais. Essas coisas *explicam*, mas não *provam*. Porque essas razões nós as conhecíamos de antemão e foi contra elas e apesar delas que nos lançamos na aventura do D.C.. Foi com a, não finalidade, mas necessidade de vencer e matar essas razões que fizemos o I.C.E. e o D. C. falhou nesse ponto, logicamente quem falhou fui eu. Necessariamente. Falhei até contra você, deixe que eu lhe diga esta queixa, tanto no caso da Rádio Escola a que me opus, as razões que dei diante do seu anteprojeto, como no caso do Turismo. E, meu Deus! Contra os outros falhei inumeráveis vezes... Falhei contra o Rubens no caso do Moreno, falhei no caso do Paulo Magalhães (falha azeda por que foi por amizade), falhei no Carnaval de 1936, falhei no caso do Parque Infantil do Bom Retiro, falhei... meu Deus! não vale a pena enumerar todos os casos grandes em que falhei. Por que falhei? É engraçado dizer e bastante trágico: falhei porque sou um fraco, que não sei fazer prevalecer as minhas razões, quando elas não são ouvidas, não cedendo pela força, brigando, estourando. Ditaduras... Não sei se é sarcástico orgulho ou irrespirável, bolorento espírito democrático: acredito na possibilidade de razão dos outros contra as minhas razões; estúpida feminilidade, cedo, me calo, aceito. E falho.

Tenho mais que refletido, Paulo, tenho me esqueletizado em meu ser psicológico. Não me sinto propriamente triste com estas coisas, me sinto especialmente deserto. É uma vagueza, uma vacuidade monótona. Lá no fundo do deserto, uma miragem. Estou formalmente decidido a não dirigir mais o D.C. Ficar definitivamente no Rio (o que seria ideal) não posso. As razões contra são mais fortes que o meu violento desejo de me carioquizar. Há sobretudo uma voz de sangue, meu pai que foi operário, e depois de subido, continuando numa cotidianização operária de ser, fazendo sempre atos que eram como pedras, objetivamente fazendo. O que existe de aristocrático em mim, principalmente este safado gozo de viver e a atração de todos os vícios, sei que não me dá paz - e essa parte é obrigada a ceder diante e na voz de meu pai. Não fico no Rio não, volto pra São Paulo e vou serenamente e humilde retomar meu cargo de chefe de divisão, onde serei bem mais fecundo e poderei trabalhar também um bocado pra mim, meus livros.

No desgosto em que vivo, a visão estúpida da minha divisão periclitando sem chefes nem técnicos, e o remorso de me ver um diretor muito besta e fraco: isso estou desta vez decidido a não aguentar mais. Eu sei: vai haver um escandalinho, diretor relaxado, diz-que-diz-que dos funcionários da Prefeitura e possivelmente dos jornais. Sei mesmo que deixo o Dr. Fábio e você numa espécie de atrapalhação, desculpem. Vocês não poderão me recusar o direito que tenho, como todos têm, de voltar ao meu tamanho legítimo e respirar um pouco de ar mais verdadeiro.

Um abraço de

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 157-160.

17. Carta a Oneyda Alvarenga, 22 abr. 1938

Rio, 22 de abril de 1938

Oneida

Recebi sua carta, e uma do Zé Bento em que ele fala nos santos católicos etiquetados, vindos na remessa Luís Saia [sic] de Pernambuco. Sei que essa santaria é pra mim pessoalmente. A numeração provavelmente é pra futura identificação de proveniência etc. Não ponho dúvida em que se guarde isso tudo aí mesmo por ser possível a hipótese de que alguma coisa dessas possa vir dos pejis de xangôs, aliás mesmo retirados da coleção, eu com toda a honestidade os reporia depois, se assim fosse. Mas é da maior inconveniência que outras pessoas vejam esses santos aí na coleção e depois sejam eles retirados dela e colocados na minha coleção particular. Poderá parecer que fiz isso discricionariamente, me apropriando de coisa pública. Ora não se trata disso, pois o Luís levou a encomenda minha particular de conseguir santos católicos, até *populares*, e mesmo *comprando* se necessário, pra minha coleção particular. Retire pois a santaria da visibilidade de qualquer alguém, ao menos isso.

Você me fala ainda não ter visto o primeiro filme chegado. Não seria conveniente ver logo pra mandar algumas recomendações úteis ao Luís Saia?

A coleção de revistas da Mercúrio, deve ser comprada pela Biblioteca Pública. Ou levarei comigo pro Rubens, ou, se tiver portador enviarei.

Contente com a *Menina Boba*. Tome bem cuidado na revisão de provas pra não sair nenhum erro tipográfico. Em verso isso é muito pau. Desejaria estar aí pra ajudar você na disposição gráfica dos versos. E acho que é só. Ciente quanto às conferências, não se irrite, nem descreia de si mesma, menina boba.

Abraços do

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade-Oneyda Alvarenga: cartas**. Duas Cidades, 1983, p.p. pp. 136-137.

18. Carta a Cândido Portinari, 3 maio 1938

São Paulo, 3 de maio de 1938.

Meu querido Portinari

Estou pra lhe escrever faz três dias mas o desânimo toma a gente às vezes, não é falta de tempo, é falta de vontade de viver, e a gente fica assim no vazio como me sinto agora. Assim mesmo, já escrevi a nota sobre você pra *Revista Acadêmica*, que mandei ontem. Também as fotografias que você mandou produziram ontem no Sérgio Milliet e na Oneida Alvarenga, violenta sensação. Ainda não mostrei aos outros, mas tenho a certeza que ficarão também xeque-mate. Quanto aos *Cantos de Maldoror* que você teve a delicadeza de me dar, quando descobri eles na minha bagagem, palavra que fiquei comovidíssimo. Depois quis zangar com a besteira de você, mas não pude, só posso lhe dizer é mesmo o “muito obrigado” pelo presente esplêndido que enriqueceu baitamente a minha coleção de edições de luxo, não tinha nada do Salvador Dali.

Quanto a nós aqui, estamos completamente no ar. Tive que suspender o cortejo e coroação dos reis de Congo que devia se realizar no dia 13 de maio. O novo interventor até agora não conseguiu ou não quis nomear secretariado nem prefeito. Ora sem prefeito, não era possível decidir coisa de tamanha importância e que ia custar perto de cem contos. Os jornais nos estão atacando muito, os jornais perrepistas e outros novos que apareceram com a mudança de situação. E por isso ninguém quis assumir a

responsabilidade desse festejo e desses gastos. Fizemos um ofício ao prefeito interino, que por ser interino, se sente incapaz de tomar resoluções desse vulto, e ele mandou suspender os preparativos e gastos. Conte isto a Adalgisa Nery, porque ela estava se preparando pra vir no dia 13 e diga a ela que pode vir quando quiser que será sempre acolhida com todo o carinho nosso. Mas por aí você vê quanto estamos no ar. Estou perdendo a saúde que recobrei no Rio, junto de vocês, as inquietações me dominam e dominam o grupo todo, a infinita maioria dos paulistas está num descontentamento abatido e infeliz. Uns sofrem neste mundo pela sua própria pobreza, outros sofrem pela grandeza que conseguiram ser. Vou parar. Me recomende aos seus e aos amigos, a Maria, a Olga, ao Roberto, a todos enfim. Diga a Olga que fiquei lhe devendo um presente de aniversário e não me esqueço. A você o maior abraço amigo do

Mário

FABRIS, Anna Teresa (organização, introdução e notas). **Portinari, Amico Mio: Cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari**. Campinas: Mercado de Letras/ Projeto Portinari/ Autores Associados, 1995, p. 59.

19. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 5 maio 1938

São Paulo, 5 de maio de 1938.

Rodrigo

São tais as dúvidas e suspensões e angústias, que estamos vivendo no ar e nem pensava em escrever pra você. Mas hoje saiu no Estado de S. Paulo um artiguete “Bilhetes do Rio” assinado F. atacando estupidamente o Augusto Meyer, por causa da inatividade até agora do Instituto do Livro. Esse F. é um tal Flávio de Campos, acabo de saber, que é de tal desimportância pra mim que nem sei se o conheço e se já fui apresentado algum dia a ele, já fui apresentado a tanta gente. O que eu desejo apenas, esclarecendo você sobre isto, é que o Meyer nem de longe pense que o ataque parte de qualquer pessoa aqui do nosso grupo. O Paulo Duarte, a quem acabo de telefonar pra saber quem é esse F., me garantiu mesmo que se o próprio diretor do Estado, o Julinho de Mesquita Filho, tivesse ciência da coisa não a teria deixado sair. Peço a você, caso seja necessário, ou mesmo seja bom pôr o Meyer de sobreaviso, mostrar pra ele esta carta ou pelo menos garantir a ele que nada temos, a nossa gente, com a bobagem. Muito obrigado

Mário

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, p. 130.

20. Carta a Renato de Almeida, 7 maio 1938

São Paulo, 7 de maio de 1938.

Renato, só agora respondo as suas cartas. A convulsão política por que São Paulo está passando nos deixa bastante no ar e me desculpe lhe responder tão tarde e tão rapidamente.

A Discoteca lhe responderá breve a carta oficial. Das minhas eis o que penso.

Faço voltar junto o esquema que você me deu e eis as considerações que ele me lembrou.

1º- Embora também já a tenha empregado, confesso embirrar tecnicamente a palavra “formas”. Não se trata propriamente de formas, antes de com “modalidades”, “manifestações” da música popular brasileira. Não havendo diferenciação de compasso, nem de ritmo, nem de movimento, nem estrófica, não se pode falar de “formas”.

2º. Você separa as manifestações coreográficas em “Música de dança”, “Danças Dramáticas” e “Música de Carnaval”. Na realidade tudo isso é música de dança, música coreográfica. Andei pensando noutro jeito de dividir e não achei. Essas catalogações estanques são de fato muito difíceis, tanto mais que, nem eu mesmo, useiro nisso, ainda não consegui reunir dados suficientes pra distinguir nossas músicas em grupos. Mesmo a separação danças solistas, danças de par, danças coletivas, que seria a mais plausível, tem seus inconvenientes. Por exemplo, o samba rural paulista é especificamente dança coletiva, ao passo que o samba urbano é de par, e o rural baiano e mais generalizado no país, é dança solista que no instante da umbigada vira dança de par! Que embrulhada!

3º. Em qualquer caso: distinguir o samba de salão de samba de carnaval considero abusivo numa divisão necessariamente esquemática. Como forma musical e poética e até como coreografia são exatamente a mesma coisa. Músicas específicas de Carnaval a bem dizer não há. Tecnicamente o próprio frevo não passa de marcha, ou melhor “marchinha”, afeita ao gosto pernambucano, mais pesado, de texto menos gracioso e música mais barulhenta. A coreografia é que de fato define bem o frevo, e creio que só durante o Carnaval. O Maracatu historicamente não é festança de Carnaval. Mesmo hoje, embora seja característico do Carnaval, tenho informação de que sai (ou saía até pouco) noutras datas, como no 13 de maio. É bom você se informar, com algum recifense de verdade.

4º. Nas danças dramáticas, é indispensável ajuntar os caboclinhos, do nordeste, dança de inspiração (não creio que de tradição) ameríndia, que vem pelo menos até São Paulo, com outros nomes vários. O mais usado que existe em Minas é Caiapós. Também acho indispensável acrescentar as duas Cheganças. A de Marujos toma em certos lugares outro nome popular “Barca” (Paraíba), “fandango” (R.G. do Norte). As Cheganças são especificamente de origem ibérica. Não se confundem com os Reisados que, quando realmente populares, são de toque negro e inspiração totêmica, Reisado da Borboleta, da Burrinha, do Pinicapau, do Bumba-meu-boi. Há, ou houve, reisados de inspiração já perfeitamente nacional, como o do Zé do Vale, que celebra o cangaceiro famoso. Hoje a bem dizer não existem reisados, todos eles (os que persistiram) fundidos no Bumba-meu-boi, que, antigamente, era apenas o final obrigatório de outros Reisados. Sugiro mais, há Congos, na mesma linha, ajuntar “Congadas e Moçambiques”. O elemento inspirador é um só, mas todos são variantes tão profundas dessa base única que na verdade se tornam bailados diferentes.

5º Nas danças acrescentei apenas a “chimarrita” gaúcha. As danças de nomes diferentes, no Brasil, são mais de cem. Enumerar todas num esquema de síntese seria uma pretensão, tanto mais que muitas vezes é difícil ou impossível distinguir várias entre si. Aliás, até o fim do mês você receberá os Anais do Congresso de Língua Nacional Cantada com as principais danças paulistas. No inquérito que pra isso fizemos na Sociedade de Etnografia e Folclore, você nem imagina quantos nomes novos

apareceram. É pra desesperar. Ah! Falar nisso: você não querará incluir o Toré dos índios já inteiramente civilizados do sertão de Pernambuco?

6°. Não vejo razão, pelas mesmas razões do esquema sintético de enumerar o Coco de zambê, apenas mais antigo que o Coco geral mesma coisa que ele, apenas caracterizado pelo emprego do instrumento zambê. E aliás, hoje, já não estou absolutamente convencido que “Coco de zambê” seja denominação popular. Será preciso tirar isso a limpo. Quem me falou em “coco de zambê” foi o Antônio Bento de Araújo Lima, mas jamais ouvi essa expressão, em boca popular.

7°. O resto você terá mesmo nas notas em vermelho que pus na sua página.

8°. O caso do baiano é muito complicado e não vejo necessidade de você se

Carta incompleta; datada: “S. Paulo, 07 -V- 38”; cópia de datiloscrito original, fita preta; papel branco; 31,5 x 21,9; apresenta rasuras e oxidação.

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. **Edição anotada da correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. Dissertação de mestrado. Orientadora: Profa. Dra. Ivone Daré Rebello. São Paulo, 2003, pp. 286-288.

21. Carta a Francisco Curt Lange, 8 mai. 1938

São Paulo, 8 de maio de 1938.

Meu caro Curt Lange

Apenas alguns recados...

Não recebi o Nietzsche que me prometeu.

O *Boletín* é mais que provável que o publicaremos, como lhe propus. Em todo caso, nada lhe posso dizer neste momento. Deu-se uma forte reviravolta política aqui no Estado, e devo apresentar hoje a minha demissão de diretor do Dep. de Cultura. Do nosso prefeito e nosso diretor dependerá a decisão final. Mas espero que seja boa. Breve receberá os *Anais* do nosso Congresso musical do ano passado.

O Instituto Nacional de Música está publicando peças musicais brasileiras. Peça-as diretamente ao prof. Guilherme Fontainha, diretor do Instituto.

E é só por hoje.

Cordial abraço do

Mário de Andrade.

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência**. Dissertação de mestrado. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2016, p. 129.

22. Carta a Gustavo Capanema, 10 maio 1938

São Paulo, 10 de maio de 1938.

Meu caro Capanema

As coisas estão se definindo enfim e não parecem muito claras de cor para o Departamento de Cultura. O novo prefeito é um urbanista notável, parece excelente escolha para a Cidade. Sob o ponto de vista cultural, departamental, nada consegui

apurar por enquanto. Hoje estive com ele para apresentação como de direito da minha demissão, e a conversa não foi nada animadora. Falo em relação ao Departamento, e não a mim: O prefeito mostrou-se duma reserva, duma ausência que me deixaram profundamente inquieto.

Por outro lado, sei de fonte limpa que dos homens do PRP que subiram agora, uma fortíssima corrente deseja a extinção, pura e simplesmente, do Departamento de Cultura. Outra, mais moderada, sustenta a necessidade de sua conservação, acabando-se apenas com certas “brincadeiras” inúteis. Não erro certamente em supor que tais brincadeiras sejam a Discoteca Pública, as pesquisas de Folclore e Etnografia, quartetos, trio e corais. Essas foram as pastas sempre caçadas pelos homens do PRP nas câmaras estaduais e municipais. Ora, para seu governo lhe conto simplesmente que Praga acaba de nos pedir a constituição e regulamento da nossa Discoteca Pública, para organizar a Discoteca Nacional da Tchecoslováquia; o arquivo de Fonogramas, do Museu de Ciência Folclórica de Berlim, acaba de nos propor a troca dos seus fonogramas ameríndio-brasileiros pelos nossos; e mais de uma dezena de quartetos novos já foram compostos por causa exclusivamente do nosso quarteto e seus concursos, bem como perto de cinquenta peças corais compostas exclusivamente por causa da existência dos nossos corais.

Você, com sua amizade boa, se ofereceu a pleitear o que pudesse pelo Departamento, quando parti daí. Imagino que uma palavra sua ou do Presidente por certo seriam, se não a salvação, pelo menos a garantia de um órgão que tenho a convicção de ser admirável, que é utilíssimo ao Brasil, e em três anos consegui uma larga divulgação e respeito internacional. Afirmando jurando a você que nada, absolutamente nada pleiteio pra mim. Se um dia pleitear pra mim será pra um lugar a seu lado. Mas lhe garanto que o Departamento merece o carinho de um Ministro como você.

Com a melhor dedicação

Mário de Andrade

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, p. 368.

23. Carta a Murilo Miranda, 16 maio 1938

São Paulo, 16 de maio de 1938.

Murilo

Pelo menos quando receber artigo de gente que tanto custa pra escrever, acuse recebimento, que diabo! Recebeu meu artigo sobre Portinari? Mande dizer imediatamente, pois que tais coisas estão sucedendo por aqui, que ajuntando mais essas coisinhas de amigos desleixados, sou capaz de ficar com mania de perseguição.

Nem lhe conto o que há nesta terra, segundo os outros brasileiros, “abençoada”! Um dia lhe contarei, quando surgir de novo aí no Rio - o que não será tão cedo, de certo. Largando a Diretoria do Dep., estou mais livre de meus gestos, mas agora sou simples funcionário e estou mais preso em minhas locomoções. Assino ponto, hélas!

Mande dizer se recebeu o artigo e abrace o mano

Mário

ANTELO, Raúl (Edição preparada por). Mário de Andrade. **Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, pp. 48-49.

24. Carta a Renato de Almeida, 18 maio 1938

São Paulo, 18 de maio de 1938.

Renato. Recebi sua carta e vou respondendo na fresta dos desânimos. A coisa vai ruim pra nós por aqui... Daí os desânimos, em vez de trabalhos.

I

A afirmativa de João Ribeiro a respeito do Siriri, não sei no que se estriba e me parece bem leviana. Não temos a música do Siriri ameríndio, se é que foi mesmo ameríndio originalmente. Ligar o Siriri ao Bitu, como texto a identidade que eu saiba é de apenas um verso. Como música ninguém sabe, falta por completo documentação. E o Bitu é por completo europeu, musicalmente. Aliás, não me lembro se Melo Moraes ou Vieira Fazenda refere a origem do Bitu, no século XIX, n o Rio, referência a um tipo popular da cidade.

II

O coco inicialmente e ainda essencialmente é uma dança cantada. Dança, pois, uma legítima ilação do samba rural baiano, isto é, mais generalizadamente brasileiro. Sucede porém que certos cantadores do litoral nordestino, rapsodos, se apropriaram da fórmula musical do coco, isto é, estrofe e refrão, sendo a estrofe na sua forma mais desenvolvida e específica uma embolada, e a cantam sem dança. A esta manifestação, chamam coco, na suave imprevidência popular pela terminologia exata. Na verdade este coco em canção se liberta um bocado do ritmo coreográfico, por andamento um bocado mais vagaroso.

Todas as vezes porém em que escutei cocos canções (como samba-canção) e foram só duas, os cantadores se serviam de mais dois ou três cantadores que faziam o refrão coral. A meu ver, de preferência, se deverá classificar o coco “dança”, pois assim é universalmente compreendido no Nordeste. O que é possível é que historicamente esteja se dando com o coco, o que se deu com o fado e com o “lundu”, que foram inicialmente só dança e depois aos poucos viraram canção solista.

III

Também me referi algures a essa vagueza da terminologia popular que povo fez gente chamar ainda de “moda” qualquer música pelo menos cantada, tal como se do fazia em Portugal três ou quatro séculos atrás. Vi até um caipira de barranca do Mogi chamar de “modinha” a uma legítima e indiscutível “moda” caipira, surpreendendo assim ao vivo o fenômeno linguístico que fez passar a voz portuguesa “moda” ao diminutivo “modinha” que enfim acabou de ser substantivo independente, designando uma das manifestações de canção brasileira. Referi-me a isto tudo no prefácio das Modinhas Imperiais. “Moda” apesar dessas vaguezas de terminologia é tecnicamente uma manifestação específica e independente da canção caipira, regionalizada em especial nesta zona centro -litorânea S. Paulo-Minas-Est. do Rio.

IV

O “toré” é uma manifestação coreográfica dos índios civilizados de Águas Belas, Pernambuco. De lá vai se espalhando, pelo menos como palavra, pelo Nordeste, pelo menos Pernambuco. Já existem canções pernambucanas em discos, com o título de “toré”. Não sei se exprimem qualquer verdade ameríndia. Não parece.

Agora, quando minha missão voltar do Nordeste terei “torés” registrados em disco in loco. Mas só quando voltarem.

V

Aliás, mais uma explicação: creio que na carta anterior me referi à não existência mais de “reisados” com este nome na boca do povo. Recebo agora uma relação de peças gravadas em disco em Pernambuco e Paraíba e vejo que falam em “reisados”. Não sei, porém, se meus pesquisadores a escutaram de boca popular (eu jamais escutei) ou estão usando a palavra clássica.

Quanto à sua consulta sobre o critério músicos fixados e músicos vivos, é justo mas difícil. O preferível, no caso, é fixar um critério objetivo: músicos anteriores a 1900, maiores de 40 anos e posteriores a essa data. Daqueles dar uma crítica, e destes apenas as obras e o que estão fazendo. Mas não vejo razão pra nenhum adjetivo, embora os adjetivos criem rivalidades e despeitos. Ossos do ofício, companheiro. E se você falar dos “vivos” sem adjetivos, é não tomar posição, é fugir da crítica histórica, é ter medo de errar. E é não orientar, não dar sua opinião. Fugir do papel de orientador, de professor que todo historiador, mesmo do presente, deve ter. O que pode mudar um bocado é a atitude de crítica pragmática, crítica orientada, qualquer que esta seja. Mas fugir da crítica me parece fugir de uma missão. Fugir do adjetivo me parece ter medo de si mesmo. Não aconselho.

E ciao com abraço. Continue dispondo desta sua casa. Mário.

Carta assinada: “Mário”; datada: “São Paulo, 18 de maio de 1938.”; 2 folhas de papel branco timbrado “Prefeitura do Município de S. Paulo, Departamento de Cultura, Divisão de Expansão Cultural.”; 30,0 x 20,2.

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. **Edição anotada da correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. Dissertação de mestrado. Orientador: Profa. Dra. Ivone Daré Rebello. São Paulo, 2003, pp. 292-294.

24. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 23 maio 1938

São Paulo, 23 de maio de 1938.

Rodrigo

Só uma palavrinha. Recebi sua carta. Dentro de uns quinze dias o mais tardar você começará recebendo nomes de gentes pras notificações de tombamento. Meu irmão está com preocupações de tal ordem que não pode dar andamento ao serviço, pelo que tomei tudo dele. Eu mesmo vou fazer isso.

Não digo que o faça com rapidez e foi por isso que pedi os 15 dias de primeira espera. Você creio que poderá bem compreender: muito mimados pelos chefes e encontrando facilidades e liberdades pra agir, com as mudanças políticas, ficamos, os do Departamento, tomados de desânimo. As desilusões têm sido penosas, companheiro, e os sofrimentos. As modificações por enquanto não têm sido grandes, pelo menos não destruíram por enquanto o organismo fundamental do Departamento. Mas cada coisinha que cortam me dói de passar noite acordada. Me sinto bastante alquebrado, quero reagir, minto a mim mesmo, e depois o desânimo volta. Não sei o que será, mas o que consigo fazer é só arrumar e desarrumar gavetas, rasgar papéis velhos, mudar um quadro de posição, coisas assim. E ler um bocado de romances policiais ou literatura pornográfica. Nem a mim mesmo me consigo ler, o que, dado o meu egoísmo, prova muito meu desejo de deserto e monotonia. Ontem, domingo, foi espantoso, não fiz nada de nada

por dezoito horas a fio! É engraçado: nos momentos de dores profundas, fico de uma calma enorme e gosto de me banhar e vestir bem. Levei mais de duas horas no banho, fiz uma barba de bundinha de criança, uma lisura irreprochável. Depois me perfumei com unção e botei um pijaminha de seda listrada, o mais lindo da minha vida. E sentei no estúdio. Olhava pras coisas boas, de repente levantava e mudava uma terracota do Brecheret dois centímetros mais pro lado direito. Trocava dois quadros, pregava outro na parede, e depois sentava quatro vezes dos quatro lados do estúdio, pra ver o efeito das mudanças. Quando dei acordo de mim eram vinte horas. Então me vesti de negro com uma gravata marrom de uma cor só, com pérola. E fui na *Traviata*, pela companhia nacional da Besanzoni. Mas falei que era só uma conversinha e estou na quarta página. Peço a você com urgência se possível ver meu esboço das *Poesias Escolhidas* e passar o livro pro Prudentinho opinar também. Quero pôr em andamento o tal, careço corrigir provas, corrigir bastantes provas, fazer a vida passar.

Ciao com abraço

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 131.

25. Carta a Cândido Portinari, 23 maio 1938

São Paulo, 23 de maio de 1938.

Portinari

Fiquei contente com a presença de sua carta. Tenho sofrido bastante e o carinho dos amigos verdadeiros é necessário em tempo assim. Ah, que vontade de largar tudo, ir-me embora desta terra que não me quer!... Mas pode ser e tenho que aguentar.

O que se passou e se passa não se conta por carta, é muito comprido. Quando nos encontrarmos um dia, você saberá.

A ideia de um álbum de quadros seus de cavalete é ótima. Mas não deixe de botar umas duas ou três tricromias, é tão importante pra se conhecer na verdade um pintor. Ontem, enfim, passei o dia rearranjando este meu estúdio, e coloquei a Colona Sentada e a composição nas paredes. Ficou tão lindo que passei o dia todinho no quarto, gostando de viver, olhando os quadros, os marfins, num silêncio amoroso, cheio de belezas companheiras.

Não sei se já contei pra você, creio que não. Íamos fazer uma coleçãozinha de livrinhos populares sobre pintores e escultores. Começava com um “Aleijadinho” vinha depois um “Miguel Anjo”, um “Cézanne”, etc. Eu iria fazer um sobre você. Agora, com a mudança, temos que desistir disso, desgraçadamente.

Fiquei contente de saber que você começou os painéis da sala de jantar, estou louco pra ver isso. Mande sempre contar a marcha dos trabalhos. Ah! ia me esquecendo, no corte dos meus dois afrescos, a Mão e o Índio, se for possível mande separar um do outro. Já estou sonhando onde os colocarei...

Estive outro dia vendo os quadros que irão pro Salão de Maio. Incontestavelmente falta você e isso é uma falha danada. O estriquinina brigando com toda a gente, coitado! Creio que essa impertinência dele, deriva da tísica. É raro tuberculoso sem maldades de alguma espécie. Chego a ter dó dele. É mesmo um sujeito pretensioso e bem ruinzinho.

O novo prefeito vai ocupar o grande Salão de Artes Plásticas, que estava se construindo debaixo do novo Viaduto, com repartição pública. Ficaremos pois temporariamente, por uns três anos me disse ele, sem salão. Isso me faz sofrer como o diabo. Queria tanto dar aos artistas um bom lugar grátis pra exposição, e não poderá ser por enquanto.

Vou começar um romancinho só pra disfarçar mais desta vida que anda inquieta. E é só.

Um grande abraço grato a você, companheiro bom Lembranças pra Maria, Olga, Murilo, Roberto, Bianco, Mme. Polank e filha, Manu, pra todos os bons.

Mário

FABRIS, Anna Teresa (organização, introdução e notas). **Portinari, Amico Mio: Cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari**. Campinas: Mercado de Letras/ Projeto Portinari/ Autores Associados, 1995, p. 61.

26. Carta a Augusto Meyer, 26 maio 1938

São Paulo, 26 de maio de 1938.

Meyer

Estou dando as providências sobre o seu pedido ao Rubens.

Eu bem ficara mudamente surpreendido com a notícia que você me dera aí. de que os fichários do Alarico Silveira pareciam ter pouco valor. Conhecia a inteligência e a tenacidade do homem. Vejo que agora a coisa se esclareceu mais e os fichários têm valor mesmo de fato. Muito que bem.

Minha situação aqui, burocraticamente, é a seguinte: substituído no posto de diretor do D.C. que é cargo de confiança e fiquei no posto de chefe da Divisão de Expansão Cultural, uma das cinco divisões do Dep. de Cultura, cargos efetivos. O novo diretor é o jornalista e poeta Francisco Patti. Meu posto agora é igual ao do Rubens e do Sérgio Milliet.

Moralmente a minha situação é de engasgada depressão e de orgulho muito ferido. Não alimentava absolutamente a ilusão de ser sustentado no posto e juro que não desejava isso sequer. Tenho várias testemunhas e uma carta escrita ao Paulo Duarte e anterior a todas as mudanças que houve aqui, provando que minha intenção muito firme, por inquietações morais e anseio de liberdade, era não voltar mais a reassumir o posto de diretor. Mas o que me abateu muito foi o nenhum respeito pela minha integridade e honestidade. Fui o único diretor da prefeitura mudado no mesmo dia. Esses filhos-da-puta estavam com sanha. O Dep. decerto era um covil de safados onde se fazia todas as roubalheiras e canalhices. Precisavam impedir qualquer arranjinho de papéis e mais disfarces possíveis. Mudaram no mesmo dia o diretor. No fim de uma semana já o ambiente ia se modificando, pelo menos contra pessoas. Não acharam nenhum desvio de dinheiros, não acharam nenhuma canalhice, o funcionalismo nem era o estritamente necessário mas deficiente. Sim, mas nada disso me tira o engasgo em que vou me morrendo na mais desvirilizada das pasmaceiras. Estou num deserto, compadre, imensamente estagnado por dentro. Bem que quis começar escrevendo um romance, não pude.

Tecnicamente, já estou também antevendo que a minha vai ser a mais péssima das situações, entre os chefes de divisão. A minha é a que lida com música, teatro,

cinema, discoteca, missões, folclore, artes plásticas. E é destas coisas que o prefeito e o Patti não entendem nada nem elas lhes interessam nada. Estou com todas as verbas da divisão suspensas, já me cortaram o salão de exposições que deveria inaugurar este ano, só sustentaram os concertos (deste ano...) porque os contratos já estavam feitos.

Nada alegre a minha situação, como você está vendo. Mas espero que com mais um mês de identificação com o precário, eu vire cínico, vire funcionário de assinar ponto e volte aos meus livros e escrevinhadores. Por enquanto não sinto vontade de nada, mas isto passa.

Lembrança muito querida pra Sara e abrace o sempre

Mário

FERNANDES, Lúcia (organização e notas). **Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 255.

27. Carta a Francisco Curt Lange, 31 maio 1938

São Paulo, 31 de maio de 1938.

Caro prof. Curt Lange

Acabo de receber sua carta e para seu governo comunico-lhe que as coisas aqui se transformaram completamente com a mudança política. Nada mais lhe posso prometer nem garantir, pois subiu gente do partido oposto e estamos sendo ferozmente combatidos. Não vale a pena levantar o problema da publicação agora. É melhor deixar passar uns meses para ver se a situação muda ou pelo menos acabam percebendo que meu destino não é político mas cultural. Então voltarei a conversar sobre o assunto. Por enquanto não passo de um funcionário subalterno. Muito cordialmente, e tristonho

Mário de Andrade.

Carta assinada: “Mario de Andrade”; autógrafo a tinta preta; papel branco, timbrado: “Prefeitura do Município de S. Paulo // DEPARTAMENTO DE CULTURA // DIRETORIA”; 1 folha; 30,4 x 20,6 cm. Risco duplo na palavra DIRETORIA, a tinta preta.

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência**. Dissertação de mestrado. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2016, p. 130.

28. Carta a Renato de Almeida, 23 maio 1938

São Paulo, 06 de junho de 1938.

Meu caro Renato. Desta vez vou soçobrar completamente, amigação. Você me pergunta coisas do sul e em música ignora-se o Sul nesta casa, simplesmente porque o sul não quer se dar a conhecer. Nem o danado do padre Teschauer se dignou descrever o “fandango”, do sul! Seu Simões Lopes Neto avança nas *Lendas do Sul* p. 301 edição de 1926: “E muitas vezes – até o tempo dos Farrapos – quando se dançava o 'fandango' nas estâncias ricas ou a “chimarrita” nos ranchos do pobrerio, o Generoso intrometia-se e sapateava também, sem ser visto; mas sentiam-lhe as pisadas bem compassadas no rufo das violas”. E são assim todas as indicações que tenho, vagas, sem descrição. Por esse

texto (o mais explicado que tenho!) apenas se vê que o Generoso sapateava e havia violas, como o Lopes citou duas danças querera dizer que havia sapateado e violas nas duas, ou em qual delas o sapatear, em qual delas as violas? Só parece mesmo bem indicado aí que a “chimarrita” é mais das classes inferiores e o “fandango” pelo menos se reservara à pequena burguesia. Ora nos “fandangos” de Cananéia (S. Paulo sul, como digo no *Compêndio*) há duas maneiras de “fandango”, os “bailados” mais distintos e os “batidos” em que há batepé (sapatear). Em Cananéia e outras partes de S. Paulo e do Brasil, “fandango” é sinônimo de baile em geral, em que se dançam várias coreografias distintas e “chimarrita”, rocambolé, polcas, valsas, etc. Das primeiras duas ignoro a coreografia que ninguém dá e ainda não estudei por mim. Mas que no próprio Sul “fandango” tinha sentido vago, qualquer dançado, talvez prove aquele passo de uma carta do padre Covarrubias (in Teschauer, *Poranduba Riograndense* ed. 1929, p. 300) dizendo dos Congados de lá que “encerram o luto com festas, bebidas espirituosas que extraem do milho, e com ‘fandangos’ em redor dos túmulos.” Em Portugal também a palavra designa muito vagamente dança. É o que sei. Sobre China ou “chimarrita” ainda sei menos. Sei que existe também em Portugal, pelo menos pelos testemunhos de Alberto Bessa, *Gíria Portuguesa* ed. 1901, p. 79 que diz ser “dança ordinária, especialmente dos Açores”, e por Teófilo Braga, *Romanceiro Geral Português* ed. 1906, II vol. P. 279, que não sei o que diz por não ter o livro à mão. Mas não creio seja dança oriunda de Portugal. Me parece nossa e de cá ida pra lá, mas isto é mera suposição.

Sobre “arrazoar” inda sei menos!!! Só que você cita Guilherme de Melo e Gallet, esquecendo outra fonte tão pobre como essas, o Sílvio Romero, *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, ed. 1888, que diz “em Sergipe chamam arrazoar ao cantar versos e improvisos”, coisa que repete *ipsis verbis* nos *Contos populares!* E, é só, meu Deus!

Quanto à “tirana”, que também existe em Portugal e foi obsessão de Castro Alves, a *Enciclopédia de la musique*, II parte, p. 2905, dá como sendo originariamente uma dança espanhola. Cornélio Pires, *Sambas e Cateretês* ed.1933, diz à p. 70 que é uma dança de menor importância, com outras, dançada entre cateretês. Diz não ser mais usada, à p.83. Seu Simões Lopes, op. cit. p.43 dá como dança gaúcha também, dançada ao som da viola. Que existe na Espanha, tenho farta documentação, mas que não adianta pra nós, pois nem coreografia nem formas específicas espanholas conseguiram viver aqui. Só ficou terminologia e uma influência que parece ser muito profunda apesar de vaga, indefinível por provas técnicas. E é só, só, só.

Desculpe estas pobreza paupérrimas. É principalmente porque até agora nunca me dei ao trabalho de estudar certas formas de que só iria tratar tecnicamente no meu Dicionário, que só me poderia preocupar depois de escrito *Na pancada do ganzá*. Limitei-me até agora, ao lêu das leituras, a fichar as palavras quando as encontrava. Breve mandarei a nota sobre o Guarnieri. As coisas aqui vão indo mais ou menos penosas, mas vão indo. Ciao com abraço. Mário.

A discoteca só não respondeu até agora por culpa minha. Estava com os cantos baianos em casa pra estudá-los e ela à espera. Agora é só questão de três ou quatro dias.

Carta assinada: “Mário”; datada: “S.Paulo, 6-6-38”; datiloscrito original, fita preta; autógrafa a tinta preta; papel branco; 31,4 x 21,7 cm; dobraduras centrais.

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. **Edição anotada da correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. Dissertação de mestrado. Orientador: Profa. Dra. Ivone Daré Rebello. São Paulo, 2003, pp. 298-300.

29. Carta a Cândido Portinari, 8 jun. 1938

São Paulo, 8 de junho de 1938

Portinari

Recebi sua carta e fiquei contente de você ficar contente com o artigo. Eu fiquei danado com os erros de impressão que quase me desfiguraram até as ideias. Também o Meyer gostou do artigo, me escreveu.

Fico ciente quanto às gravuras, muito obrigado. Apenas não se esqueça que quero só originais e não dessas reproduções maravilhosamente perfeitas que fazem agora e os artistas assinam. Quero originais.

O caso do Osvaldo achei graça. Mas já falei pra você com toda a franqueza que não aprovo muito esse seu processo de se antipatizar sem razão com tantas pessoas. É verdade que as razões que você me deu quando falamos nisso, sem me convencerem, me deixaram no entanto sem resposta. O caso é muito delicado pra mim, essa é que é a verdade. Mas a mim me penaliza ver pessoas não gostando de você e atacando a sua arte.

Gosto demais de você e da sua pintura pra ter qualquer egoísmo: meu desejo era ver você louvado e compreendido por todos. Graças a Deus que sou assim!

E que saudade desse ambiente, você, Maria, Olga, o Roberto, o Bianco, o Mozart-Murilo e esses almoços que nunca a gente sabe se serão de cinco, dez, ou vinte pessoas. Em julho hei de tirar férias e desta vez irei descansar na fazenda. Faz três anos e meio que não sei o que é fazenda. Mas quero ver se dou um pulo no Rio, nem que seja por um dia. Pra conversar e reviver.

Um grande abraço pra todos juntos e outro seu

Mário

FABRIS, Anna Teresa (organização, introdução e notas). **Portinari, Amigo Mio: Cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari**. Campinas: Mercado de Letras/ Projeto Portinari/ Autores Associados, 1995, p. 112.

30. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 9 jun. 1938

São Paulo, 9 de junho de 1938.

Rodrigo

Eu quero que essa carta que vai junto chegue mesmo e com urgência, por isso abuso da sua complacência, desculpe. É pedindo emprego! Positivamente a notícia certa ontem que iam acabar com a Discoteca me desesperou. Justamente no momento em que ela já não é mais um serviço municipal mas está atraindo a atenção de outros países. Se lhe bastam dois exemplos mando os principais: me chegaram agora de Berlim, do Phonogrammarchiv os 112 fonogramas existentes, creio que únicos no mundo, de música dos índios brasileiros. Só com proposta de troca com os meus! E de Praga, me mandam pedir a constituição da Discoteca e regulamentos porque o governo tcheco quer fazer uma igual lá. E aqui, um governo de vingança, acompanhado de um prefeito vesgo e um diretor burro e ignorante, acabam com tudo! Não fico aqui não. O Meyer me falou na possibilidade de me arranjar um posto no Instituto do Livro.

Faço o ato de desespero: se o lugar ainda estiver vago, fujo praí, viro carioca da gema, e vou comer vitamina XPTO na Copacabana. Ciao.

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, pp. 131-132.

31. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 14 jun. 1938

São Paulo, 14 de junho de 1938.

Rodrigo

Acabo de receber sua carta. Apenas noto um engano em vocês todos, amigos bons demais. É o esforço em me dar um posto elevado e com melhores vencimentos. Pois juro a vocês que isso não é da minha preferência agora. Prefiro mil vezes um posto que me conserve na obscuridade, subalterno de outros que mandem em mim e a quem eu obedeça sem responsabilidade. Quero escuridão, não quero me vingar de ninguém, quero escuridão. Qualquer coisa serve, quero partir, agora que já ficou provado que não roubei nada nem pratiquei desfalques. Só isso me interessava saber e está provado pela devassa que fizeram. Agora prefiro é descansar e não ver, nem ser visível. Quanto ao Capanema, ele sabe que terá toda a minha colaboração quando e como a preferir à dos outros. Quanto a deixar S. Paulo, você tem razão.

Deixarei S. Paulo sem o menor amargor regionalista. Não que desdenhe dele, não desdenho de nada, mas toda a minha vida, minha obra, minha atuação me permitem dizer que jamais trabalhei por S. Paulo, pelo simples fato de trabalhar em S. Paulo. Seria ridículo afirmar que não gosto de ser Paulista, mas seria uma verdadeira pusilanimidade afirmar que S. Paulo me satisfaz. Irei pro Rio sem a menor saudade do terroir. Só algumas saudades de família ou de amigos terei que cultivar, mas saberei transformá-las. Quero ir-me embora, quero ir embora, quero ir embora. O resto, depois verei. Um abraço grato do

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 132.

32. Carta a Carlos Drummond de Andrade, 15 jun. 1938

São Paulo, 15 de junho de 1938

Meu caro Carlos

Acabo de saber por cartas do Rodrigo e do Meyer que o Capanema está se caceteando aí por minha causa, e foi ou vai ao Presidente pretendendo me dar a diretoria ou coisa que o valha, do Departamento dos Teatros. Confesso lealmente a você que prefiro coisa mais modesta e obscura. O tal lugar de chefe da seção do Dicionário e Enciclopédia, do Instituto do Livro, me agrada bem mais, porque não estarei em muito

grande evidência e poderei um bocado mais refazer o meu jardim. De qualquer forma sempre estarei gratíssimo a vocês todos que estão se preocupando comigo, mas é a mais leal das verdades que prefiro o lugar modesto no Instituto do Livro. Sou solteiro, não preciso ordenado forte, e fico, aí, mais próximo de mim mesmo.

Muito obrigado

Mário

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 197.

33. Telegrama a Carlos Drummond de Andrade, 17 jun. 1938

São Paulo, 17 de junho de 1938.

Acabo receber carta Meyer explicando decisão Ministro. Aceitarei qualquer forma. Abraços.

Mário

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 198.

34. Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, 20 jun. 1938

São Paulo, 20 de junho de 1938

Rodrigo

Não sei, se for necessário por causa dos empregos, talvez vá ao Rio esta semana, mas não sei. “O que me traz hoje à sua presença” é lhe pedir o seguinte: me mande, com a maior urgência tirar uma cópia só dos nomes dos monumentos que recenseei no meu Primeiro Relatório pro SPHAN. Basta os nomes.
Ciao com abraço

Mário

FROTA, Lélia Coelho (introdução, editoração e notas); MELO, José Laurenio (editoração). **Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade, 1936-1945**. Brasília: MEC/Sphan/Pró-Memória, 1981, p. 132.

35. Carta a Ênio de Freitas e Castro, 20 jun. 1938

São Paulo, 20 de junho de 1938.

Meu caro prof. Ênio de Freitas e Castro.

Respondo-lhe só hoje a uma sua carta datada de março passado. Desculpe o atraso devido primeiro a uma estadia longa no Rio e depois às grandes mudanças políticas aqui no meu Estado.

Seria realmente muito interessante um intercâmbio entre S. Paulo e a Associação Rio-grandense de Música. Infelizmente não sou mais diretor do Dep. de Cultura e nada mais lhe posso garantir. Principalmente o Coral Paulistano, seria de grande interesse que se apresentasse no Sul para propaganda do canto coral polifônico. No Rio ele obteve grande sucesso e o merece realmente. Quando recebi sua carta imaginei logo conseguir facilidades financeiras com o prefeito, e as obteria certamente. Mas mudou o prefeito e não sou mais o diretor do Dep. Caso a Associação queira propor qualquer coisa, deverá se dirigir ao novo diretor, o Dr. Francisco Pati. Talvez o novo prefeito se decida a fazer o que Fábio Prado faria certamente.

Os Anais do Congresso ficaram prontos finalmente. A distribuição é que está se fazendo muito lenta, falta de verba apropriada e peso do volume (perto de 2 quilos). Mas os volumes do Rio Grande do Sul já estão designados e que o seu lhe chegue às mãos muito breve.

Muito cordialmente,

Mário de Andrade

FERNANDES, Lígia (organização e notas). **Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 29.

36. Carta a Alberto Lamego, 20 jun. 1938

São Paulo, 20 de junho de 1938.

Meu bom amigo, dr. Alberto Lamego

Tenho uma carta sua tão antiga a responder. Não será propriamente resposta mais, mas apenas este desejo de pulsar conjuntamente, que é mesmo o melhor motivo das cartas... E ando mesmo necessitado da assistência dos amigos certos, pois tenho a felicidade muito humana de não saber aguentar sozinho o choque das tristezas. Por aqui, grandes mudanças. Não sei se teve notícia disso no seu retiro que é de bom sossego: mudou o interventor, um ar novo (ou revelho) de perrepismo bateu nestas montanhas, novo prefeito e fui rapidamente expulso da diretoria do Dep. de Cultura, com vários insultos anexos. O Sr. não imagina como trago o coração quebrado de desilusões e desertado de todas as suas magníficas ingenuidades. E como não sei odiar — o ódio me fatiga terrivelmente — uma fadiga de espécie nova, muito devoradora, me deixa totalmente atordoado; O mundo caiu sobre mim, é a sensação do meu egoísmo agora. Faz mês e meio que não faço nada, nem ler, banzando sobre a vida e ao léu de grandes sustos e amarguras. Nem sei mesmo se aguento a situação que agora é de gradativo e cuidadoso deperecimento desta instituição que tão apaixonadamente ajudei a criar e dirigi primeiro.

Lhe confesso que o seu convite pra ir descansar uns dias no seu retiro, nunca me foi tão doloroso como agora. Das outras vezes doía apenas pelo desejo enorme que eu tinha para abraçá-lo, conversar junto de sua experiência tão amiga, e rever a beleza dessas paisagens. Mas agora, o convite me soou como uma possibilidade de fuga, quase como uma promessa de salvação. Não fossem minhas escravizações financeiras ao trabalho, e iria sim porque a terra goitacá por certo me daria descanso mais propício que esta república em que vivo. Não posso. Minhas obrigações me prendem, não a S. Paulo, mas ao trabalho. É mesmo possível que vá morar no Rio, pois de lá me acenam com dois empregos possíveis no Ministério da Educação. Mas não sei ao certo o que será de

mim. Mas acredite: se tiver um momento de descanso verdadeiro a ganhar, irei lhe pedir uma hospedagem de alguns dias e o benefício da sua presença que tanto aprendi a apreciar.

Muito afetuosamente,

Mário de Andrade

FERNANDES, Lígia (organização e notas). **Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 102.

37. Carta a Gustavo Capanema, 22 jun. 1938

Rio, 22 de junho de 1938.

Meu caro Gustavo Capanema

Depois da nossa conversa, me pus refletindo muito sobre o meu caso. E sou obrigado a lhe confessar mais uma vez que o posto de diretor do serviço teatral eu não posso mesmo de forma alguma aceitar. É um lugar de projeção muito brilhante e muito violenta, vou lutar certamente muito e vou certamente fracassar. A sua oferta me encontra derreado, despido de muitas das minhas ilusões e sem o menor desejo de me vingar de ninguém. Preciso de trabalho e estou sempre disposto a trabalhar. Mas não quero lutas fortes, não quero gritaria em torno de mim.

Você não me conhece intimamente, pelo menos o nosso contacto não durou ainda o tempo suficiente pra você ter certeza pelas frestas dos atos da verdadeira perfeição da minha sinceridade. Mas o Carlos me conhece muito e poderá lhe afiançar que esta recusa só poderá derivar de uma impossibilidade real. Desejo trabalhar a seu lado, mas o que você me propõe é superior às minhas forças atuais.

O que me deixa desesperado é a delicadeza da minha situação. Não queria dar nenhum desgosto a você, aceitando o lugar que me oferecem e que sei não ser da sua simpatia. Mas por outro lado, seria simplesmente pretensioso da minha parte, como que me pôr em leilão, pedindo a você descobrir de momento outro lugar pra mim no Ministério, quando você mesmo me contou a impossibilidade disso por enquanto. E ainda por outro lado, não posso mesmo ficar mais em São Paulo, porque acabarei estourando com tudo. Veja você como minha situação é delicada. Resolvi, pois, como ponto final deste desespero de que o Rodrigo foi testemunha, pedir a você que me conceda aceitar o lugar que me oferecem na Universidade. Por meu lado eu me comprometeria a quando chegar o tempo de você pôr em execução os seus projetos tão admiráveis, abandonar tudo, sem mesmo a menor preocupação de ganhar mais ou ganhar menos, e ir trabalhar a seu lado, se você então ainda precisar de mim.

Ainda não aceitei o lugar na Universidade e sem uma palavra sua, ou de Carlos por você, ficarei no meu lugar paulista.

Espero pois qualquer palavra sua, de consentimento ou não, ficando sempre certo que de forma alguma nossa amizade periclitará, nem muito menos minha devoção pela sua atuação de Ministro.

Muito sinceramente,

Mário de Andrade

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 369-370.

38. Telegrama a Alceu Amoroso Lima, 26 jun. 1938

São Paulo, 26 de junho de 1938.

Sigo terça não poderei tomar posse sem comissionamento causa acumulação prefeito paulista consultado aceitará pedido prefeito carioca meu comissionamento tempo indeterminado obrigado.

Mário Andrade

FERNANDES, Lúgia (organização e notas). **Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 110.

39. Carta a Maria Aparecida Duarte, 27 jun. 1938

São Paulo, 27 de junho de 1938.

D. Nini

Estou dando um balanço nas minhas “coisas” porque parto hoje pro Rio, em gozo de férias. Férias?... E achei estes dois exemplares da Festa das Letras. Desculpe a microscópica oferta às bibliotecas dos Parques, mas é o que tenho. O resto que eu tenho é um desapoderado entusiasmo pelos Parques e pelas crianças, pelo trabalho da Senhora. Mas isso eu quero levar comigo, porque é das poucas coisas que ainda me prendem a São Paulo. Não é ingratidão minha por São Paulo, acredite, é apenas, nem sei o que é!... é um grande vazio, uma consciência atordoada, uma apenas como que vontade de ser criança pra chorar. Como não posso chorar, nem devo, me veio este enorme vazio indiferente.

Com a maior gratidão

Mário de Andrade

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 161.

40. Carta a Carlos Drummond de Andrade, sem data

Carlos

Uma reviravolta danada na minha vida, início de aulas com que não contava tão já, falta de cinismo suficiente pra pedir justificção de faltas antes mesmo de principiar, me proibem ir ao Rio agora. Como não sei se pra seu governo você precisa das requisições pedidas, elas vão aqui. Um abraço certo do

Mário

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lição do amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 198.

41. Carta a Oneyda Alvarenga, 23 jul. 1938

Rio, sábado,

Oneida

Nem sei que dia do mês é hoje! Estou levantando da cama depois de dois dias de gripe forte. Nem sei se já acabou, mas me sinto bem mais disposto e aproveito a estada [sic] para lhe escrever. Recebi ontem suas conferências, versos e carta tão pequena, em que você chega a dizer que sucederam coisas curiosas e não diz quais, é o cúmulo!

Antes de mais nada: meu endereço agora é rua Sto. Amaro, 5 - apart. 46, edifício Minas Gerais. Me faça o favor de comunicar isso a todos os conhecidos, por mim, D. Nini, Sergio, Paulo Duarte, D. Lenira, pedindo desculpa por não me comunicar eu mesmo pessoalmente. Doença e falta de tempo.

Seus versos são muito bons, pode publicá-los sem receio. O título não gosto. Ponha “Manhã de Revolução”, fica melhor.” As conferências ainda não li, de ontem pra hoje, com muita dor de cabeça, era impossível. Assim que ler, mando.

Meu Deus, como me sinto no ar! Uma tristeza funda lá no fundo, uma tristeza que não se esclarece, não diz bem o que é e porque é. Não é solidão, tenho amigos sempre comigo. Não é falta de trabalho, tenho muito que fazer. Não é doença, sei gozar doença. Não é ambiente, nunca senti saudade do meu ambiente. É antes, um como que pressentimento de um grande erro, de qualquer coisa que não está certo mais, e que se não está certo é por minha culpa. Enfim há qualquer coisa de desagradável em mim, talvez seja medo. Sim, isso é incontestável: estou com muito medo. Um medo, você compreende, que não se define, não é medo dos homens, nem do ambiente, nem de mim mesmo. E só medo. E isso me deixa, por enquanto, bastante infeliz.

Me lembre aos bons amigos daí e um abraço pra você com Sílvio.

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p.138-139.

42. Carta a Oneyda Alvarenga, 25 jul. 1938

Rio, 25 de julho de 1938

Oneida

Estão muito boas as conferências, pode dizê-las sem susto. Mandem me contar o que sucedeu com a chegada da Missão ao Norte.

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 139.

43. Carta a Paulo Magalhães, 4 ago. 1938

Rio, 4 de agosto de 1938.

Paulo,

Recebi sua nota curta, quando gosto é de receber carta. Também vou escrever só uma notinha, é domingo pé de cachimbo, está um dia lindíssimo, são onze horas da manhã, estou me levantando, já estão fazendo chá pra mim e duas maçãs raladas, depois deito de novo. Ontem foi dia de anos do Mignone e houve chopada com bastante alegria. Vou dormir. Pois é, venho lhe dizer e mais à digna esposa que quando vierem no Rio tem casa, comida, roupa lavada e engomada, e um grande coração cheio de amor para vos receber com 5a % talento e formosura. Não vê que esta máquina de escrever está pessimamente colocada, e estou com os dedos cheios de sonho. Foi por isso que duas linhas acima saiu aquele delicioso “5a%”, que não cortei porque ficou muito misterioso e expressivo.

E meu assunto quase acabou. A mais só tenho a dizer que provavelmente só irei a São Paulo em outubro. Se puder dou um pulo antes, porque estou carecendo muito de ir buscar mais livros. Telegrafarei, e farei o possível pra passar aí um sábado e um domingo, pra ver se fazemos o batismo da cara afilhada. Está demorando muito e não gosto disso. Quero que a engraçada herdeira do meu amigo entre logo pro seio manso dos cristãos.

No mais, só estudo e escrever artigos. Pego tudo o que me oferecem. Estou devendo uma fortuna e não gosto de dever. E é mesmo só por hoje. Deus te abençoe, sou muito seu amigo, e todas as graças do céu que caiam sobre a minha querida comadre e seus rebentos. Lembrança pra dona Irene também. E este teu grande abraço do

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, pp. 161-162.

44. Carta a Paulo Duarte, 19 ago. 1938

Rua de Santo Amaro, 5 apt. 46 Edifício Minas Gerais.
Distrito Federal, 19 de agosto de 1938.

Paulo

Entre uma aula e outra, será que não vêm me atrapalhar? lhe escrevo. A vida que estou levando é assim. Estudo, aulas, direção do Instituto de Artes. Uma pureza exterior incomparável. No princípio ainda foi bom: fazia três anos que eu não estudava por estudar, não especulava por filosofar, não lia um livro inteiro, só consultava. Me atirei com uma volúpia indizível ao estudo e à literatura. Mas a imaginação – essa doida – me fez ter a má ideia de fundir os dois cursos que faço, o de História da Arte e o de Filosofia de Arte, num só curso. O de uma, que chamaríamos, Filosofia da Arte, através da sua História, ou melhor por síntese, uma História filosófica da arte. O resultado é que estou fazendo um curso, quase uma matéria, uma disciplina nova. E isso me obriga a tal

dose de estudos, comparações, pesquisas, premidos pelo tempo das aulas (4 por semana) que estou me fatigando bem, não sei se aguento.

Mas não é isso que me faz estar internamente feliz. Me percorre o dia e a noite uma vasta, profunda tristeza, uma inquietação, mais do que isso: um medo, que é a coisa mais desagradável deste mundo. Às vezes me vêm também uma espécie de remorso de ter deixado o Departamento. Remorso derivado mais de um vício que de uma realidade exata. Pois o certo é que estava decidido a largar do Departamento e voltar pro meu cantinho. O primeiro passo essa decisão você conhecia: o abandono da diretoria. Minha intenção era recomeçar jornalismo, alunos particulares, e assim que tivesse com que me sustentar, reassumir minha cátedra no Conservatório e sair da vida pública. Puro egoísmo sim, mas raciocinado, bem pesado, meu. Com estas lembranças o remorso acaba logo; mas não acaba a tristeza... física do remorso, e o reflexo social dos que me censuram por largar São Paulo. É certo que não estou nada feliz, embora não me sinta desgraçado.

É assim que vivo, companheiro. Saudades tenho muito poucas, não sou homem de saudades. Também não sou homem de arrependimentos, que considero fraqueza. O dia que me convencer que fiz mal em vir pro Rio (se me convencer), volto pra São Paulo. Mas cada vez me convenço mais que fiz bem.

Não vejo os amigos. O próprio Nino, que é o tipo do sujeito que a gente quer bem e o tipo do óleo canforado pra reanimar, não vejo desde muito. Quero ver se na semana próxima procuro ele.

Hoje vou fazer uma safadeza: participar ao Chateaubriand minha fixação de residência aqui. Quem sabe ele me convida pra fazer a crítica de arte no Jornal, que está sem crítico... Você já falou com o Julinho, a respeito de eu escrever uns dois artigos por mês pro Estado? Desejava saber isso porque aqui não se é pontual como na Prefeitura de São Paulo e ontem me disseram que só vou receber lá por 16 ou 17 do mês que vem! Isso pra quem está devendo os olhos da cara, é uma m..

E vocês? Desculpe eu falar tanto de mim e não contar coisas. Mas que época de vacas magras para todos nós, hein! Queria saber alguma coisa sobre você, mande contar entre duas pesquisas bibliográficas.

Lembrança pra Juanita e este seu abraço do

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, pp. 162-165.

45. Carta a Oneyda Alvarenga, 28 ago. 1938

Rio, 28 de agosto de 1938.

Oneyda,

Desculpe demorar, mas andei uns dias tão afobado com os meus estudos e aulas!... Felizmente já estou com vários fã's, e a coisa vai compensadoramente.

Esta sua conferência está muito boa, apenas fiz algum reparinho como você verá. Muito obrigado pela conspícua efigie, está muito ótima como talento e formosura. [sic] Fiquei inquieto com a notícia da possibilidade de mudança de chefe geral na prefeitura. Acho isso péssimo.

Vai junto a carta do... não, não vai, é cópia, do Schneider. Já deu os passos pra pagamento? Se não conseguir consentimento oficial, me avise, faremos uma coleta entre

amigos, pagaremos Berlim, e doaremos o material ao Departamento de Cultura. Escreva a ele por mim, faz favor, conte que parti de S. Paulo, que fui pro cafundó, tenho tanta vergonha do homem! E veja se manda logo os cobres pra ele. E não esqueça de mandar pedir a máquina pra reprodução dos fonogramas que ele ofereceu grátis, a carta sobre isto deve estar no arquivo da Divisão. Ou foi prometido verbalmente ao Mignone. Se foi desta última maneira, pergunte primeiro a ele se é possível mandar grátis, ou se ele quer pagamento e quanto.

O plano das palestras está muito bom, está claro, nem você precisava me consultar sobre. Vá me mandando sempre os programas impressos. O Zé Bento me contou o sucesso da palestra espanhola, bravo, ficaram contentes?

Mando também junto uma carta do Nicanor dirigida ao Monteiro Lobato, que por engano veio no meu endereço. Entregue ela ao Zé Bento, para que ele a reentregue ao Nica. Caso tenha havido troca de endereço, como é provável, o Zé Bento que escreva todas as informações solicitadas e as entregue ao Nicanor.

E agora, Oneida, seria natural que lhe contasse alguma coisa de mim, e desta vidinha do Rio. Mas ainda não posso. Não posso conversar, nem passear, nem ir no cinema. Se tiro um descanso de uma hora, logo me bate uma inquietação danada, lembrando a aula seguinte por preparar, lembrando os estudos de sistematização que tenho a fazer. Só aceito sem relutância é encomenda de artigos, sempre pagos, está claro, pra ver se me desencilacro logo, estou devendo muito e isso me inquieta bem. Além de não saber dever, inda falta muita coisa aqui neste apartamento, pra eu ficar contente. Falta tapetes, falta mais pratos e talheres, mais livros, uma geladeira... E não sei viver sem ser rodeado de um ambiente feito por mim. Ora inda estou num ambiente feito mais ou menos ao deus-dará. Isto principalmente é que me desagrada, tanto mais que passo quase todo o dia em casa.

E afinal das contas estou conversando. Mas vou parar. Me escreva sempre, e tudo o que quiser pergunte, não esqueça. Me lembre aos bons amigos do departamento, especialmente da Divisão. E ao Sílvio em especial.

Com o abraço muito amigo do

Mário
não releio

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade-Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, pp. 146-147.

46. Carta a Cândido Portinari, 30 ago. 1938

Distrito Federal, 30 de Agosto de 1938.

Assunto: Solicitação de Projeto Orçamentário
Ao Snr. Prof. Cândido Portinari,
Remete o Diretor do Instituto de Artes.

Sr. Prof. Cândido Portinari,
Chefe da 16ª Seção Didática.

Para que esta Diretoria possa, com a devida antecedência, estudar o projeto do orçamento do Instituto de Artes para o próximo ano, solicito vossas providências no

sentido de lhe ser enviado um projeto sobre as necessidades orçamentárias dos cursos da seção que dirigis.

Cordiais saudações.

Mário de Andrade,
Diretor

FABRIS, Anna Teresa (organização, introdução e notas). **Portinari, Amico Mio: Cartas de Mário de Andrade a Cândido Portinari**. Campinas: Mercado de Letras/ Projeto Portinari/ Autores Associados, 1995, p. 59.

47. Carta a Oneyda Alvarenga, sem data

Rio, domingo

Oneyda

Estou sem tinta mas não quero deixar sua carta sem resposta hoje mesmo. Olhe, Oneyda, acho que o melhor é reagir pelo trabalho. Evite crises não adiantam nada, se analisando a si mesma e verificando as que suas reações diante do mundo e dos homens. “A própria dor é uma felicidade”, desculpe eu me citar a mim mesmo. E estude, está certo, complete o seu curso de conferências, pra depois, com alguns retoques pra evitar excesso de repetições, necessárias em conferências e desnecessárias em livro, publicar tudo em volume.

E o melhor, amiga querida, é o melhor. Eu... eu descobri a volúpia de estudar. Passo dia e noite de livro em punho e já estou quase completamente feliz. Não pense que esta felicidade me vem dos outros, não. Pelo contrário tenho já lutas, várias contrariedades, muitas desilusões e inquietações profundas. Mas... me analiso, dou de banda e me entrego voluptuosamente ao trabalho.

Com isso tenho visto muito pouca gente. Quero ver se nesta semana vou procurar o Capanema. Falarei sobre a Discoteca e vou dizer pra ele que, se não quiser, oferecerei ao prefeito do Distrito Federal, de quem ele tem ciúmes. Vamos ver se adianta. Mas não pense que aqui, Ministério ou Prefeitura, você terá as facilidades que tivemos com o nosso grande Fabio topador. A aquisição será só pra evitar o desmembramento. Mas aqui se marca passo também. Se suber de alguma coisa lhe escreverei logo.

Me escreva sempre. A entrevista do Gui é (...) incrível. Como se deu o pessoal em Pirapora? Havendo perigo, salve mais documentos pra mim, cabeças, terras-cotas, etc. Ôh cachorrada!

Um grande abraço amigo pra vocês dois, você e Sílvio. Lembranças só pros amigos departamentais. Pode dar lembranças pro contínuo, mas não dê pro (palavra feia).

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 142.

48. Carta a Oneyda Alvarenga, 5 set. 1938

Rio, 5 de setembro de 1938.

Oneida

Só um bom-dia, aliás boa noitíssima que já são duas da madrugada, mandando a palestra. Como sempre, bem. Fiz uma anotação na última página sobre a qual chamo a sua atenção. Quando que vem? Meu telefone é 42-5554 e a hora melhor pra me achar em casa é das 12 e 15 às 12 e 50. Depois durmo e a criada não me chama antes de cinco horas. Geralmente então estou em casa até 18 horas pelo menos.

Não gaste suas férias aí, você se preocuparia. Ou Rio ou Minas. Vou bem, mas meio inquieto. Contarei quando estivermos juntos. Lembranças pro caro método [sic] e abraçe o amigo certo

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p.148-149.

49. Carta a Oneyda Alvarenga, 6 out. 1938

Rio, 6 de outubro de 1938

Oneida,

Recebi ontem a primeira conferência da História da Música em disco e que aqui já volta. Está excelente como síntese. Acho porém que você deve se preocupar um bocado mais com a parte literária da sua expressão. Observe mais atentamente as correções que fiz, neste sentido, e procure achar a razão delas: é um bom exercício de estilo. Mas não me refiro apenas a isso. Há também aquela coisa da *secura*, que será preciso evitar com maior atenção. No caso, concordarei de antemão com você que não se deve botar literatice numa História da Música, mas o certo também é que há lugar para lirismo interior até num livro de matemáticas. Tudo está no a propósito desse lirismo. Observo, por ex. que você não se permite a menor liberdade crítica pessoal. Você, que no entanto é tão vibrátil e gosta realmente de música, é incrível que não tenha se comovido diante do epitáfio de Seikilos [sic, Seikilos de Trales] à mulher que dava lugar a um pequeno... poema em prosa de entusiasmo evocativo. Não se esqueça que faz parte da didática também, obrigar os outros a amar as obras apresentadas. Vibre mais, menina boba, adquira a sua liberdade de sentir. Procure sentir também por si mesma o Gregoriano, e diga dele esse seu sentimento. Outro processo que aconselho é o que eu uso nas minhas conferências. No geral eu as escrevo um pouco mais longas (às vezes bem mais longas) do que o que leio. Certas partes, muito teóricas, eu as assinalo a lápis vermelho, e quando chego nelas não lhes faço a leitura, guardando a escrita pulada, exclusivamente para a futura publicação do todo. Por outro lado, há um lado vibrátil na palavra falada, de que não vejo cabotinismo algum, seja ele utilizado na oratória, que é um gênero sempre, de teatro. Quero dizer: também se pode e talvez se deva, numa conferência, ter discretos surtos de eloquência oratória, que, assinalados a lápis azul, serão depois, impiedosamente cortados na publicação. São truques, dirá você na sua violenta sinceridade juvenil. Toda arte é um convencionalismo, é um truque, uma

transposição para o melhor. E neste melhor estão justamente as qualidades da técnica e do material. Ora, a palavra é um material, como a escrita é outro. Desaproveitar suas qualidades expressivas, a maior longanimidade descritiva da escrita, ou a mais expressividade sentimental da palavra falada, é simplesmente ser ruim artista, desaproveitar o material. Não acha mesmo?...

Pequenas evocações literárias de uma época a que corresponde uma música; pequenas anedotas caracterizadoras de tal tempo ou tal artista; pequenas volúpias de entusiasmo; crítica pessoal discretamente desabusada; pequenas imagens e metáforas; comparações mordentes ou inesperadas com a vida contemporânea ou outras artes, pintura, arquitetura; paralelos de artistas de épocas diversas ou de artes diferentes: eis matéria suficiente para você bordar o seu livro de interesse e personalidade, valorizando a fatalidade nossa, de fazermos obra de vulgarização. O rigor científico é que não é material para obras de vulgarização.

Bem basta! Espero lá pelo dia 15 estar em S. Paulo para um descanso de semana. Lembranças a todos, e aguarde o abraço amigo do

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 150-151.

50. Carta a Paulo Duarte, 6 out. 1938

Rio, 6 de outubro de 1938.

Fiquei com preguiça de reler, aguento

Paulo,

Aqui vai um artigo pro Estado. Fiquei hesitante, sem saber se devia mandar diretamente ao Julinho, ao secretário do jornal, ou se me aproveitava ainda uma vez da sua amizade. Conclui pela amizade, antes de mais nada, por ser gostoso: aguenta firme, m'ermão! Mas mande me dizer, como farei na próxima remessa.

Amanhã principiam os exames de primeiro período e dia 15 ou 16 espero estar em S. Paulo para um descanso de semana. Vou aproveitar bem esse tempo se não me engano. É que já estou bem cansadamente como lá dizia o jornalista da praça da Sé. Além do mais, tive uma gripe bastante grave que por umas três semanas atrapalhou a linha serena. Bonito hein, linha serena pra significar a cotidianidade de viver. Só que não sei se ninguém me entenderá, sem notas à margem, ah, ninguém me entende, sou um incompreendido, sou... o que sou eu? Não sou, somos, meu caro Mário Raul de Moraes Andrade, múltipla criatura, espécie grátis de centopeia dos sentimentos e dos pensamentos.

Comunico-lhe que no mês passado fiz uma poesia, sobre o Rio, de puro entusiasmo pelico (de pele). Não vale nada, mas tem pelo menos quatro versos e um neologismo que justificam tudo:

Há deusas,
Há Vênus, há Domitilas,
Fazendo guanabaras
Por aí.

Que tal? Como é que ninguém ainda não descobrira que a palavra “guanabaras” significa todas as espertezas pélicas (de pele) provocadas pelo contato da natureza facilitadora, é que não sei.

Queria contar umas coisas mais sérias mas neste ambiente de carta em que, não sei como me instalei, não é possível. Vou parar, vou escrever pra minha mãezinha que anda muito idílica, coitada, muito sofrendo com minha falta. Eu noto, aliás, Paulo, que nós exercemos em nossas famílias, um papel muito importante e que não tem sido muito bem nem nada estudado até agora: o papel de alegria da casa. Esta alegria não consiste especialmente em ser a pessoa alegre, otimista, anedotística, da família, não. Consiste essencialmente na gente ser a... movimentação familiar, a pessoa que de repente tem vontade de comer um pato, por exemplo, ou de repente tem coragem de dizer sobre um parente qualquer uma verdade deslumbrante que toda a família precisava dizer, mas não tinha coragem dentro do convencionalismo familiar. Isso, custou mas achei, a alegria da casa é essa que traz pra o convencionalismo familiar a possibilidade de evasão; é o que decora e ao mesmo tempo esportiza a profunda, comovente, mas severa e bastante monótona humanidade familiar. Eu então, numa família onde ninguém ri, onde ninguém deseja, onde ninguém estoura pelos dourados caminhos do erro, eu sei, sem me supervalorizar, que estou mesmo fazendo uma bruta de uma falta em casa. A família anda agora naquela, sempre clara, sempre larga, mas tristonha luz do entardecer. Sinto pena. Não desejaria voltar pra S. Paulo, apesar disso.

Farei todos os esforços pra ficar no Rio, se possível, definitivamente. Não é questão de ilusões, não, devidas a um primeiro contato fácil. Não creio que no Rio me melhorem nem piorem, ou que eu melhore ou piore no Rio. No momento, o que me fortalece na decisão, é apenas um desejo, e os desejos são voláteis. Nada me garante, por enquanto, a permanência no Rio. A Universidade do Rio de Janeiro, criada por Pedro Ernesto, é a coisa mais construída na areia que já encontrei no meu turismo vital. Vamos a ver janeiro o que decide por mim.

Bem, ciao. Uma lembrança carinhosa pra Juanita, e este seu muitíssimo abraçado abraço do

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 166-167.

51. Carta a Paulo Duarte, 27 out. 1938

Rio, 27 de outubro de 1938.

Paulo

Fiquei desesperado com o seu telê. Não conhecendo fotografos bons, como contei pra você, tinha pedido ao Rodrigo que mandasse fazer o serviço para mim. Estava justamente no SPHAN esse dia um fotógrafo diz-que ótimo e prático no serviço de reproduções de interesse iconográfico.

Conversamos e ficou a coisa quase ajustada, não tendo o Rodrigo feito a encomenda só porque queria consultar o outro fotógrafo do SPHAN, por questão de possibilidade de maior barateza. Consulta que faria no dia seguinte (sic). Voo pra São Paulo, etc.. Voo pro Rio e no mesmo dia passo no SPHAN. Nada encomendado! O tal de fotógrafo presente à conversa e que, pela primeira vez aparecera no SPHAN, desaparecera sem deixar sinal e o outro estava - em serviço, fora da cidade. Devia

chegar segunda passada. Pedi urgência. Rodrigo ficou telefonar pra ele pedindo aparecesse assim chegado Rio. O homem chegou, apareceu (terça), recebeu encomenda e disse que sim mas só princípios semana que vem pois tinha compromissos impossíveis abandonar. Rodrigo (quarta) me fonou pra contar mas eu (Conselho Universitário, encomendas S. N. Propaganda) só apareci em casa 20 horas pra jantar. Seu telê! Dei esta manhã (quinta) todas as providências, pedi urgência, falei mesmo fotógrafo que se tivesse outro, digno, desse o trabalho a outro. Isso por recado, pois não me foi possível encontrar fotógrafo pessoalmente. Hoje (são 13 horas), tenho Conselho Universitário (15 às 18 horas), jantar com Mme Liddy Chiafarelli e levá-la ao Bakaus, que não sei como se escreve. A que horas virei pra casa preparar as duas aulas que tenho amanhã de manhã!... meu Deus! mas acredite que nem um momento descuidei suas fotos como a outra encomenda que já foi feita. Irá assim que consiga. Acredite.

Ciao com abraço

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 169-170.

52. Carta a Sergio Milliet, 3 nov. 1938

Rio, 3 de novembro de 1938.

Olha Sérgio, não sei se já falei, quando foi do seu outro romance que você me deu pra opinar, antes da publicação, não sei se já lhe falei com toda a asperidade de amigo, o que penso da literatura de você. E sempre me fica um remorso de não ser inteiramente amigo, como gosto. Aqui vai a opinião com um máximo de brutalidade, que o comentário em seguida, igualmente sincero, adornará de maior perfeição.

Você é exatamente o tipo do que, em esporte, a gente chama de reserva do primeiro time. Um tempo andei pensando que você era elemento do segundo time, ótimo, mas no segundo time, porém depois pensei melhor, com mais frieza de exatidão, mesmo porque sentia vagamente que pensar você segundo time era injustiça. E era mesmo, sem que nesta minha mudança, ou melhor, concerto de opinião, entre a mínima parcela do afeto de amizade que é muito grande, nem a enorme admiração que tenho pelos seus dotes de trabalho, de poder de organizar e dirigir as coisas. Não, você possivelmente não é segundo time, está no primeiro. Mas como reserva.

Quero dizer: Há em você uma estranha incapacidade pra criar a coisa marcante, a coisa que, mesmo quando não abre caminho, faz prosélitos. Isto não quer dizer que você seja, um originalíssimo, um inaferrável, enfim uma espécie de “fauve” solitário. Não, você não é nada disso e está bem dentro da nossa corrente geral de literatura. Mas há uma incapacidade qualquer em você pra, ou pelo tratamento do material, ou pela invenção dos assuntos, ser o que, como material, é por exemplo um Machado de Assis, ou, como temática, é um Raul Pompeia ou Lins do Rego. A palavra mesmo bem fiel que exprime o que eu penso é “marcar”: você não marca, você não faz obras marcantes. Está claro que “marcar” de forma alguma implica sempre maior perfeição. Pelo contrário, no geral os Shakespeare, os Da Vinci, os Beethoven de todas as artes, são muito mais imperfeitos que... as reservas. É muito raro, e quase sempre francês..., a gente, encontrar obra que seja marcante e ao mesmo tempo exemplo de perfeição, como La Fontaine, Racine, Cézanne (e assim mesmo...) Bach.

O que é um reserva de primeiro time? Não é um Leônidas, um Friedenreich marcantíssimos, mas irregulares, e que lá vem sempre um dia em que jogam mal, e não jogam nunca sem fazer alguma besteira. O reserva é o jogador excelente e que em qualquer circunstância, com chuva ou sol nos olhos, campo pesado ou juiz gatuno, joga sempre muito bem; não há como ele pra substituir na certa os potros demasiados sensíveis. E por isso irregulares.

Aquele dia que lhe disse ir começar a leitura do seu livro, circunstâncias, que não vêm ao caso, me impediram de fazer o prometido. Foi apenas um início de leitura que não mais retomei por excesso de preocupações nestes dias em que estou estudando essa desnorteante Renascença pros meus alunos. Mas hoje, sábado, principiei de manhã a leitura, repeguei o livro depois duma pequena ida ao meu Instituto e não pude parar mais, são quinze e meia e acabei de ler. O livro é ótimo. Uma prova que me empolgou está nas notas que tomei. No princípio com muita atenção, págs.. 1, 2, 5, 12, 16, 17, 22, depois já não achei nada até a pg. 28, e então foi a corrida final, só na pg. 74 me lembrei de novo de analisar o escrito.

Gostei muito dos dois personagens femininos, apesar de menos analisados que o Fernando, estão muito palpáveis, muito explicáveis, muito humanos. Ah, não será porventura do tom autobiográfico dos seus livros, da análise antiartisticamente muito sincera que você faz dum Roberto ou dum Fernando, justamente a tal ou qual mornidão, a como que espécie de falta de realidade, ou pelo menos de vigor do real, destes seus personagens masculinos? Você decerto conhece a anedota francesa do escritor realista, não me lembro se Maupassant, que copiou num romance, sem tirar nem por, um diálogo escutado, diálogo este que foi justamente censurado pela crítica por falta de realidade. Da mesma forma que o Roberto, o seu Fernando chega a ser virulentamente autobiográfico e nesse sentido o livro tem um sabor de intriga de que muita gente vai se aproveitar pra comentários discretamente sussurrados entre movimentos de comisseração de cabeça, é pau isso. Não me importo, Sergio, nem estou perguntando, se se trata ou não de autobiografia; mas há incontestável um sabor de autobiografia danado. Ora essa transcrição de si mesmo leva sempre a um tal ou qual cinzimento, a uma desvigorização natural em arte, que, mesmo quando está fazendo análise, está fazendo uma síntese. Por exemplo: dois caracteres marcantes do Fernando deste livro são o egoísmo e a abulia. Se trata positivamente, no livro, de um indivíduo muito sem vontade, ou melhor, sem a coragem das próprias vontades. O dualismo do Roberto se acentua neste livro de agora, num caso muito mais grave: o da legalização sacral do casamento, a que até os comunistas de alguma forma voltaram. Fernando se desespera abulicamente entre o burguesinho e o lírico que traz em si. Mas a luta não chega a um esplendor de psicologia. Há abulia mas esta não vem sintetizada em frases essenciais. Há egoísmo, você chega a pronunciar esta palavra, mas a natural contemplatividade com que todos nós nos observamos complacentemente em nossas vidas, não permite a você salientar com vigor o que há de odioso no egoísmo. Há cinismo, palavra que você mesmo pronuncia, mas você também aqui não salienta a indecência do cinismo de natureza psicológica. Mesmo porque, meu Deus! Ele não é de fato indecente na psicologia de cada um, é apenas, em cada um, a mesma fatalidade da unha que a gente corta mas torna a crescer e carece cortar outra vez. Agora: o livro reverte sempre a um universal, a obra-de-arte é sempre uma síntese neste sentido. E é neste sentido, que a obra-de-arte mais imoral, mais porca, mais indecente, é sempre moral, é sempre limpa, é sempre decente. A contradição intrínseca que me parece peculiar aos seus romances, e enfraquece o vigor dos personagens principais deles, é essa. Na análise dos outros seres, por isso mesmo que eles não são você, você os sintetiza com maior vigor de realidade universal, ao passo que nos seus personagens masculinos principais, você nunca os universaliza

suficientemente pra que fiquem no primeiro plano necessário. Talvez haja um bocado de masoquismo na odiosidade que você deu a Fernando, mas Fernando não chega a ser vigorosamente odioso pra que a gente tenha vontade de matar ele. Não se chega a tomar partido por esplendor, isto é, por sensação estética. Só tomará partido o moralista que, depois de lido o livro, ou no entremeio das leituras, pra refletir sobre morais, e então verifica dogmaticamente: que canalhinha, puxa! Devemos isolá-lo da SUCIEDADE! – Agora: suponhamos que você não queira dar ao seu personagem essa dominante de ruindade, mas apenas de abulia digna de comisseração. Era então a luta entre o anjo e o demônio, a incapacidade de domínio sobre um destes que você tinha de focalizar com mais luz no seu Fernando. Não terá você querido ser sincero com a vida, em vez de o ser com a arte, que é o que você estava fazendo?...

Bem, mas este tal ou qual cinzentismo do personagem principal não impede absolutamente que ele viva no livro, está claro. E viva bem. O livro está impregnante, e você soube muito bem dosar o interesse e o equilíbrio das partes, apenas de leve acenando pra alguma coisa extraordinária que vai suceder e que a gente fica esperando sem impaciência. Quando vem a anedota, a positivamente anedota do fim, é uma delícia. Depois, a gente pensando, fica com um pouco de raiva da anedota, pelo lado moralista que ela tem sem querer. Parece mesmo um castigo pro Fernando, em que a gente não pode pensar sem sorrir satisfeito. Esse safado estava gozando duas mulheres interessantes, bem feito. Mas o fato é que a anedota chega no ponto e é absolutamente inesperada.

Assim: penso que absolutamente você não deve duvidar do valor do seu livro, ele é excelente por muitas razões; e o senão, não conceptivo, mas de realização que aponte não é em nada tão grosso que impeça o valor do livro. Que deve ser publicado. Tem maior unidade que o Roberto. Ia dizer que este é mais divertido em sua maior variedade de situações, mas nem isso posso dizer por mim, pois que este me empolgou.

Tomei a liberdade de ir corrigindo no correr da leitura os erros notórios de datilografia. Agora passo em revista as poucas notas que tomei e que preciso consultar você sobre:

p. 1 – “Hoje em dia as cenas todas se recortam nitidamente em minha memória. Com um relevo que me parece até SENTIR dentro da cabeça.” Não me parece que seja esse o momento de aplicar o “hoje em dia” que neste caso me parece um galicismo inútil. Você quer exatamente dizer que agora, atualmente, “hoje” as cenas etc. Há uma sutileza de sentido no “hoje em dia” da nossa língua, pelo qual a atualidade a que ele corresponde significa “época”, a “atualidade”. “Hoje em dia” abrange pois uma quantidade qualitativa de tempo, que não implica apenas o passar do tempo, (no seu caso o descoramento fatal com que os fatos se enfraquecem em nossa memória) mas uma transformação radical de caráter de uma face pra outra. “Em criança eu chorava diante da morte, hoje em dia ela apenas me faz sorrir”. “No romantismo os homens é que desfloravam as mulheres, mas hoje em dia elas é que desfloram os homens”. “Você não imagina como eu sofri com isso ontem, mas hoje estou mais consolado”. “Há dois anos que busco uma consolação, mas hoje desisti de quaisquer consolos”. Na segunda frase citada, você põe “sentir” onde eu escreveria “senti-lo”, o relevo. Fica mais claro, de maior facilidade de compressão imediata. Consulte o Leo que sabe muito mais destas coisas que eu.

p. 2 – “Ninguém melhor DO que ela pra colocar ventosas. E a vaidade de LHE ouvir elogiarem os predicados...” evitaria o “do” que me parece inútil pro ritmo da frase. E na segunda frase mudava o “lhe” de posição. “E a vaidade de ouvir lhe elogiarem os predicados compensava-lhe as noites passadas em claro”.

p. 5 – “Você compreende QUANTO essa exibição involuntária da doente querida a estranhos comporta de diminuição, de humilhação, é A PALAVRA, para o amante”. Eu poria “Você compreende O quanto essa exibição etc. E não consigo entender o que é “é a palavra”, do fim da frase.

p. 12 – “As confidências tinham aproximado-nos mais”. Positivamente não. Ou “as confidências nos tinham aproximado mais” à portuguesa, ou “as confidências tinham nos aproximado mais” à brasileira.

p. 16 – “Como eu sinto, longe de SI, esse seu drama”. É “longe de VOCÊ” que se deverá dizer em boa linguagem.

p. 17 – Numa das vezes em que você persegue ou imagina perseguir a amazona, você comenta: “O segundo de indecisão que me reteve foi bastante para não descobri-la de novo. Podia ter tomado um bonde, entrado nalgum ARMAZÉM”. Você não acha que há uma tal ou qual impropriedade em fazer uma “amazona” a quem se persegue *liricamente*, entrar num *armazém*? Fica pau, assim. A não ser que se queira tirar justo um efeito de contraste (e não é o caso), há que ter sempre em conta a gradação de valor lírico das palavras. Porque entrar num armazém, e não numa loja, numa casa de modas, numa casa de chá? ou “entrado em qualquer parte”. Também na primeira frase do citado percebo agora uma leve impropriedade, preferiria “foi bastante pra que eu não a descobrisse de novo”.

p. 17 – “Desde sempre se lamentam sobre o número dois aqueles que SABEM, meu Deus, dentre os teus filhos”. É exatamente assim esse verso de Werfel?

p. 22 – “Quis beijá-la e ela virou o rosto de modo a entregar-me a fronte descoberta”. É “a fronte” ou “a nuca” que você quer dizer?

p. 28 – A última frase do cap X acaba textualmente assim: “Mas era uma luta desigual essa em que a todas as armas da outra só podia opor seu encanto sexual, sua fatalidade, seu “E fica nisso, arre, que até é pornografia, mas da grossa! “Seu” o que?”

p. 74 – “...em tudo isso eu só vejo, só sinto, só penso em Ana Maria”. Há exemplos, ou melhor, cochilos desses nos maiores clássicos, mas não será preferível escrever bem certinamente: “em tudo isso eu só vejo, só sinto Ana Maria, só penso nela”. Ou, com coragem mais brasileira: “em tudo isso eu só vejo, só sinto, só imagino Ana Maria”.

E mais não cheirei. A carta em que você me mandava o original não é bem explícita e careço duns esclarecimentos. Você diz “Se você achar que vale a pena publicar, mas que vale mesmo (acho) dê para a Revista do Brasil ou melhor, converse somente com o José Olímpio e devolva o papelório para o retoque final. Não sei bem o que você quer desse jeito. Prefere publicá-la na revista, de uma só vez? Aceita publicá-lo em dois ou três números? Quer que consulte o José Olímpio sobre as possibilidades de edição? Mande dizer o que quer, ou, qual a numeração de ordem das três alternativas, ou destas as que recusa.

Agora de tarde recebi uma carta sua sobre os dinheiros meus do Estado e os seus da Revista do Brasil. Muito obrigado pelos meus e vou tratar dos seus. Ainda não vi o que você publicou nela, mas se são versos, pelo que me conta o Murilo, creio que pagam cem mil reis que é o que recebo também pelas minhas crônicas. Não valerá a pena mandar dinheiro pelo correio, quando receber o devido, avisarei o quanto é pro Zé Bento, e ele o entregará a você, do que tem de meu com ele.

E, falar nisso: caso “A Vida não acaba bem” for pra Revista, quer pagamento pela publicação? Fiquei contente com as notícias de Paulo, que se divirta e descanse, que o merece. Pensei em escrever pra Lurdes ou pra d. Nini, mas é tão difícil escrever sobre estas coisas pra nossa geração. No século passado, logo o escritor chiava de gozo, sentava na escrivaninha e fazia uma lindíssima carta cheia de literatura e também

literatice. Hoje, a gente senta em frente da longínqua Remington, tudo parece falso, tudo parece literatice, um pudor sem vergonha atrapalha toda a sinceridade. Por favor diga a elas que penso constantemente nelas e sempre com imenso afeto.

Um abraço do

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 306-312.

53. Carta a Paulo Duarte, 15 nov. 1938

Rio, 15 de novembro de 1938.

Paulo

Nesta data venho congratular-me com o prezado amigo pelo grande progresso que tem feito a nossa querida pátria nesses já excessivos anos de república, vou passando bem mas você deixou saudades. Falta um cheirinho no ar e pra mim aquele exemplo assombroso de um sujeito cheio de coisas por dentro e capaz de dormir à metralhadora alerta dos bondes e automóveis desta rua do Catete que mais parece do cateto que rilha os dentes. Como vão as suas preocupações com a bibliografia holandesa? Que tal se aprendêssemos a língua flamenga? Outro dia enxerguei a rainha Guilhermina no cinema e continuei preferindo Nassau, como ela é gorda!

Sempre amigo

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 170.

54. Carta a Oneyda Alvarenga, 19 nov. 1938

Rio, 19 de novembro de 1938.

Oneyda

Estou com duas palestras suas pra ler e inda não li! piedade! piedade pra este amigo incredibilizado pelos mil e um disfarces do trabalho. Esta carta só tem um fim, convocar vocês, meus mais queridos,

você

Sílvio

Saia

Paulo Magalhães

Pro dia 24 na minha casa, depois das 16 horas, a hora que quiserem. O Fernando já convidei. Você faz favor de convidar os outros por mim. É que nesse dia minha mãe faz 80 anos, 80 anos! De maneira que estarei tão feliz que não poderei existir sem vocês. Exijo vocês, tenham paciência. Não conte a ninguém mais que vou pra S. Paulo. Chegarei aí pelo 20 avião de quarta e partirei no primeiro avião de sexta, de forma que não aparecerei no Departamento. Na noite de 23 tenho ocupação. Mas se o Saia quiser conversar comigo, diga a ele que apareça pra jantar dia 23. Acho bom pois teremos que conversar. E é só por hoje. Gostou das minhas “Cantadas” da Revista Acadêmica?

Abraços pra você e Sílvia

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 153.

55. Carta a Paulo Duarte, 21 nov. 1938

Rio, 21 de novembro de 1938.

Paulo

Não tenho o que dizer a você, fico sem o que dizer, sei é que estou num estado catastrófico. Inda por cima isto de não poder abraçar você na hora da partida. Mas você compreenderá minha razão porque faria o mesmo. Minha mãe faz oitenta anos no dia 24 e é mais que necessário que os filhos se congreguem em torno dela nesse dia. Fui obrigado a partir no primeiro avião de 23 por causa dos dispositivos a tomar para o nosso grande dia, que os meus ignoram o que são champanhas boas, vinhos caros e não têm, coitadinhos, a coragem feliz de gastar duzentos mil réis numa cesta de flores. Eu que vim de outras bandas da vida tenho que providenciar tudo isso. O mais trágico pra mim é ter desse jeito uma imensa felicidade emoldurada numa tristeza intensa, você. Não se misturam, é curioso, nem se combatem: tristeza de um lado, felicidade de outro.

Venho só lhe trazer meu coração de companheiro. Você use e abuse de mim, conte comigo em qualquer tempo, inteiramente grátis. Quando chegar a fase de cima, só estarei com você para o dia das grandes bebedeiras. Me escreva logo para eu saber onde lhe mandar coisas. Um abraço muito querido em Juanita. E a você toda a minha melhor fidelidade.

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 171.

56. Carta a Oneyda Alvarenga, 2 dez. 1938

Rio, 2 de dezembro de 1938.

Oneyda,

Hoje fiz uma descoberta muito importante. Fui comprar uma fita de tinta pra esta máquina, porque a parte preta desta fita em uso, já não dava positivamente mais nada. Comprei, mas vindo pra casa, desgostoso com mais esse gasto de sete mil e quinhentos, me lembrei que como não usara nem gosto de usar, a parte vermelha, ela inda sobrava e podia durar bem uns dois meses de escrevinhação e economia. Fiquei tão radiante que você nem imagina, e essa é a razão porque durante quanto der esta fita, vocês terão que me aguentar vermelho, paciência, maninha.

Recebi sua carta, tive uma bruta de inspiração e quis responder imediatamente. Mas não havia tempo, e as aulas a preparar. Mas agora, faltam quinze pras dezanove [sic] e às dezanove vou jantar com uns amigos: quinze minutos pra poetisa Oneyda Alvarenga Peixoto mineira. Deixa de pensamentamentos, minha senhora, poesia é assim mesmo. Quantas vezes não imaginei que a fonte tinha se acabado! e me lembro das vezes que o Manuel me falava a mesma coisa sobre ele... Um dia, um tempo a coisa

volta. É certo que as preocupações demasiado intensas e absorventes em que você vive, impedem uma continuidade de fluido poético. Os mais constantes em fluido poético são aqui como além-mar os de vida não menos intensa, está claro, mas com mais claros, mais esteadas de preocupações absorventes. Um Rainer Maria Rilke, um Murilo Mendes ou Jorge de Lima, está claro que hão de fazer poesia mensal, nós não. Mas há também que insistir e buscar os jeitos de favorecer o fluido, o tal de fluido. Ler, por exemplo, ler muita poesia. Você devia fazer mais isso, a despeito das suas preocupações. Não sei até que ponto você não conhece os nossos poetas do passado, há que lê-los. Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Varela, Castro Alves, Dirceu, Gregório de Matos, na satírica... Leu a antologia parnasiana, compendiada pelo Manuel? E a antologia romântica. São ambas ótimas pra não estar lendo excessos de inutilidade. Mas Cláudio Manuel, Dirceu, o *Uruguai*, são coisas que me parece importante ler. E a convivência também é ótima pra apressar a chegada do fluido, mas isso aí em S. Paulo, me parece quase impossível. Paulista é besta, tem vergonha de ler poemas, dar poemas pros outros lerem, comentar poemas. Mas quem sabe se com o Fernando, não ponha o Paulo Magalhães na roda, com o Fernando você poderá entreter maiores relações poéticas trocando com ele poemas.

E, meu Deus! comigo, com o Manu. Mande os tais poemas que você fez e acha horríveis pra mim. Direi com toda a sinceridade que é necessária com você o que acho. Começo eu, mandando aqui o único poema que fiz depois das guanabaras que você gostou. Deste gosto menos e o Manu gostou pouco. Ainda não tem nome. Diz assim:

Olha o balão subindo!
Mas quem foi o louco varrido
Que em novembro se lembrou de o soltar?...
– É o luar! é o luar!

E as casas! olhe pros arranhacéus,
Parece que estão se movendo
Com tantas janelas a chamar?...
– É o luar! é o luar!

E este céu cor de cinza,
E este mar cor de prata,
E o Cristo do Corcovado,
Olhe! parece um palhaço,
Parece um filósofo, parece até Cristo mesmo
Trepado no altar?...
– É o luar! é o luar!

E estas mãos irriquietas,
E o vento alcoolizado
E as caricias das ilhas,
E as narinas cheirando ofegantes,
E essa vela das praias do norte,
E um desejo de falar besteira,
De dançar por aí feito maluco
Esquecendo de amar!...
– É o luar! é o luar!

E o luar que inventa as árvores e os morros,
Vence as luzes da enorme cidade,
Vence a noite, vence os homens,
Vence as tristezas e os males do mundo...

Não acredite não, Pedro Correia,
Que vais te perder, vais esquecer que nem retrato,
A imensa dor multissecular.

(6-XI-38)

Não sei se contei atrás (estou acabando a carta no dia seguinte) mas o Manuel não gosta muito, acha que tem muito pra corrigir (também acho) e prefere sem as duas estâncias do fim, contra o meu voto. O Manuel não gosta dessas tiradas meio demagógicas, mas eu gosto, é do meu feitio. Proponha coisas mostre pro Fernando e me mande a opinião de vocês dois. E mande os poemas seus que acha ruins, quero ver porque são ruins.

Agora negócios: Seria possível você me mandar a organização dos fichários aí da Discoteca, ou pelo menos uma cópia do trabalho que você mandou pra Praga? O Muricy tem interesse nisso pra organizar o fichário aqui da Universidade, e me pediu. Lembrei de fazer a coisa oficialmente mas logo mandarei oficialmente pedir os discos de corais e o Maracatu pra Universidade, e isto oficialmente. Hoje estou com preguiça e precisamos da coisa.

O Ademar Vidal que foi a ajuda máxima da nossa missão na Paraíba, irá a S. Paulo por estes dias. Está claro que não peço pra vocês serem gentilíssimos com eles [*sic*] (apesar de paulistas...) porque isso vocês farão certamente, peço é pra mostrarem pra eles [*sic*] alguns dos discos colhidos na Paraíba e tudo quanto ele quiser ver e ouvir, esse merece.

Creio que também o Serviço Nacional de Propaganda está com ideias de pedir alguns fonogramas, já daqui pus todas as dificuldades mas parece que assim mesmo mandarão um representante até aí. Faça o impossível pra não dar ou então pra, caso o prefeito mande dar, aproveitar a ocasião pra tirar matrizes. Eu acabei dizendo pra eles que eram peças muito grosseiras e sem arranjo musical agradável, e falei nos discos de corais (Coral Paulistano) e no Maracatu de Chico Rei. Veja se também desencaminha o pessoal pra isto. Da mesma forma vai por aí uma senhora que está fazendo filmes brasileiros coloridos e sincronizados, filha de, ou mulher de embaixador pedir fonogramas. Se de tudo isto resultar matrizes pode dar até os melhores fonogramas, não faz mal. Pois são filmes que vão fazer, e filmes de propaganda do Brasil. Mas faça burocracia e de forma a que se obriguem a não converter as coisas em disco, só filme. Assim ninguém saberá estudar a coisa cientificamente e o faremos nós, na Discoteca aí. E é bom reservar uns cinco ou seis fonogramas feios pra mostrar pra essa gentarada e desencaminhar pela desilusão. Quanto à frequência é o diabo, mas o que fazer? Acho você otimamente bem orientada. O Curso de Harmonia é ótima ideia. O Franceschini sabe de verdade, é um pouco pau, mas sabe de verdade e fará coisa útil. E é só, Oneida. Que Deus nos proteja de gregos e troianos, e enquanto isso vamos nos abraçando na pureza irreal das amizades.

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, pp. 157-160.

57. Carta a Sergio Milliet, 14 dez. 1938

Rio, 14 de dezembro de 1938.

Sergio,

é com assanhamento de namorado que lhe escrevo. Acabo de receber sua carta agorinha mesmo, e fiquei satisfeito por ver que você soube compreender, perdoar e levar a bom termo do sorriso final da carta, a minha infelicíssima expressão de “reserva” que lhe atirei sem a menor delicadeza intelectual. E principalmente sem verdade. Mande a carta, uma coisa principiou roncando dentro de mim e de-noitinha, quando dou meu passeio costumeiro depois do jantar, sozinho, pela praia, reparei que tinha falado uma besteira. Fiquei completamente desgraçado. Naquela segurança muito positiva de que você não era segundo time, quis especificar de que forma você era primeiro time, e abusando da comparação achei uma terminologia desgraçada que ainda piorou mais a coisa, porque a tornou degradante. Principalmente me veio súbito no espírito a verificação danada. Segundo time não corta a vaga do sujeito passar pro primeiro e consequentes ascensões, mas ser reserva do primeiro é justamente deixar o indivíduo incapaz de ir no escrache pra Europa, é cortar a vasa, é negar qualquer possibilidade de ascensão, porque já situa o sujeito num máximo. Mas num máximo subalterno. E então, com a clarividência da noitinha mansa, começaram a aparecer os argumentos mais perfeitos. Ora do que eu me servi pra botar as pessoas no primeiro time? Simplesmente de um critério, que poderá ser bom, mas não pode nem deve ser o único: o fato de ter escrito obras marcantes. Mas começaram a surgir em massa no meu espírito, criadores positivamente de primeiríssimo time e que não são marcantes, como Charles Péquin e Segonzac na pintura atual, ao passo que um “marcante” como Van Dongen por exemplo, ou Zuloaga são reverendas inferioridades. Repare Mario Puccini e Palazeschi, primeiro time na literatura italiana atual, e bem menos marcantes que Martinetti, uma besta. Jules Romain é outro, bem menos marcante (em qualquer sentido desta palavra) do que o autor de *Fermé la nuit* que não me lembro o nome. Por outro lado, estou lendo nas frinchas do tempo, que o trabalho agora é enorme na reta final dos cursos, estou lendo os *Ensaio*s. E vendo o efeito que estão tendo. Positivamente os seus estudos sobre Gilberto Freyre são luminosos, talvez o que de mais livremente contemplativo e crítico já se tenha escrito sobre ele o Rosario Fusco, sem intriga, acha os seus artigos paus, mornos. É sempre a tal história: ausência do marcante. Positivamente, você raro empolga: mas inferir daí que é ruim, é estupidez. Pau, não direi, mas há em você aquela mesma mornidão, aquela mesma identidade, aquela mesma igualdade de atitude, de calma, de equilíbrio, que a gente encontra na obra de um Jules Romain, ou de um Proust. Fatiga. Mas Proust, pelas mesmíssimas razões também me fatiga e jamais pude ler dele mais de páginas em seguida. E os poetas ingleses, a meu ver os mais grandes líricos, os que eu prefiro, também me fatigam enormemente e leio em gotas. Mas o pior é a reação que estão causando os seus malfadados artigos sobre literatura nordestina em comparação com a paulista. Estão dando uma raiva no pessoal que você nem imagina. Outro dia encontrei o próprio Graciliano, que não é nenhuma criança em idade, e é calmo de espírito, e, cá pra nós, é um gostoso de rebaixar os outros nordestinos, para poder ficar de cima, e tem uma visível inquietação diante de Jorge Amado e Lins do Rego, pois encontrei o próprio Graciliano num tal e tão abespinhado estado de raivinha contra você que me diverti foi muito.

Em tudo isto, Sergio, o que mais me inquieta sou eu mesmo. O que haverá de mais perfeito em mim, de mais digno de ser posto à mostra dos outros seres, meu Deus! Ando perfeitamente infeliz nas minhas expressões e atitudes, é o diabo? E começo a pensar. Até que ponto foi maldade não consciente a expressão estúpida que usei com você e que se não feriu foi mesmo por exclusiva superioridade sua? Mas em compensação outros amigos, se têm ultimamente ferido muito com expressões minhas. Mas não é só ultimamente, sempre. Tenho uma grosseria interior desgraçada. Se lembre que principiando por brincadeira e verdadeiro, sim, sincero interesse de amigo, a bancar o advogado do diabo contra o livro do Paulo Duarte, se lembre que chegou um momento naquela desgraçada noite da leitura do meu escrito, em que houve em toda a gente um verdadeiro mal estar. Principalmente em mim. É que eu tinha desenvolvido uma faculdade tão diabólica de ferir e atacar, que a coisa estava, sob aspecto de brincadeira, ferindo de verdade. Teve um momento em que senti o Paulo perfeitamente antagonista, a voz dele vibrou daquele jeito cortante e ácido que toma quando ele está nas grandes ocasiões de antagonismo. Até hoje me maldigo do que fiz. Deve haver em mim, inadvertido até agora, mas de agora em diante imperdoável, um enorme despeito, uma visão muito grave de inferioridade pessoal, que me leva a essas diabólicas “vinganças” contra mesmo aqueles que incontestavelmente mais estimo, mais quero bem. E esta inferioridade eu não quero ter. Este ano, bem entendido, as coisas se justificam mais. Sofri e sofro por demais ainda. Agora então, a possibilidade de ida de meu irmão também, em exílio, pra Europa, coisa de que fomos secretamente avisados, coisa que virá, se acontecer, desnortear moral e financeira completamente a família, você imagine como tenho vivido sobre brasas. Não gasto um tostão, não compro uma laranja pra me alimentar, sem lembrar dele, e que o terei de sustentar na Europa. O resultado mais curioso de tanto sofrimento íntimo, é o estado de negativismo em que estou. Sempre fui um otimista. Mas agora, se já na aula inaugural, demonstrara vago o meu negativismo, sem querer, sub-repticiamente, o que me movia em meus cursos era uma verdadeira intenção de solapar intelectualmente os meus alunos. Na intenção maldosa, cheguei mesmo a dar aulas brilhantes, os alunos ficavam presos, todos ficaram meus amigos todos me querem muito bem, mas, como me disse uma das minhas alunas mais inteligentes, “minhas aulas faziam mal”, havia momentos em que ela tinha um verdadeiro malestar (*sic*). Só então entrei em mim, e isto fazem apenas três aulas, e mudei de rumo, porque no fundo do fundo sou bom. Abandonei a ironia abandonei o sarcasmo com que às vezes durante quinze minutos afirmava e definitivamente provara uma afirmativa, pra depois de um golpe, destruí-la, abandonei a impassibilidade de não dar opinião, e foi um esplendor. Tenho outra aluna, que dizem meia amalucada, pelo jeito abrupto dela, filha do Macedo Soares jornalista, senti por ela o que estou agora causando de útil. Estava um grupo conversando de alunas, as telas por ali, comentando as aulas novas, passei, ela correu, me puxou pelo braço, levou por meio delas e “Estamos comentando suas aulas. Estas últimas então, estiveram desacatantes”. E o riso de simpatia de todas concordava. Sou por demais sensível e apaixonado. Vem brisa e me modifica todinho. Isto não é ser professor, nem é ser nada. Só me gosto mesmo, é naqueles primeiros tempos de modernismo, até 25 talvez, em que não tinha ainda em mim a excessiva presença de mim mesmo, e só via gênios em torno. É possível que eu estivesse errado então, mas tinha comigo o que mais me parece sublime no espírito, a generosidade.

Bom, desculpe estas confidências. Desculpe tudo e publique o seu livro. Se quiser pensar um bocado mais sobre ele, retocá-lo mais, contra isso não serei, porque retocar sempre é possível. Mas publique que é muito bom. Vou falar com o Zé Olímpio sobre a possibilidade do livro de contos. E ainda não sei quanto lhe pagarão pelo seu

artigo na Revista do Brasil. Tenho telefonado centenas de vez pra lá mesmo porque também tenho a receber. Mas a redação vive fechada. Assim que subir qualquer coisa avisarei pra lá. Mande me dizer exatamente onde que você está morando, é na casa do Paulo? Não gosto de mandar cartas para estabelecimentos públicos.

Lembranças pra Lurdes e um abraço do

Mário

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 312-315.

58. Carta a Rubens Borba de Moraes, 23 dez. 1938

Rio, 23 de dezembro de 1938.

Rubens

O Florence me escreveu uma carta a respeito da contribuição que daríamos pra sustentar o Paulo na Europa. Não sei de quem partiu a ideia ótima, sei que o Nino já me falara no mesmo e eu concordara em contribuir. Contribuo sim e como o Florence me disse que você era o encarregado de coletar os cobres, escrevo a você sobre. Tinha combinado com o Nino Gallo, dar a ele o dinheiro aqui (50\$000 mensais, não é isso?) e ele os passaria com os dele para você. Não sei se já passou, sei que ontem fui vê-lo pra lhe entregar a minha quota e ele não estava. Isso é o diabo pra mim que vou raríssimo na cidade e sequer na Cinelândia apareço. Estou vivendo uma incrível de vida, principalmente agora que enfim todos os sucessos do ano deram no que tinham de dar nesta chama da vela que mais não sou: a Crise. Uma depressão nervosa total (não conte a quem possa levar a notícia em casa, a quem minto que estou ótimo), uma angústia pavorosa que me fecha as entranhas dia e noite e me impede respirar, com mania de perseguição que me faz desconfiar dos indivíduos que sentam ao meu lado no bonde, enfim e literalmente: Crise. Bom, na “incrível vida” vivo de estudo e álcool. Estudo e dou lições de dia e me alcoolizo de noite pra poder dormir. Mas isso não tem importância: o importante é que não vou nunca na cidade por causa dos estudos e trabalhos na Universidade. E perder tempo em busca do Nino é pau. Tinha dinheiro em S. Paulo mas já não tenho por ter chegado, antes que eu esperava, o tempo de repor o resto do dinheiro do Serviço do Patrimônio, do Rodrigo, que estava em meu poder, cinco contos e tanto, e que eu gastara em minha mudança pra cá e instalação. E minha família está financeiramente na merda também. Vamos fazer uma coisa: o Luís Saia deve vir passar uns dias no Rio agora. Quando voltar levará o dinheiro cotado, e depois mensalmente o Zé Bento lhe entregará do que eu receber no Estado, a quota imaginada. Fica bom assim? Não faça o Zé Bento estragar já este mês porque... o dinheiro já está gasto. Mas aqui tenho o suficiente para mandar.

Uma coisa só fica entendido entre nós e peço guardar consigo por enquanto. Tivemos aviso (e foi uma das causas que acabaram por me derrear) que meu irmão também está na lista dos próximos futuros exilados. Você que nos conhece pode bem imaginar que desastre financeiro isso será para nós, além dos outros desastres que será. Deus queira que não! deixarei de concorrer na quotidianização do Paulo, porque terei muito naturalmente de ser o mais forte sustentáculo de meu mano na Europa, guardando pra mim apenas o suficiente pra existir.

Comunique ao Florence que respondi a você e não a ele, porque agora tenho de economizar tempo com cartas. Questão de excesso de trabalho.

Bom Natal pra vocês.

Mário

MORAES, Rubens Borba de. **Lembrança de Mário de Andrade: 7 Cartas**. São Paulo, Diana Mindlin (ed.), 1979.

59. Carta a Oneyda Alvarenga, 31 dez. 1938

Rio, 31 de dezembro de 1938.

Oneyda

Fiquei maravilhoso de prazer com o telê de você e do Sílvio, meus amigos. Espero no princípio do ano de amanhã, que decerto não poderá ser pior que este, lhe escrever mais longo sobre seus versos. Aqui lhe mando um conto que depois você passará ao Sérgio Milliet pra ler.

A você com Sílvio, o meu desejo de bom Ano... Bom e a minha melhor amizade

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 165.

60. Bilhete a Oneyda Alvarenga, sem data

Oneyda

Como não sei exatamente o novo endereço do Sérgio, peço a você mandar entregar urgente a ele a carta e artigo que aqui vão. Obrigado.

Mário

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 161.